



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**



**NÁGILA ALVES DA SILVA**

**PROCESSO IDENTITÁRIO, COLORISMO E AUTOACEITAÇÃO NO ROMANCE**  
***DEUS AJUDE ESSA CRIANÇA*, DE TONI MORRISON**

**TERESINA- PI**

**2023**

NÁGILA ALVES DA SILVA

**PROCESSO IDENTITÁRIO, COLORISMO E AUTOACEITAÇÃO NO ROMANCE  
*DEUS AJUDE ESSA CRIANÇA*, DE TONI MORRISON**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura, memória e cultura. Linha de pesquisa: Literatura, historiografia e memória cultural.

**Orientador (a):** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Algemira de Macêdo Mendes

TERESINA- PI

2023

S586p Silva, Nágila Alves da.  
Processo identitário, colorismo e autoaceitação no romance *Deus Ajude  
Essa Criança*, de Toni Morrison / Nágila Alves da Silva. – 2023.  
119 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,  
Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, *Campus* Poeta Torquato  
Neto, Teresina-PI, 2023.

“Orientadora: Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes.”

“Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura.”

1. Literatura Afro-Americana. 2. Mulheres Negras. 3. Colorismo.  
4. Identidade. 5. Toni Morrison. I. Título.

CDD: 801.95



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

### TERMO DE APROVAÇÃO

PROCESSO IDENTITÁRIO, COLORISMO E AUTOACEITAÇÃO NO ROMANCE DEUS  
AJUDE ESSA CRIANÇA, DE TONI MORRISON

NÁGILA ALVES DA SILVA

Esta dissertação foi defendida às 15:00h, do dia 11 de Abril de 2023, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

*Algemira de Macêdo Mendes*

Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes – (Orientadora)

*Cristian Souza de Sales*

Profa. Dra. Cristian Souza de Sales – (1º Examinadora)

*Ruan Nunes*

Prof. Dr. Ruan Nunes Silva – (2º Examinador)

Professora Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes – UESPI  
Membro interno (Suplente)

Visto da Coordenação:

*Franklin Oliveira Silva*

Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

UESPI - Núcleo de Pós-Graduação (NPG) | Rua João Cabral, 2231 – Bairro Pirajá, CEP 64002-150  
Teresina – PI, Brasil. Telefone: (86) 3213-2547 | Ramal - 371  
Site: <https://www.uespi.br/mestradoemletras/> E-mail: [mestradoemletras@prop.uespi.br](mailto:mestradoemletras@prop.uespi.br)

À minha mãe (*in memoriam*), mulher negra,  
com quem aprendi a lutar.  
A todas as meninas e mulheres negras.

## AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de lembrar, nesse momento especial, das pessoas mais importantes da minha vida, que me ajudaram na realização dessa pesquisa. Sei que nada eu teria feito se não fosse a ajuda e força de meu Deus amado, que, durante essa longa jornada, com várias provações, sempre esteve ao meu lado e sem Ele esse sonho não seria real. Até, aqui, o Senhor tem me ajudado e me dado suporte.

Ao meu esposo, Evanheldo, pelo cuidado e carinho de todos os dias. Por me apoiar desde a seleção de mestrado, ter vibrado com minha aprovação e ter segurado a barra durante esses dois anos. Pelo colo e palavras de ânimo quando eu estava ansiosa e aflita nos dias improdutivos e de dúvidas nos quais polemizava sem propósito. Sua sabedoria, calma e amor me impulsionam e me inspiram. Obrigada por cuidar da nossa casa e de mim durante esse processo. Sou grata por apoiar meus sonhos e me incentivar diariamente.

À minha mãe, Maria Dilza, *in memoriam*, por ter me ensinado, desde criança, que estudar é importante, sendo a única forma de nós, pessoas negras, ascendermos socialmente. Ela não pôde estudar, mas educou os cinco filhos para a independência e o conhecimento. Minha mãe sempre teve consciência do quão importante é o conhecimento e o quanto ele pode mudar a vida das pessoas. Ela sempre dizia: “estuda, minha filha, para ser alguém na vida”. Ela investiu seu tempo e o pouco dinheiro que tínhamos para pagar escola de reforço para mim. Sempre foi uma mãe muito preocupada com os estudos dos filhos e netos. Infelizmente, eu a perdi muito cedo, por isso ela não viu eu me formar, nem viu a mulher que me tornei, mulher essa que teve e sempre terá ela como a maior referência e inspiração.

Ao meu pai, Antônio, por ser o meu maior apoiador e incentivador. Obrigada, pai, por todas as madrugadas que você vinha me dá um cheiro e dizer que daria tudo certo. Isso me deu muita força. Meu pai tem exercido o papel de pai e mãe há anos, tentando suprir de todas as formas a ausência de minha mãe. Seu Antônio é o melhor pai do mundo, sempre muito cuidadoso e amoroso.

Ao meu irmão e padrinho, Antonio José, que exerce também o papel de pai em minha vida. Meu irmão sempre foi muito preocupado com os meus estudos, pagava cursos e pré-vestibulares, além de me dar os melhores conselhos em relação à vida profissional, é minha maior referência no âmbito da educação. Gratidão por todo incentivo, força, cuidado e pelas palavras sábias nos dias difíceis.

Aos meus outros irmãos, Cristovão, Silvana e Domingos, bem como toda a minha família pela força e cuidado, por me darem suporte, compreenderem o meu distanciamento

durante esse processo e por vibrarem comigo em todas as minhas conquistas. Em nome deles, agradeço a todos os meus familiares.

À minha cunhada, Rosário Melo, por todo suporte, conselhos e cuidado com minha saúde durante essa jornada. Sou grata por todas as palavras de incentivo, preocupação e amor destinados a mim durante esse trabalho.

Agradeço profundamente à minha orientadora, Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes, destacada referência nos estudos de gênero. Foi minha professora na graduação e, anos depois, minha orientadora. Gratidão por ter me aceitado como orientanda, pelas palavras de incentivo, todo conhecimento compartilhado e ajuda durante toda a trajetória, além de orientadora, tornou-se uma grande amiga. Serei sempre muito grata pelo seu acolhimento, cuidado e por me dar oportunidade de aprender e contribuir nos Simpósios e Colóquios por ela organizados. Algemira é uma das grandes referências para mim e muitas pesquisadoras de nosso país.

Aos demais professores do PPGL/UESPI, com os quais eu tive o privilégio de conviver e que muito me ensinaram, em especial ao professor Dr. Ruan Nunes, que muito contribuiu com minha pesquisa, desde as referências teóricas às palavras de incentivo e ânimo. Ruan tornou-se um amigo. Foi um anjo, sempre muito solícito, sábio e disposto a ajudar durante todo o processo da pesquisa.

À professora Cristian Sales pela leitura e importantes contribuições dadas a este trabalho. Sua potência e representatividade são referências para mim e para todas as pesquisadoras negras de nosso país. Tê-la nessa banca, como avaliadora desse trabalho, têm muitos significados.

À professora Dra. Solange Santana Guimarães Moraes, da Universidade Estadual do Maranhão, *Campus Caxias*, que, antes mesmo que eu pudesse sonhar com este Mestrado e com este estudo, me incentivou e direcionou por onde caminhar. Foi ela quem me apresentou à pesquisa, me ensinou a pesquisar durante a graduação e me ajudou muito durante meu processo de autoaceitação e autorreconhecimento enquanto mulher negra através de indicação de livros e dos nossos encontros em sua casa e na Universidade, que sempre foram regados de muito aprendizado e carinho.

Sem esquecer, aqui, da fomentadora financeira de minha pesquisa, a Fundação de Amparo à Pesquisa no Piauí - FAPEPI, que custeou os materiais necessários para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas da turma 11º do Mestrado Acadêmico em Letras da Uespi, em especial, as pessoas que se tornaram meus amigos: Nayane, Ieda, Maria do Carmo, Luciana e Paulo Bógea pelas discussões, força e as trocas incríveis que tivemos.

À Nayane, que se tornou minha irmã de pesquisa. Conhecê-la foi um dos grandes presentes proporcionado pelo mestrado. Dividimos alegrias, dores, dúvidas e conquistas. Obrigada por sempre estar disposta a ouvir meus lamentos, bem como as dúvidas, por mostrar soluções e ideias para compor o *corpus* do trabalho. Por ser luz e ter tornado essa jornada mais agradável. Eu não conseguiria chegar até aqui sem sua parceria, minha amiga e irmã.

À minha conterrânea, Ieda, por ser auto astral, motivadora e sempre ver o lado positivo das coisas. Me tirou muitos sorrisos nos dias nublados, sempre me incentivando. Encontrei uma grande amiga e parceira.

À Maria do Carmo, sempre muito amável e preocupada com meu bem-estar e com o andamento da pesquisa. Obrigada pelo carinho, a troca incrível que tivemos e pelos compartilhamentos de referências teóricas e literários. Ela é uma potência.

À minha amiga e irmã de alma, Rute, que me apoiou e ajudou a construir o pré-projeto da seleção de mestrado, me acompanhou desde o processo seletivo até a conclusão dessa pesquisa e que sonhou este trabalho comigo. Obrigada por acreditar no meu potencial quando nem eu mesma acreditava. Pelas orientações, orações e por nunca soltar as minhas mãos. Gratidão por todo companheirismo, irmandade e por sempre me apoiar e incentivar.

Às minhas amigas Graciete e Fernanda, por sempre estarem presentes em minha vida, me apoiarem, ouvirem meus lamentos em dias difíceis e vibrarem com minhas conquistas. Meu muito obrigada.

Aos meus pastores, Marcos Bezerra e Tatiana Bezerra, pelas orações, apoio espiritual, incentivo, amor e cuidado durante esse processo.

Às minhas e meus ancestrais, tendo certeza que se fizeram e fazem presentes em minha vida de maneiras diversas.



“Já não é aceitável apenas fabular nossa presença – ou fabulá-la por nós. Sempre estivemos fabulando a nós mesmos. [...] Somos os sujeitos da nossa própria narrativa, testemunhas e participantes em nossa própria experiência e, não por acaso, na experiência daqueles com quem entramos em contato. Não somos “o outro”. Somos escolhas.”

(Toni Morrison)

## RESUMO

O romance *Deus ajude essa criança* (2018), de Toni Morrison, apresenta temas contemporâneos concernentes aos estudos de gênero, raça e cultura dentro da literatura afro-americana. Em decorrência disso, essa pesquisa objetiva analisar as questões de identidade, colorismo e autoaceitação das personagens femininas negras Bride e Mel, que acarretaram várias sequelas que interferiram e interferem nos dias atuais na construção da identidade e aceitação da mulher preta. Dessa forma, intentamos lançar o olhar sobre o modo como os tons da pele são encarados dentro do romance e como essa característica afeta as relações entre as personagens e seus modos de vida. Apresentaremos, também, os mecanismos que a autora usou na obra para correlacionar o colorismo, tema pouco discutido na atualidade, com os fenômenos que contribuem para a formação da identidade da pessoa negra e sua autoafirmação enquanto mulher negra. Priorizamos, nesse trabalho, a análise desta obra sob a ótica do feminismo negro, em que utilizamos as bases teóricas de Hooks (2019), Collins (2019), Kilomba (2019), Akotirene, (2019), pois entendem como funcionam os processos identitários da mulher negra. Para discutir os processos das identidades, fizemos uso das teorias de Hall (2020), Gomes (2020), Woodward (2020). Além disso, contamos também com as teorias de Morrison (2020), Almeida (2021) e Devulsky (2021), que versam sobre o racismo e o colorismo. O discurso literário tem a capacidade de evidenciar as transformações sociais que ocorrem no mundo ao passo que, também, influencia novas mudanças. *Deus ajude essa criança* trata e reflete sobre a não aceitação da mulher negra pela sociedade e como isso afeta a sua autoafirmação, gerando consequências trágicas desde a infância e que perduram ao longo da vida. Observamos, no romance, como a identidade influencia no processo de aceitação da mulher negra e como as pressões sociais e os ideais do grupo dominante interferem na maneira como personagens de um grupo minoritário se percebem. Através da escrita de mulheres negras, como Toni Morrison, manifesta-se uma forma de emancipação e militância por humanizar suas personagens e permitir que elas possam erguer suas vozes como ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação.

**Palavras-chave:** Literatura afro-americana; Mulheres negras; Colorismo; Identidade; Toni Morrison.

## ABSTRACT

The novel *God Help the Child* (2018), by Toni Morrison, displays contemporary themes concerning gender, race, and culture within African American literature. Therefore, this research aims to analyze the issues of identity, colorism and self-acceptance of the Black female characters Bride and Mel, which led to sequelae that interfered and still interfere in the construction of the identity and acceptance of Black women. In such manner, this work intends to look at the approach given to skin tones in the novel and how this characteristic affects the relationships between the characters and their ways of life. The mechanisms that the author used in the novel to correlate colorism, a topic hardly considered, with the phenomena that contribute to the formation of a black person's identity and their self-affirmation as a black woman are presented. In this project, priority was given to analyzing the novel from the perspective of Black feminism, in which were used the theoretical foundations of Hooks (2019), Collins (2019), Kilomba (2019), Akotirene, (2019), as they understand how the Black women's identity processes work. To discuss those processes, the theories of Hall (2020), Gomes (2020), Woodward (2020) were considered. In addition, the theories of Morrison (2020), Almeida (2021) and Devulsky (2021), which deal with racism and colorism, are also relied on. Literary discourse can highlight the social transformations that occur in the world while also influencing new changes. *God Help the Child* deals with the non-acceptance of Black women by society and how this affects their self-affirmation, generating tragic consequences from childhood lasting throughout life. It was possible to observe in the novel, how identity shapes the process of acceptance of Black women and how social pressures, and dominant group's ideals interfere in the way characters from a minority group perceive themselves. Through the writing of Black women, such as Toni Morrison, a form of emancipation and militancy is manifested by humanizing their characters and allowing them to raise their voices as an act of resistance, a political gesture that challenges domination policies.

**Keywords:** African American literature; Black women; Colorism; Identity; Tony Morrison.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>2 A LITERATURA AFRO-AMERICANA DE AUTORIA FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>18</b>
2.1. ESCRITORAS E ESCRITURAS DE MULHERES AFRO-AMERICANAS .....	23
2.2. AO ENCONTRO DE TONI MORRISON .....	33
2.3. A FONTE DE AUTOESTIMA: ERGUER A VOZ COM O FEMINISMO NEGRO.....	40
<b>3 “ELA ERA TÃO PRETA QUE ME ASSUSTOU”: RAÇA, RACISMO, COLORISMO E IDENTIDADE (S) .....</b>	<b>53</b>
3.1. QUESTÃO DE RAÇA: TRAUMAS, DORES E O RACISMO COTIDIANO .....	58
3.2. “QUANTO MAIS CLARA, MELHOR”: COLORISMO E O PRECONCEITO DE COR .....	72
3.3. IDENTIDADE E AUTORRECONHECIMENTO DA MULHER NEGRA .....	83
<b>4. <i>DEUS AJUDE ESSA CRIANÇA: AUTOACEITAÇÃO E INTERSECCIONALIDADE</i> .....</b>	<b>94</b>
4.1. CORPOS ESCRAVIZADOS E CORPOS NEGROS .....	95
4.2. <i>ADEUS A TUDO AQUILO: AUTOACEITAÇÃO, AUTOAFIRMAÇÃO E EMPODERAMENTO</i> .....	101
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente dissertação intitulada “Processo identitário, colorismo e autoaceitação no romance *Deus ajude essa criança*, de Toni Morrison”, tem por objetivo investigar o romance à luz da crítica literária afro-americana e do feminismo negro. A identidade é construída socialmente e concedida a grupos específicos e marcada pelas diferenças em tais grupos. Dessa forma, abordaremos, na obra, como esta construção afeta a maneira como as personagens femininas Mel e Bride se percebem e/ou se aceitam como negras, bem como a maneira pela qual a “cor da pele” das personagens influencia nesse processo de construção identitária.

Nosso problema de pesquisa consubstancia-se na investigação de como são apresentados os processos identitários das personagens negras Bride e Mel no romance *Deus ajude essa criança*, compreender como o cotidiano vivenciado por elas, no ambiente familiar e social, influenciou na construção de suas identidades enquanto mulheres negras e como os efeitos perversos do colorismo atrelado ao racismo influenciaram essa construção, tendo em vista que “corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão *fora do lugar* e, por esta razão corpos que não podem pertencer” (Kilomba, 2020, p. 56, grifo da autora).

Acreditamos que as obras literárias afro-americanas contemporâneas de autoria feminina marcam um tempo de modificação e renovação das produções literárias, antes fechadas e homogêneas, limitadas apenas ao ocidente machista e patriarcal, para uma escrita decolonial. Isso vai além de manifestações artísticas ou do desejo das mulheres negras em participar da literatura afro-americana.

Suas produções se constituem como uma ação política que traz para o centro das narrativas temáticas referentes aos seres invisibilizados pela estrutura social. Além disso, essas produções têm como intuito propiciar igualdade racial e de gênero e garantir espaços de escuta para que os subalternizados pela supremacia branca e patriarcal possam erguer suas vozes e serem ouvidos através da ficção que, na maioria das vezes, reflete os acontecimentos vivenciados na vida real.

O interesse pelo romance *Deus ajude essa criança* surgiu pela necessidade em conhecer obras de escritoras negras. Isso ocorreu quando eu estava escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e estava passando pelo processo de autoaceitação e autorreconhecimento enquanto mulher negra. Em algumas das minhas pesquisas, cheguei a Toni Morrison e fiquei impactada com as suas contribuições para a expansão da literatura

afro-americana, bem como a estratégias que ela utiliza na sua escrita para retratar a vida e subjetividades das mulheres negras em suas obras. Toni Morrison gera espaços de escuta e liberdade para mulheres negras expressarem seus anseios, medos e dificuldades em conseguirem viver dignamente nos Estados Unidos, mais especificamente, sobre o racismo, como ele gera traumas e cicatrizes eternas na vida das afro-americanas, pois, segundo a escritora, “o racismo faz diferença. Ser um Outro neste país faz diferença”. (Morrison, 2019, p. p. 17). A partir disso, comecei a me aproximar da escrita de Morrison e a conhecer suas obras.

Quando surgiu a oportunidade de escolher uma obra para um projeto de pesquisa, voltei a fazer novas pesquisas em busca de uma narrativa que fosse escrita por uma mulher negra e que a protagonista e/ou as protagonistas também fossem negras, além de abordar os estudos referentes a gênero, raça, classe e sexismo. A partir de algumas pesquisas na internet por livros e escritoras negras, chegamos até a obra *Deus ajude essa criança*. Ao nos deparar com alguns trechos, ficamos impactadas com o romance, principalmente como a cor da pele interfere na vida das mulheres negras estadunidenses e com a proporção de quanto mais escura a cor dessa pele for, mais dificuldades encontram para viverem dignamente em sociedade e conseguirem ascender socialmente.

Morrison, nesse romance e também em todas as suas outras obras, faz com que a ficção se intercruze com as nossas subjetividades e autodefinições, permitindo que mulheres negras falem de si sem medo, máscaras e tabus. Elas são livres para retratarem suas histórias, conflitos internos, como o processo identitário e sofrimento que ainda sentem em decorrência do preconceito, racismo, objetificação dos nossos corpos e invisibilidade que, estando na condição de mulheres negras, vivenciamos desde a era colonial a partir do momento em que nascemos. Essas questões, para além da ficção, afetam a vida cotidiana de todas nós mulheres negras da América, além das realidades intergeracionais.

Por várias décadas, a literatura estadunidense canônica foi usada para objetificar as mulheres negras e suas histórias eram contadas através do “Outro”, o homem branco, mas essa realidade tem sido transformada, pois, através da literatura afro-americana de autoria feminina, elas falam em seus próprios nomes, sobre suas histórias e realidades. Por isso, Morrison afirma que em suas narrativas: “não estou interessada em entregar-me a um exercício privado de minha imaginação... sim, a obra tem que ser política” (Morrison, 1992, p. 64). Ou seja, as narrativas de mulheres negras têm teor político, com o intuito de causar transformação social.

Esta pesquisa delinea-se devido ao interesse em compreender como a identidade influencia no processo de aceitação da mulher negra e como as pressões sociais e os ideais do grupo dominante interferem na maneira como um grupo minoritário se percebe e aceita. Desta forma, a obra *Deus ajude essa criança*, de Toni Morrison, trata de tais questões de uma maneira muito direta e sensível, desnudando as formas mais cruéis e perversas do racismo que se inicia ainda na infância da pessoa negra, gerando traumas e cicatrizes que são eternos.

O romance possibilita criar caminhos para a concretização dos objetivos dessa pesquisa, entre eles está a análise dos aspectos identitários, o colorismo e a autoaceitação das personagens femininas negras na narrativa. Tencionamos, ainda, descrever as formas pelas quais o racismo cotidiano, vivenciado pela personagem Bride, interfere em sua vida, na sua construção identitária e em como ela se autorreconhece. Identificaremos, ainda, as pontes entre a obra literária, feminismo negro e as dificuldades encontradas pelas mulheres negras em seu processo identitário e de autoaceitação, dificuldades estas oriundas da era escravocrata que ainda reverbera no cenário atual através do preconceito, racismo e invisibilidade, na qual as mulheres negras estão inseridas na sociedade.

Ademais, abordaremos a relação entre grupos que tentam impor os seus valores e hegemonia para rebaixar, desqualificar e inferiorizar a cultura de outro grupo. Este retratado por personagens negras reduzidas à condição de inferioridade e de exploração. De acordo com os estudos de Homi Bhabha (2013), é o estereótipo que estabelece a validade do discurso colonial e o estabiliza como determinante para a construção de um sujeito colonial.

Os objetivos traçados para esse *corpus* vão de encontro com às abordagens evidenciadas no romance, pois aborda e reflete sobre a não aceitação da mulher negra pela sociedade, dando origem à discriminação e ao racismo, e em como essa não aceitação afeta sua construção identitária e a sua autoaceitação que suscitam traumas e consequências trágicas, que vão desde a infância e perduram ao longo da vida.

A obra *Deus ajude essa criança* inova ao trazer para a narrativa discussões sobre as questões dos tons de pele negra, tendo em vista que ser negro, desde a era colonial, é tido como algo “ruim”, pois foge do ideal de beleza criado pela cultura supremacista branca. Com isso, os negros de pele clara relutam em busca do branqueamento e de se parecerem mais com os brancos do que com os pretos, apesar de serem identificados como negros pela sociedade racista. Daí, surge o colorismo, que classifica as pessoas por meio da cor de sua pele, o que gera privilégios econômicos e sociais para quem tem a tonalidade de pele mais clara, sendo uma forma de exclusão social e de segregação dos indivíduos de pele mais escura.

Em seu romance, Toni Morrison nos conta a história de Lula Ann Bridewell, uma menina negra de pele retinta que, por conta da sua cor, foi severamente rejeitada pelos pais que também eram negros, mas de pele mais clara. Em seu nascimento, sua mãe teve pavor quando viu sua pele escura, chegando a compará-la a um macaco, criando, assim, uma rejeição à filha. Desse modo, Bride vive com a indiferença, a falta de afeto e amor da mãe e, além de ser inferiorizada e discriminada em casa, tinha que conviver com os olhares preconceituosos, falas e atitudes racistas vindas da sociedade estadunidense que a invisibilizava.

Diante disso, este estudo mostra-se relevante por discutir as identidades no âmbito da literatura estadunidense e como elas estão ligadas diretamente às relações de poder, fazendo com que os grupos que não as detêm sejam estereotipados e subjugados. Assim, traz à tona discussões raciais ainda não desenvolvidas a seu máximo, ou esgotadas, principalmente na literatura, por não representar a mulher negra e suas complexidades de forma completa.

A escolha do romance se deu, primeiramente, pelo impacto na pesquisadora que gerou várias sensações e questionamentos, pois a história de Bride causa dor, revolta, negação e, principalmente, um desejo de reverter a ordem hegemônica que, de forma cruel, transforma a maneira como mulheres negras, desde a infância, se percebem e se definem. Quanto às pesquisas publicadas no Brasil, não encontramos nenhum artigo que analise a obra *Deus ajude essa criança* (2018), ou dissertação no Banco de Dados da CAPES<sup>1</sup>, mesmo a escritora sendo muito estudada no país. O que identificamos foram pesquisas sobre as obras *Amada* (1987 [2007]), *O olho mais azul* (1970 [2019]) *Compaixão*, (2008[2009]), *Sula* (1973[2021]) e *Voltar pra casa* (2012 [2016]).

Na organização do nosso trabalho, optamos por não fazermos uso da forma mais usualmente utilizada nas pesquisas, que fazem a análise puramente teórica nos capítulos iniciais, deixando a análise literária para o último capítulo. Achamos melhor, logo, no segundo capítulo, relacionarmos as teorias com fragmentos de análise do romance *Deus ajude essa criança*, pois a obra nos permite tal feito por não se tratar de uma narrativa linear e por ser fragmentária. Consideramos que, ao utilizarmos, no segundo capítulo, trechos da obra em que destacamos as experiências das personagens femininas do romance, em conformidade de marcos teóricos, será maior a contribuição para o entendimento da temática abordada por seus leitores, além de ser uma estratégia para alcançarmos o cumprimento de nossos objetivos com a pesquisa.

---

<sup>1</sup> Após o exame de qualificação, tomamos conhecimento de uma pesquisa na Bahia de autoria de Hildália Fernandes Cunha Cordeiro que elege a obra como corpus de pesquisa.



Nosso trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, exploramos a literatura afro-americana de autoria feminina na contemporaneidade, a qual usa a ficção para dar voz à realidade vivenciada pelas mulheres negras e sua comunidade. No primeiro tópico, tratamos sobre os percursos da escrita de mulheres afro-americanas e como se dá a transformação delas de objeto para sujeito de suas próprias narrativas.

Através da literatura produzida por elas, manifesta-se uma forma de emancipação, empoderamento e militância por exatamente colocar suas ideias, suas falas e vivências para denunciar aquilo que há muito se sabe, porém pouco foi discutido sobre a luta das mulheres negras por reconhecimento e espaço, por desnudar a sua importância e valor na sociedade, além de destacar e dar visibilidade as escritoras afro-americanas que ainda são esquecidas pelo cânone estadunidense. Levantaremos alguns questionamentos acerca dessa literatura que ainda tem pouco espaço e alcance na contemporaneidade.

No segundo tópico, destacamos as contribuições da intelectual Toni Morrison para a literatura afro-americana, bem como a literatura negra mundial, dando destaque para a forma inovadora que Morrison utiliza para descrever a subjetividade e a identidade da comunidade negra americana de forma jamais vista na literatura escrita por pessoas negras. Escrever, para ela, é também um ato político, pois, por vários anos, essa atividade esteve restrita somente aos homens brancos e de elite, apenas eles tinham voz, e agora é possível estender essa voz àqueles que não eram escutados. Discorremos, ainda, sobre o feminismo negro e as opressões interseccionais entre gênero, raça e classe e como a sociedade americana oprime e objetifica os corpos negros femininos por viverem à margem da sociedade, tendo suas histórias e identidades anuladas.

No segundo capítulo, identificamos como acontece o processo da construção identitária das personagens negras na narrativa e como a raça, racismo e colorismo interferem na forma como elas se percebem e se autorreconhecem. No primeiro tópico, apresentamos como raça, traumas, dores e o racismo cotidiano trazem mazelas e dores para as pessoas pretas, ao ponto que desumanizam seus corpos, vistos como diferentes por conta das suas características fenotípicas e estéticas.

No segundo tópico, abordamos o colorismo e como as tonalidades de pele negras interferem na construção identitária das personagens do romance, e como o colorismo divide famílias, a exemplo da família da personagem Mel, e até a própria comunidade negra, fazendo com que os negros de pele mais clara se sintam superiores aos negros de pele escura a ponto de anularem sua identidade e buscarem o branqueamento por se sentirem mais parecidos com as pessoas brancas. No último tópico, exploramos sobre a identidade e autorreconhecimento

das personagens Bride e Mel, bem como é construída a identidade delas enquanto mulheres negras, que são inferiorizadas e discriminadas pela sociedade, que vivem em um constante conflito identitário.

No terceiro e último capítulo, retratamos acerca de autoaceitação, empoderamento e o processo interseccional. Apresentamos, no primeiro tópico, sobre corpos negros e corpos escravizados, apresentando como os corpos das pessoas negras ainda são vistos como corpos que podem e devem ser escravizados no novo mundo, pois isso continua, desde a era colonial, impregnado no imaginário social ao ponto de hipersexualizar e objetificar os corpos negros femininos, tidos como violáveis, exóticos e prontos para serem “usados”. Utilizamos como exemplo as experiências de Bride e seus relacionamentos amorosos, que foram conturbados, pois seus parceiros apenas se importavam em exibi-la para a sociedade como um produto e não queriam assumir um relacionamento com a personagem.

Por fim, abordamos o poder da autoaceitação, autoafirmação e empoderamento da protagonista Bride, pois, ao curar-se das feridas geradas pelo racismo e preconceito, empoderar-se, eleva sua autoestima, consegue resistir a objetificação do seu corpo e ascender socialmente, mostrando que a transformação interior gera mudanças individuais e força para as mulheres negras lutarem por causas coletivas através do poder estabelecido pelo empoderamento que as transporta para o lugar de sujeitos humanos. Em seguida, encaminhamos para as considerações finais para pontuarmos as questões discorridas ao longo do trabalho.

## 2. A LITERATURA AFRO-AMERICANA DE AUTORIA FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

A literatura serve para libertar alguém.

(Toni Morrison)

A literatura afro-americana surgiu em decorrência do legado cultural deixado pela população negra dos Estados Unidos e seus descendentes, sendo descrita como discurso marginal. Heloisa Toller Gomes, em seu artigo “Literatura afro-americana: seus dilemas, suas realizações” (1999, s/p) entende esse discurso marginal como: “aquela produção discursiva que se exerce nas franjas, ou nos limites, do discurso cultural dominante e que dele se serve, apropriando-se de seus recursos linguísticos com todo o aparato simbólico e imagístico de que esse discurso dispõe enquanto produtor de significados”.

Ainda em conformidade com Toller Gomes (1999), os escritores da literatura afro-americana se articulam, por intermédio da cultura, para que sua escrita rasure e subverta a construção das narrativas da história oficial. Sua origem se deu após as manifestações artísticas e literárias dos escravizados africanos entre os anos 1760 e 1789, que viviam na diáspora americana.

Os escravizados, por meio da oralidade e narrativas autobiográficas, descreviam a forma desumana sofrida nas extensas horas de trabalho e maus tratos por parte dos senhores brancos. Dessa forma, através dos seus escritos, passam a contar a realidade violenta que os cercavam, podendo expor suas dores e revoltas como forma de se oporem às opressões sofridas e reivindicarem o direito à liberdade, bem como de ler e escrever, algo que era proibido para eles. Foi em decorrência dos escritos dos escravizados, nos quais puderam ser os narradores e protagonistas de suas próprias histórias, ao ponto de se rebelarem contra os colonizados, que se deu origem à literatura afro-americana.

O movimento do *Harlem Renaissance*, também conhecido como *New Black Movement*, criado em 1920 por professores, pesquisadores, artistas e escritores negros, foi “um grande movimento pelo pluralismo social, étnico, religioso e cultural e pela democracia que se intensificou como resultado da agitação causada pelo deslocamento da Primeira Guerra Mundial” (Tyler, 1992, p. 12, tradução nossa). Foi por intermédio desse movimento que os afro-americanos tiveram a oportunidade de mostrar à sociedade branca norte-americana suas habilidades e potenciais artísticos. O *Harlem Renaissance* marcou o surgimento dos afro-americanos “no *mainstream* da arte nacional, música, literatura e cultura, ao mesmo tempo em

que proclamava a vitalidade e o caráter único da experiência afro-americana” (Hillstom, 2008, p. 03, tradução nossa).

Outro movimento muito importante para a comunidade negra dos Estados Unidos foi o movimento cultural *Black Power*, que tinha a frase de ordem – *Black is beautiful*, sendo um movimento que se contrapunha ao poder dominante, que tem como foco e prioridade os assuntos político-sociais. Isso o diferencia do *Harlem*, que, de acordo com a estudiosa brasileira Heloisa Toller Gomes (1999, s/p), “Ainda se mostrara um tanto tímida e apologética, se não em seu vigor identitário, certamente em suas reivindicações de cidadania - força das circunstâncias extremamente repressivas, do ponto de vista racial, daquela primeira metade do século XX.”

A literatura afro-americana, em seu início, restringia-se apenas à escrita de homens negros, corroborando para o silenciamento e apagamento da mulher negra, pois a sociedade machista da época achava que apenas as vivências e narrativas dos homens negros eram suficientes para aprenderem e conhecerem a cultura negra. Apesar disso, e, embora Jupiter Hammon seja considerado o “pai” da literatura afro-americana por ter um poema publicado em 1761, em Nova York, Phillis Wheatley já escrevia, sendo reconhecida mais tardiamente.

Ela foi levada para os Estados Unidos ainda na infância como escrava. Após ser vendida por um valor abaixo da média, passa a morar na casa de um rico mercador e ajuda sua esposa com as tarefas domésticas, que lhe ensinam a ler e escrever. Logo, aprendeu a língua inglesa e com maestria passou a escrever poemas e, assim, conseguiu chamar a atenção por tantas habilidades com as palavras.

Aos dezessete anos Phillis Wheatley, já havia escrito mais de dezoito poemas. Apesar do apoio dos seus “donos”, algo incomum para a época, ela não conseguiu ajuda financeira para publicar seus textos. Apesar das dificuldades em 1773, publicou o livro de poemas *An Elegiac Poem, on the Death of George Whitefield*, com isso, tornou-se a primeira escritora afro-americana dos Estados Unidos, vindo a ser uma das grandes vozes da literatura afro-americana no século XVIII. Infelizmente, ela não é tão reconhecida por seu pioneirismo na literatura afro-americana como Jupiter Hammon, isso em decorrência do machismo.

Em decorrência disso, a brasileira estudiosa da literatura contemporânea Maria Aparecida Salgueiro, em seu livro *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas* (2004), enfatiza que, “na tradição clássica da crítica literária Afro-Americana (que é dominada por textos escritos ou editados por homens) parte-se para a análise da experiência dos negros numa cultura racista tomando-se como base unicamente as vidas dos homens negros” (Salgueiro, 2004, p. 54).

A escrita dos homens negros afro-americanos aborda várias questões relacionadas à sua comunidade, mas peca ao anular as pautas e causas femininas, como o sexismo e patriarcalismo. Isso contribuiu ainda mais para que as escritoras negras tivessem dificuldades em publicar seus escritos, por serem inferiorizadas em todas as instâncias. Apesar das dificuldades e limitações impostos às escritoras negras, foi através dos seus escritos que a literatura afro-americana começou a ganhar repercussão e projeção ainda que de forma lenta, se compararmos à literatura ocidental.

A literatura produzida por mulheres afro-americanas tem como um dos objetivos resgatar e evidenciar a identidade negra. As temáticas relacionadas à comunidade, à subjetividade feminina, ao enaltecimento da negritude e ao empoderamento ganham relevância nessa literatura. São vários os nomes de intelectuais negras estadunidenses que, no século XIX, se destacaram através de suas obras ao retratarem a realidade vivenciada pela comunidade negra, tanto na era colonial quanto pós-colonial. Infelizmente, a maioria delas foram levadas ao anonimato pelo cânone e pela tradição intelectual negra, que por ser composta, em sua maioria, por homens, até pouco tempo negava a existência dessas escritoras.

O termo que distingue a literatura americana da literatura afro-americana foi utilizado para se remeter à literatura americana produzida por pessoas negras. Surgiu em decorrência do movimento pelos direitos civis dos negros no século XVIII, que pregava a ideia *Black is beautiful*, estabelecido por convenção quanto ao uso de afro-americano, definido como um demarcador da identidade negra. O termo remete à origem (*heritage*) africana e evidencia a condição da pessoa negra nascida na nação americana.

Entendemos por literatura afro-americana, como enfatiza Willfried Feuser em sua obra *Aspectos da literatura do mundo negro* (1969), como aquela escrita por pessoas negras: “esta definição exclui sumariamente todos os escritores (as) brancos (as) americanos cujos temas tratam do mundo negro” (Feuser, 1969, p. 05). Para Toni Morrison, a prescrição monolítica que a literatura ocidental tenta definir e rotular sobre o que deve ser literatura negra não deveria existir. O seu intuito, e, acredita ela, que de outras escritoras e escritores negros, é “Escrever uma literatura que fosse irrevogável, inegavelmente negra, não porque seus personagens fossem negros, ou porque eu sou negra, mas por tomar como meta criativa e por buscar como credenciais reconhecíveis e verificáveis da arte negra” (Morrison, 2020, p. 345).

A literatura afro-americana aparece para as escritoras como instrumento de luta contra o sistema opressor, machista e racista, vivenciadas por elas na sociedade estadunidense, além de se autorretratarem, problematizando os papéis que exerceram na vida social. Para as

escritoras afro-americanas, a literatura surge como uma oportunidade delas falarem de si, descreverem suas próprias histórias e estabelecerem suas próprias identidades.

Ao contrário do pensamento de Descartes ao afirmar que “penso, logo existo”, para as mulheres negras, como afirma Audre Lorde em sua obra *Irmã Outsider*, é “Sinto, logo posso ser livre” (Lorde, 2020, p. 47). Desse modo, a literatura faz-se extremamente necessária e importante para as mulheres, em particular para as mulheres negras, como um artifício utilizado para alcançarem a tão desejada liberdade que há vários séculos lhes foi negada pela supremacia branca. A escritora declara:

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias (Lorde, 2020, p. 47).

Por muitas décadas, a escrita e o saber eram, ou podemos afirmar que ainda são, atividades dominadas e controladas pelos homens brancos e letrados, que usaram e abusaram do poder simbólico para silenciar e excluir as vozes femininas por se tratar de uma sociedade patriarcal, sexista e machista, na qual os homens que criam e ditam as regras a serem seguidas. As mulheres foram impedidas de aprenderem a ler e escrever. As que conseguiam tais feitos, era apenas o básico para conseguirem cuidar da casa e dos filhos.

Quando pensamos nas mulheres negras, essa conquista demorou ainda mais por elas serem tratadas de forma desumana e, sendo parte minoritária da sociedade, mesmo não sendo minoria, conseguir ler e escrever foram conquistas adquiridas mais tardiamente do que para as mulheres brancas, isso em decorrência do racismo na qual estavam imersas. Quanto a isso, a cientista política francesa François Vèrges, na obra *Um feminismo decolonial* (2020), enfatiza que:

A escrita do passado e da história das mulheres racializadas não teve a mesma trajetória da escrita feminista europeia porque cada uma passou por um processo diferente. Para as racializadas, não foi necessário preencher uma ausência, mas encontrar as palavras que trouxessem de volta à vida aquilo que tinha sido condenado à não existência, mundos que tinham sido expulsos da humanidade (Vèrges, 2020, p. 107).

As mulheres eram tidas como incapazes e desprovidas de conhecimento pela literatura ocidental e machista. Rotuladas como “sexo frágil”, elas tiveram que romper com o

confinamento e silenciamento, no qual a sociedade lhes destinou. Ao conseguirem alavancar pelo mundo das letras, tinham como referências para os seus escritos as narrativas masculinas. Diante dessa perspectiva, tanto as mulheres negras quanto as brancas foram desencorajadas e impedidas por muito tempo de escreverem.

Ao conseguirem se libertar dos cativeiros que a sociedade lhe mantinha presas, as escritoras negras passaram a escrever e trazer para as suas narrativas suas próprias realidades, tendo como referências as vivências e histórias orais de suas mães, avós e seus ancestrais, resgatando, através dos seus escritos, as suas memórias.

Foi por intermédio da literatura que as escritoras negras puderam encontrar uma válvula de escape para renascerem enquanto sujeito. Com isso, elas descobriram uma forma de simbolizar as invisibilidades e violências vivenciadas por elas e, também, por toda a comunidade negra que sofre há vários séculos em decorrência do passado colonial e da atualidade, nos quais imperam o racismo e a discriminação presentes na sociedade norte-americana e no mundo inteiro.

Sendo assim, a literatura afro-americana produzida por mulheres se delinea com base num conjunto sócio-histórico e cultural que se empenha em denunciar as formas como as opressões resultantes dos processos coloniais se inter cruzam e atuam na estrutura social da contemporaneidade. De acordo com a teórica estadunidense Patrícia Collins, na obra *Feminismo Negro* (2019):

Historicamente, a literatura produzida por escritoras negras estadunidense oferece uma visão abrangente das lutas das mulheres negras para dar forma a autodefinições positivas diante de imagens depreciadas da condição de mulheres negras. Retratar as várias maneiras pelas quais as afro-americanas experimentam a opressão internalizada e um dos principais temas das escritoras negras (Collins, 2019, p. 172).

Por intermédio da literatura produzida por essas mulheres, elas puderam reconstruir suas identidades baseadas na autodefinição que, segundo Collins (2019), tem uma grande importância política, pois elas tomam consciência de que, desde a era colonial, suas vidas foram regidas pelas intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade. Através da literatura, elas resistem às opressões, galgam espaço na sociedade e desenvolvem novos ideais que se distanciam dos moldes eurocêtricos e buscam discutir temáticas que retratem seu cotidiano e suas particularidades enquanto sujeitos ativos na sociedade americana que, por séculos, silenciou, inferiorizou e estereotipou as mulheres negras.

A literatura negra nos Estados Unidos possibilita a investigação de problemas como o preconceito sofrido pela comunidade negra e como o preconceito de cor influencia na

construção da identidade da pessoa negra. A literatura produzida por mulheres negras é recente e divergente de outras literaturas, pois carrega a história de luta pela inserção das mulheres negras no cenário literário, permeada por anos de silenciamento, branqueamento e inúmeras formas de opressão que pretendiam impedir essas mulheres de ecoarem suas vozes e escreverem.

## 2.1 ESCRITORAS E ESCRITURAS DE MULHERES AFRO-AMERICANAS

A responsabilidade da escritora (qualquer que seja seu tempo) é mudar o mundo – melhorar sua época. [...] ajudar a dar-lhe sentido.

(Toni Morrison)

Sabemos que o cenário da literatura produzida por mulheres negras no século XXI tem melhorado significativamente. Essas mulheres têm rompido o silêncio e vem escrevendo e publicando suas obras que estão ganhando mais visibilidade na contemporaneidade, mesmo em meio as barreiras do preconceito. Ainda, assim, se comparado à escrita e publicação de homens brancos e mulheres brancas, muitos avanços ainda precisam acontecer, pois, socialmente, quando se trata dos escritos de mulheres negras, essa invisibilidade mostra-se mais acentuada, sobretudo, “em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe” (hooks, 1995, p. 467).

Toni Morrison, no ensaio “Coisas indizíveis não ditas: a presença afro-americana na literatura americana” (2020), que compõe o livro *A fonte de autoestima* (2020), questiona o cânone literário americano acerca da literatura afro-americana. Ela afirma que:

Pode parecer indelicado duvidar da sinceridade ou questionar o suposto altruísmo bem-sucedido de uma academia de novecentos anos que vem lutando ao longo de muitas décadas para “manter os padrões. No entanto, de que vale insistir na “qualidade” como critério único de grandeza sabendo que a própria definição de qualidade é tema de muito ódio e só raramente é aceita por todos em todas as épocas? (Morrison, 2020, p. 215).

Morrison (2020) demonstra sua revolta à literatura tradicional americana e seu cânone que, há décadas, é constituída sobre a face “branca” que definem como obras e escritos de qualidade apenas aqueles pertencentes à cultura ocidental, elevando-a a um grau de superioridade, bem como negando a existência da cultura afro-americana, principalmente em se tratando da literatura produzida por mulheres negras.



A escritora declara que “a cultura afro-americana existe, e embora esteja cada vez mais evidente como ela respondeu a cultura ocidental, as instâncias e os meios pelos quais ela moldou a cultura ocidental são apenas precariamente reconhecidos e compreendidos” (Morrison, 2020, p. 217-218). Segundo ela, foi por intermédio da literatura afro-americana e a consciência dos negros que, em relação à sua cultura, os estudos literários no continente americano ganham mais visibilidade e níveis de investigação mais elevados.

Em decorrência desses estudos e análises críticas, na contemporaneidade, tem se redescoberto o aparecimento de escritoras negras americanas enterradas pelo cânone. bell hooks<sup>2</sup> (1995), em *Intelectuais Negras*, enfatiza que Mary Helen, na introdução do livro *A voice From The South* (1982), de Anna Julia Cooper, menciona várias intelectuais afro-americanas do século XIX.

Mary Helen afirma que cem mulheres como Fannie Barner Williams, Ida B Wells, Fannie Jackson Coppin, Victoria Earle Matthews, France Harper, Mary Church Terrell e Anna Julia Cooper muito pouco sabemos sobre as condições da vida de negras no século XIX e, no entanto, a tradição intelectual negra até bem pouco praticamente as ignorava e desvalorizava sua erudição (hooks, 1995, p. 467).

Infelizmente, essas escritoras, desde o século XIX, como demonstra hooks (1995), vivem no esquecimento da literatura americana, até mesmo a tradição intelectual negra também as invisibilizava, isso porque o que prevalecia como erudição era a escrita dos homens negros, sendo as intelectuais negras subordinadas a eles. Para Collins (1990), as escritoras negras da contemporaneidade devem muito ao trabalho coletivo desenvolvido pelas primeiras mulheres negras precursoras da literatura afro-americana.

As mulheres negras estão a um ponto de tomar uma decisão que em muitos aspectos reflete aquela enfrentada por afro-americanos enquanto coletividade. Baseando-se em parte nos trabalhos inovadores construídos por Toni Cade Bambara, Ntozake Shange, Angela Davis, Toni Morrison, June Jordan, Alice Walker, Audre Lorde e outras mulheres negras que “quebraram o silêncio” na década de 1970, as mulheres afro-americanas nos anos de 1980 e 1990 desenvolveram uma “voz”, um ponto de vista autodefinido e coletivo sobre a feminilidade negra (Collins, 1990, s/p).

Mesmo que de forma lenta, as mulheres negras escritoras do século XXI têm rompido com as barreiras que ainda as cercam desde a era escravocrata, na qual não eram vistas como seres humanos, muito menos dignas de serem ouvidas. Através do trabalho inovador de escritoras mencionadas por Collins, as escritoras negras da contemporaneidade podem erguer suas vozes e darem seus gritos de liberdade através da literatura, fazendo com que outras

---

<sup>2</sup> Optamos por utilizar o nome da teórica com letra minúscula, da mesma forma que ela usa em suas obras.

mulheres negras, escritoras ou meras mortais possam amar sua negritude e reconhecerem-se como sujeitos da sua própria história, sobretudo, contada pelas suas perspectivas pessoais.

Ao transformarem-se em escritoras, as mulheres negras tornaram-se protagonistas dos seus próprios enredos, oportunizando o debate e análise na literatura sobre pautas relacionadas à sua exclusão, a citar a desigualdade e os papéis que lhes foram negados pela sociedade, criando um espaço “onde o pessoal é político e, como tal, pode ser estendido a uma polarização do eu focado em fazer compreender as maneiras pelas quais sexo, raça e classe, juntos determinam nosso destino individual e nossa experiência coletiva” (hooks, 2019, p. 66-67).

Através de sua escrita, as mulheres negras fazem um processo de subversão a partir das suas personagens, dos espaços, dos contextos e das temáticas abordadas em suas narrativas. Elas se reinventam por meio da escrita e, através disso, “nomeiam uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (Kilomba, 2019, p. 28).

Desse modo, elas se opõem ao regime branco dominante, passam a ver tudo com “novos olhos”, como diz bell hooks (2019), e, assim, recontam o discurso da história oficial com o intuito de propiciar mudanças urgentes, trazendo para o centro o conhecimento e a literatura da margem e da minoria, desenvolvendo uma escrita decolonial que surge para desnudar o que outrora era tido como verdade absoluta.

Escrever, para as mulheres negras, significa falar contra o medo. Morrison (1984, p. 44) enfatiza que as mulheres negras foram, desde a era colonial, “socializadas a respeitar o medo mais do que nossa necessidade de voz e definição, e enquanto esperamos em silêncio, o seu peso nos sufoca”, ou seja, elas tiveram que travar uma longa e difícil guerra contra as crueldades geradas pelo silenciamento que deu origem ao medo no qual estavam imersas.

Elas tinham medo de se expressarem através da linguagem, de se tornarem visíveis e de verbalizarem as tiranias vivenciadas diariamente pelo fato de serem mulheres e negras, sendo alvo de uma tríade de discriminação, e viverem no continente americano, que é altamente racista, e ver as mulheres negras desde a infância como seres violáveis.

Audre Lorde (2020) afirma que a transformação do silêncio em linguagem e em ação são necessários, mesmo que se tenha medo, devem escrever. Ela mesma afirma que, por muito tempo, teve medo de se expressar por meio da escrita por conta das represarias. A autora evidencia que:

A transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo. [...] Em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo – o medo do desprezo, da

censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação (Lorde, 2020, p. 53).

Ao tornarem conhecidos os seus sentimentos, conhecimentos e expressarem suas opiniões através da linguagem, as mulheres negras desenvolveram muitos medos, mesmo que desejassem não os ter mais, o medo não iria protegê-las das crueldades do sistema, sendo assim, essas escritoras aprenderam “a vê-lo de maneira objetiva” (Lorde, 2020, p. 53). Ou seja, elas sabiam qual era a real intenção do sistema ao oprimi-las e silenciá-las, pois não importava se elas se mantivessem vivas ou não, elas não tinham nenhum significado para a América, já que a sobrevivência das mulheres negras nunca fez parte dos seus planos. Quanto a isso, Lorde (2020) aponta que:

A máquina vai tentar nos reduzir a pó de qualquer maneira, quer falemos, quer não. Podemos ficar eternamente caladas pelos cantos enquanto nossas irmãs e nós somos diminuídas, enquanto nossos filhos são corrompidos e destruídos, enquanto nossa terra é envenenada; podemos ficar caladas a salvo nos nossos cantos, de bico fechado, e ainda assim nosso medo não será menor (Lorde, 2020, p. 54).

A máquina na qual a escritora ressalta é o sistema que busca a todo momento destruir a participação e atuação de nós, pessoas negras, na sociedade, pois, desde a era colonial, ainda somos desumanizados e reduzidos a nada. No poema “*A Litany for Survival*” (*Uma ladainha por sobrevivência*), Lorde continua a incentivar as mulheres negras a superarem o medo de falar, mesmo que tenhamos sido restringidas de tal ato em uma cultura de dominação masculina e hegemônica.

E quando falamos nós temos medo  
nossas palavras não serão ouvidas  
nem bem-vindas  
mas quando estamos em silêncio  
nós ainda temos medo

Então é melhor falar  
tendo em mente que  
não esperavam que sobrevivêssemos  
(Lorde, 1997, s/p).

Com isso, Audre Lorde declara que, se as mulheres negras permanecerem caladas, isso não trará nenhum resultado significativo para sua comunidade, pelo contrário, elas e os seus sofreriam ainda mais e permaneceriam com medo, pois ele não tende a diminuir, caso se calem. O contrário acontece na medida em que tiram as mordanças desse silêncio e “compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós” (Lorde, 2020, p. 54),

mas passam a usá-la com o intuito de resgatar a si mesmas, não explanando palavras sem sentido, mas como lugar de luta e ativismo.

No ato de ultrapassar esse medo de falar, as mulheres negras escritoras contribuem com a luta global para aniquilar a dominação, pois, “quando acabamos com nosso silêncio, quando falamos com voz libertadora, nossas palavras nos conectam com qualquer pessoa que viva em silêncio em qualquer lugar” (hooks, 2019, p. 55).

A mulher negra luta através da linguagem para reescrever sobre si mesma, para renovar a visão que se tem dela, para contar a verdade não dita sobre o colonialismo e o sofrimento da sua comunidade, estando ela na condição de testemunha desse fatídico episódio que tem o intuito de libertar os oprimidos da visão e cultura do opressor, andando em direção a uma “visão libertadora que transforme nossas consciências, nosso próprio ser” (hooks, 2019, p. 75).

Isso gera um discurso oposto ao do opressor, libertando as vozes dessas mulheres, objetivando repaginar a visão negativa que se tem delas, falando com a mulher negra e sobre a mulher negra de um jeito novo, pois elas já não aceitam mais que fabulem sobre as suas histórias ou que sejam contadas por outras lentes que não sejam as suas, pois:

Somos o sujeito de nossa própria narrativa, testemunhas e participantes em nossa própria experiência daqueles em que entramos em contato. Não somos o “outro”. Somos escolhas. E ler literatura imaginativa sobre nós e feito por nós é escolher examinar outros centros do ser e gozar da oportunidade de compará-los àquele outro (Morrison, 2020, p. 225).

Por intermédio da literatura afro-americana de autoria feminina, as mulheres negras tornaram-se sujeitos e não mais “objetos” em suas narrativas. A respeito disso, Kilomba (2019, p. 24) destaca que “essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o”.

Não são os brancos que terão o direito de fala para contar a história das mulheres e homens negros, mas as mulheres e homens negros que geram espaços de escuta através da literatura para contá-las e para suas experiências serem ecoadas e ouvidas, rompendo com a versão estereotipada construída sobre a população africana que, por várias décadas, tiveram sua história contada apenas pelas lentes do colonizador.

Porém, através da literatura negra de autoria feminina, essa história única tem sido rejeitada, pois, de acordo com a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019, p. 32), as histórias “foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para

humanizar. Elas podem despedaçar a história de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. Nesse sentido, elas trazem para o visível as causas sociais do seu povo por meio da ficção que relaciona o real com o imaginário, trazendo para o debate da sociedade temas urgentes e importantes, como afirma Salgueiro:

Sempre combativas contra a discriminação, seja em causas políticas, sociais ou feministas, as escritoras afro-americanas adotam diferentes estratégias de ação em sua luta. No entanto, um recorrente ponto em comum: a utilização da arte da palavra – uma contribuição definitiva para a literatura universal, para o movimento feminista e para a luta dos direitos humanos (Salgueiro, 2004, p. 532).

As escritoras afro-americanas da contemporaneidade, através dos seus escritos, estão proporcionando visibilidade para as pautas referentes às causas sociais da comunidade negra através das suas obras literárias, sendo assim, o objetivo delas não é apenas expor suas imaginações ou a arte da escrita, como afirma Toni Morrison, em “Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination”, em uma coletânea de apresentações de um curso que ela ofereceu em 1992. “Não estou interessada em entregar-me a um exercício privado de minha imaginação... sim, a obra tem que ser política” (Morrison, 1992, p. 64), ou seja, Morrison reforça o quanto é importante tratar as questões raciais e sociais da comunidade negra com um teor político. Ela ainda destaca que:

Se o que faço, na forma de escrever romances (ou qualquer coisa que eu escreva) não é sobre a aldeia ou sobre a comunidade ou sobre você, então não é sobre nada. Não estou interessada em me entregar a algum exercício da minha imaginação que só cumpra a obrigação dos meus sonhos pessoais – o que quer dizer sim, o trabalho deve ser político. Ele deve ter isso como impulso. Este é um termo pejorativo nos círculos críticos agora: se uma obra de arte tem alguma influência política, de algum modo está contaminada. Meu sentimento é o oposto: se não tem nenhum, está contaminada. O problema é quando você encontra o discurso retórico se passando por arte. Parece-me que a melhor arte é política e você tem de ser capaz de fazê-la inquestionavelmente política e irrevogavelmente bonita ao mesmo tempo (Morrison 1992, p. 64, tradução nossa).

Como afirma Morrison (1992), a escrita de mulheres negras nos Estados Unidos não é apenas um exercício da imaginação. Quer seja através do romance, contos, crônicas, etc., a escrita delas têm o intuito de reforçar o quanto é importante tratar as questões raciais e sociais da comunidade negra com um teor político, principalmente, relacionadas às questões das mulheres negras que veem a escrita como “um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos” (hooks, 2019, p. 36).

As mulheres negras também enfrentaram as intervenções de gênero e sofreram com a escravidão, preconceito, racismo, sexismo, fazendo com que elas, mais tardiamente,

conseguissem ler, estudar, escrever e publicar um livro. Por isso, a vida das mulheres negras nas Américas, desde a infância, é baseada em atos de resistência; assim como ler e escrever, tornar público seus escritos, também é considerado um ato de resistência, pois tentam, através da literatura afro-americana, romper com a supremacia para garantir espaço com o intuito de apresentar a si mesmas, serem ouvidas, propagar suas histórias e de outras mulheres negras.

A respeito disso, a intelectual *chicana* Glória Anzaldúa, no ensaio “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, declara:

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (Anzaldúa, 2000, p. 230).

Através da escrita e da leitura, as “*wonan of colors*” objetivaram construir espaços para mostrarem suas capacidades intelectuais, vivências e experiências. A inconformidade da mulher frente às limitações impostas fez com que ela desenvolvesse estratégias contra o patriarcalismo para, assim, conseguir adquirir espaço na sociedade. De acordo com hooks (2019), a transição do silêncio à fala é:

Para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto um desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto par sujeito – a voz liberta (hooks, 2019, p. 39).

Para as mulheres conseguirem adentrar no universo acadêmico, serem vistas como intelectuais, tiveram que enfrentar várias barreiras por conta do gênero, sendo consideradas inferiores e desprovidas de conhecimento. Para as mulheres negras, foi mais difícil, já que, além das barreiras que precisaram transpor em relação ao gênero, também tiveram que enfrentar as barreiras relacionadas à raça e ao racismo. Vale lembrar que estes entraves ainda são presentes na atualidade, de modo que, mesmo na conjuntura atual, são poucas as escritoras negras publicadas reconhecidas na literatura estadunidense.

Infelizmente, elas ainda encontram muitas dificuldades para publicar uma obra. As que conseguem, muitas vezes, “saem logo do catálogo, não são reeditadas, ou, se reeditadas saem em edições mais caras” (hooks, 2009, p. 290). Sabemos que isso acontece em

decorrência do impacto causado em razão do racismo e machismo, pelos quais a sociedade é moldada, mas também sabemos o quanto é importante lermos e trazermos para os debates na academia as obras dessas intelectuais que tanto tem contribuído para o desenvolvimento crítico da comunidade negra, bem como da sociedade em geral.

A escrita fortalece a mulher negra, pois apropriam-se dela como um ato de resistência e força para combater o racismo, preconceito e estereótipo, incluindo no cerne da ficção pautas importantes, como a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, assim como as histórias do presente e do passado, por meio do seu próprio olhar e sua própria fala, com o propósito de retratar suas vivências, experiências, sentimentos e pensamentos, desconstruindo a história propagada pela colonialidade a respeito dos negros e negras. Sobre isso, Glória Anzaldúa afirma:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida (Anzaldúa, 2000, p. 234).

A visão negativa inferiorizada e estereotipada da mulher negra e sua exclusão da história literária começam a enfraquecer por meio da crítica feminista negra, que passa a dar voz e permitir que as mulheres sejam ouvidas, admitindo a existência do "Outro", silenciado e apagado pelo discurso hegemônico e essencialista, rompendo com esse postulado de silêncio, passando a escrever e protagonizar suas próprias histórias. Com isso, passam a romper com as mordaças do passado, como as usada por Anástacia. Segundo Kilomba (2019, p. 33) “a máscara do silenciamento, foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos”.

Essa máscara era utilizada na boca das pessoas escravizadas, instrumento criado pelos senhores brancos para impedir que os sujeitos negros comessem as canas-de açúcar e cacau. Sendo assim, a máscara representa “o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outros/os” (Kilomba, 2019, p. 33).

Como enfatizado por Kilomba (2019), enquanto as mulheres negras escrevem, tornam-se narradoras e escritoras da sua realidade, rompem com o colonialismo, sua visão e dominação e tornam-se “oposição absoluta do que o projeto colonial determinou” (Kilomba, 2019, p. 28), o que transforma a sua escrita em uma ação de descolonização, pois suas obras se opõem ao sistema colonial, patriarcal e racista, como declara a escritora brasileira Lélia Gonzalez na obra *Racismo e sexismo na cultura brasileira*.

Nós mulheres e não brancas fomos “faladas”, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos não só do nosso próprio discurso, como da nossa própria história. É desnecessário dizer que, com todas essas características, estamos nos referindo ao sistema patriarcal-racista (Gonzalez, 1984, p. 14).

A literatura feita por mulheres negras é sobre suas realidades individuais, mas também sobre a realidade vivida no coletivo, baseada em suas próprias perspectivas. Por meio dos seus trabalhos, as escritoras afro-americanas conseguiram construir um conjunto de obras que deram origem a um novo olhar e valor simbólico para o cenário da literatura norte-americana, que resultou em reconhecimento, mesmo que paulatinamente, dessas mulheres como intelectuais, sendo ainda um número muito pequeno, mas significativo de escritoras negras reconhecidas pelo cenário literário americano e mundial.

Dessa forma, através da literatura afro-americana, passam a solidificar uma nova e relevante expressão social. A escritora estadunidense Maya Angelou, em seu poema mais famoso intitulado “Still I Rise<sup>3</sup>” (Ainda assim eu me levanto), retrata sobre a luta constante da mulher negra por inclusão social e das mazelas sofridas por elas oriundas da escravidão.

Você pode me marcar na história  
Com suas mentiras amargas e distorcidas  
Você pode me esmagar na própria terra  
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

[...] De um passado enraizado na dor  
Eu me levanto  
Sou um oceano negro, vasto e pulsante,  
Crescendo e jorrando eu carrego a maré.

Abandonando as noites de terror e medo  
Eu me levanto  
Para um amanhecer maravilhosamente claro  
Eu me levanto  
Trazendo as dádivas que meus ancestrais me deram,  
Eu sou o sonho e a esperança dos escravos.  
Eu me levanto  
Eu me levanto  
Eu me levanto.  
(Angelou, 2020, s/p).

Através desse poema, Angelou (2020) descreve as injustiças vivenciadas por nós, mulheres negras. Percebemos que seu objetivo não é apenas descrever estas mazelas, mas

---

<sup>3</sup> Angelou, Maya. Still I rise. Tradução de Mauro Catopodis. (Fragmento). Disponível em: <[http://www.palavrarte.com/Poesia\\_Mundo\\_Trad/poepelomun\\_eua\\_maya\\_poemas.htm](http://www.palavrarte.com/Poesia_Mundo_Trad/poepelomun_eua_maya_poemas.htm)>. Acesso em: 22 abr. 2022.



sim, nos empoderar e encorajar. A escritora nos incentiva a levantar, mesmo cercadas pelas opressões interseccionais, ela enfatiza que, mesmo em meio às dificuldades criadas pela sociedade hegemônica, que insiste em nos dominar, nós, mulheres negras, precisamos ter coragem, amar nossa negritude, bem como resgatar a nossa ancestralidade. O poema aponta para a possibilidade de termos nova vida e liberdade para nos reerguermos, tornando-nos destemidas, corajosas e ousadas, podendo, através da literatura, mudar a forma como fomos representadas e desconstruir os estereótipos.

A retomada da consciência do nosso valor, lugar e do nosso eu fez com que conseguíssemos nos rebelar contra os lugares que nos foram impostos. Tidas como subalternas, os únicos lugares que eram permitidos trafegarmos eram os espaços domésticos e marginalizados, mas, ao olharmos para dentro de nós e libertarmos nossas mentes através do conhecimento e de da autodescoberta, passamos a renunciar esses espaços.

Além de questionarmos as coisas em nossa volta, com o intuito de recuperar a nossa voz e a forma como nos vemos, bell hooks chama isso de autorrecuperação, isso porque “[...] permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação” (hooks, 2019, p. 78). É por meio da leitura e do conhecimento que mulheres negras passam a se verem de forma diferente e a buscarem sua libertação em todas as instâncias, daí elas veem a necessidade de usarem suas vozes para lutarem contra a opressão.

Nós passamos a ver outras opções de vida que, outrora, estando na posição de oprimidas, não víamos. Tendo a visão transformada, nós enxergamos outras possibilidades de vida, passamos a resistir às opressões. Essa resistência começa através dos escritos, pois, por meio deles, passamos a ter uma voz libertadora, que, segundo hooks, é “aquela maneira de falar que não é mais determinada por sua posição como objeto, como ser oprimido, mas caracterizado pela oposição, pela resistência. Ela demanda que paradigmas mudem – que aprendamos a falar” (hooks, 2019, p. 50).

Essa voz libertadora, adquirida pelas mulheres negras, fez elas se colocarem individualmente e de forma coletiva no centro dos discursos e das pautas sociais através dos seus escritos. Elas usavam a ficção para retratar a realidade social e política que as cercam. O intuito dessas escritoras é articular conhecimento e fazer com que a mulher negra possa se autodefinir e questionar os lugares sociais nos quais estão inseridas, com a finalidade de resgatar os seus direitos. Elas “buscam construir modelos para a mudança social [...] comprometidas com a luta pela libertação negra [...]” (hooks, 2019, p. 242- 243).

As escritoras afro-americanas não só retratam as reações que as mulheres negras estadunidense têm em relação à objetificação e todos os tipos de problemas que elas enfrentam por serem mulheres, negras e muitas delas até de classe baixa, como “documentam o processo de crescimento pessoal na direção de autodefinições positivas” (Collins, 2019, p. 174) para que possam dar nome às suas histórias e para o ativismo dessas mulheres, com o intuito delas mobilizarem estratégias políticas a fim de abolir as desigualdades que as mulheres negras vivenciam desde a era escravocrata.

## 2.2 AO ENCONTRO DE TONI MORRISON

Nós morremos. Talvez seja esse o sentido da vida. Mas fazemos linguagem. O que pode ser a medida da nossa vida.

(Toni Morrison)

Uma das escritoras mais famosas da literatura feminina afro-americana, Chloe Anthony Wofford, mais conhecida pelo pseudônimo Toni Morrison, nasceu em Lorain, Ohio, em 18 de fevereiro de 1931, e cresceu em uma família de classe média. Ainda na infância, surgiu o seu fascínio por livros e pela literatura. Seguiu carreira acadêmica no *Texas Southern University*, na *Howard University* e na *University of Yale*, atuou como professora em uma Cátedra na Universidade de *Princeton*, trabalhou também como editora da *Random House*, além de ministrar inúmeras palestras sobre a literatura afro-americana e sobre a construção da mulher negra em suas narrativas, que refletem a condição de vida das afro-americanas nos Estados Unidos.

Sua primeira obra publicada foi *The bluest Eye* (1970), sendo bem recebido pela crítica. Além desta, Morrison publicou mais dez livros de ficção, são eles: *Sula* (1974), *Song of Solomon* (1977), *Tar Baby* (1981), *Beloved* (1987), *Jazz* (1992), *Paradise* (1999), *Love* (2003), *A Mercy* (2008), *Home* (2012) e *God help the child* (2015). Toni Morrison chegou também a publicar livros em literatura infantil em coautoria com seu filho Slade Morrison, são eles: *Book of Mean People* (2002), *The Big Box* (2002), *The Who's Got Game? The Ant or the Grasshopper?* (2003); *Who's Got Game? Poppy or the Snake?* (2004); *Who's Got Game? The Mirror or the Glass?* (2007).

Ela também escreveu *Recitatif* (1983), que foi a única *short story*; as peças teatrais *Dreaming Emmett* (1986) e *Desdemona* (2011); o conto: *Recitatif* (1983); os ensaios: *What*

*the Black Woman Thinks About Women's Lib* (1984), *Rootedness: The Ancestor as Foundation* (1984), *Unspeakable Things Unspoken* (1989) e *Home* (1997); os seguintes livros de crítica literária: – *Playing in the Dark: Essays on Whiteness and the Literary Imagination* (1992) e *What Moves at the Margin*, além de contribuir com a organização de várias coletâneas de artigos.

Através das suas grandiosas contribuições para a literatura afro-americana, Toni Morrison ganhou vários prêmios, a exemplo do *Pulitzer Prize* por *Beloved*, em 1988. Ao ter sua carreira alavancada, a escritora, em 1993, ganha o prêmio Nobel de literatura, tornando-se a primeira e única mulher negra, até a atualidade, a conquistá-lo. Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, servindo, assim, de inspiração para a nova geração de escritores e escritoras negras, não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil e diversos outros países.

Essa inspiração se dá porque, em suas obras, Toni Morrison traz para o centro das suas narrativas as pessoas negras: “Ela tem escrito sobre as experiências das pessoas negras desde os tempos da escravidão até os dias atuais; sua poética é realista e nunca ignora o horror e as tragédias da vida relacionadas ao povo negro”<sup>4</sup> (Brodey; Malgaretti, 2002, p. 348, tradução nossa). As temáticas abordadas por Morrison em seus romances são relacionadas à comunidade afro-americana, que exibem uma forma inovadora de narrativa, fazendo uso de narrativas não-lineares e várias temáticas abordadas em uma mesma obra.

A escritora usa a ficção para tratar de temas tão necessários e urgentes que transitam entre passado e presente, além de fazer abordagens sobre a escravidão e trazer para o centro da sua narrativa as consequências que a escravidão resultou para homens negros e mulheres negras, levantando debates que objetivavam mudar a realidade que a cercava. No ensaio “O sítio da memória”, que compõe o livro *A fonte de autoestima* (2020), Morrison enfatiza que seu trabalho:

Consiste em rasgar o véu que recobre aqueles “procedimentos terríveis demais para relatar”. Esse exercício é também crítico para qualquer pessoa negra, ou que pertence a qualquer categoria marginalizada, pois, historicamente, só de raro em raro fomos convidados a participar da discussão, mesmo quando éramos o tema. Retirar esse véu requer, portanto, certas coisas. Primeiro de tudo, preciso confiar nas minhas próprias lembranças. Devo também depender das lembranças dos outros. Desse modo, a memória tem grande peso no que escrevo, em como começo e no que penso que seja significativo (Morrison, 2020, p. 308).

---

<sup>4</sup> “American society began to produce important writings including Jews, African- americans, Native-americans, Hispanics, Asian-American, homosexuals and so on. Many of these groups came to the fore during the 1960s and 1970s. Perhaps the only theme that links together these various groups is their interest in America’s theme par excellence: individuality” (Brodey; Malgaretti, 2002, p. 348).

Dessa forma, em sua literatura, Morrison não imita seus opressores, que falavam sobre as pessoas negras em suas narrativas de forma estereotipada e não permitiam que eles falassem por si mesmos, não dando importância às suas subjetividades. Para compor suas narrativas, Toni Morrison faz das suas memórias e lembranças dos seus ancestrais atreladas à sua imaginação para recontar, pelo viés dos escravizados, a história colonial e as consequências desse período para as pessoas negras.

Em suas obras, os negros são os protagonistas com liberdade para descreverem a história oficial de seu povo. Toni Morrison, em seu ensaio intitulado “A escritora diante da página”, declara que, através da sua ficção, se propõe a escrever uma literatura que fale e retrate a comunidade negra.

Morrison expõe que seu “campo de ação é a comunidade negra, as demandas artísticas da cultura negra são de tal ordem que não posso ser condescendente, não posso controlar ou pontificar” (Morrison, 2020, p. 344). Com isso, percebemos que a autora vai na contramão das obras de sua época, pois não busca exercer algum tipo de autoridade ou de controle sobre a sua cultura ou sobre as temáticas abordadas a respeito dela.

A autora objetiva apresentar aos seus leitores, bem como à sociedade supracitada branca, a comunidade negra por um viés jamais visto ou mencionado pelo Ocidente. Ela afirma que seu trabalho é “confrontar uma realidade diferente daquela recebida do Ocidente, devo centralizar e animar um conjunto de informações desacreditadas, [...] porque são informações pertencentes a um povo desacreditado, informação desprezada” (Morrison, 2020, p. 344).

As informações mencionadas por Morrison (2020) dizem respeito à cultura e à tradição negra. Por estar na condição de mulher e negra, ela sabia bem qual posição a sociedade lhe destinava, sendo assim, as questões relacionadas ao machismo, sexismo, às mazelas do racismo e todos os outros preconceitos vivenciados no passado e que perduram ainda hoje na sociedade contemporânea são as temáticas que ganham visibilidade na escrita de Toni Morrison.

A pesquisadora brasileira Claudia Nigro (2010, p. 156) ressalta que, nas narrativas de Morrison, “o sofrimento pessoal de cada personagem feminina torna-se sofrimento de todos que um dia foram vitimizados”. Todas as mulheres de suas narrativas são inteligentes, trabalhadoras e praticam atos que desestruturam as comunidades do qual fazem parte.

As obras de Toni Morrison apresentam as vivências da comunidade negra que habitam em lugar de subalternidade, tendo que lidar dia a dia com racismo, sexismo, pobreza e exclusão. Essa realidade é vivenciada não apenas pelos negros americanos, mas também pela

comunidade negra universal, interligadas às experiências e vivências da diáspora. De acordo com a autora:

Para que minha obra seja funcional em relação ao grupo (à aldeia para assim dizer) deve testemunhar e identificar perigos, bem como possíveis refúgios, deve discernir aquilo que é útil no passado e deve tornar possível a preparação para o presente bem como sua vivência; e deve fazê-lo não evitando problemas e contradições, mas examinando-os; por fim, não deve sequer tentar resolver os problemas sociais, mas deve certamente procurar clarificá-lo (Morrison, 2020, p. 345).

A intenção de Morrison (2020) com suas obras é que elas sejam úteis para seus leitores e que os mesmos, através delas, possam conhecer a experiência da escravidão e da pós-escravidão pela perspectiva dos afro-americanos com o intuito de preservar as memórias dos seus ancestrais. Além disso, de colocar em evidência as sequelas deixadas pela era colonial e que ainda se encontram enraizadas na sociedade norte-americana na contemporaneidade, às quais são trazidas para o debate através da literatura de Toni Morrison.

Podemos destacar um outro aspecto bem marcante em sua escrita, que é o uso da linguagem, na qual a escritora coloca em evidência a tradição oral referente ao contexto da comunidade afro-americana baseada em um sistema linguístico tanto oral como escrito que é denominado de *Black English*, também conhecido como *AAVE* ou *African American Vernacular English*, que evidencia a tradição negra e é utilizado por boa parte dos afro-americanos, com isso, tornou-se uma variante do inglês padrão por ter características próprias.

Portanto, Toni Morrison utiliza em sua ficção o *AAVE* com as suas particularidades gramaticais, morfológicas, lexicais, fonológicas e estilísticas como forma de expressão da arte negra, intentando que seus leitores possam conhecer o universo dos afro-americanos e suas especificidades, já que foram banidas por muito tempo da literatura americana. Vale ressaltar que, trazer para a escrita essa oralidade, não foi tarefa fácil para Morrison.

Quanto a isso, a escritora afirma no ensaio “Coisas indizíveis não ditas: A presença afro-americana na literatura Americana” (2020), ao evidenciar o uso da linguagem na obra *O olho mais azul*, que:

Os pontos que tentei ilustrar procuram esclarecer que minhas escolhas de linguagem (falada, coloquial), meu apego a uma compreensão plena dos códigos próprios à cultura negra, meu esforço para instaurar uma coconspiração e uma intimidade imediata (sem nenhuma camada de distanciamento descritivo), bem como minha (fracassada) tentativa de dar forma a um silêncio ao mesmo tempo que o rompia são tentativas (muitas delas insatisfatórias) de transfigurar a complexidade e a riqueza da cultura afro-americana numa linguagem digna dessa cultura (Morrison, 2020, p. 245).

Desse modo, Morrison (2020) subverte a tradição literária, o inglês padrão e os valores dominantes europeus e contribui com a edificação da identidade negra. O *black English*, presente não apenas na obra, mas no cotidiano dos negros afro-americanos, não é apenas um modo diferente de falar dos negros, mas, sim, uma parte fundamental da história e da cultura deles. Morrison inova ao representar a comunidade negra na literatura, usando a própria linguagem dos negros como expressão da subjetividade deles, tendo como intuito resgatar sua herança cultural, além de combater e confrontar a literatura ocidental.

Em 1993, ao receber o prêmio Nobel de literatura, Toni Morrison leu um emocionante discurso sobre o que, para ela, a língua representa. A escritora utiliza uma narrativa para explicar o valor da língua metaforicamente: “uma linguagem opressiva faz mais do que representar violências; ela é, em si mesma, violência; faz mais do que representar os limites do conhecimento; ela limita, de fato, o conhecimento” (Morrison, 2020, p. 143).

Morrison, durante todo o discurso, descreveu o quão excruciante é a língua padrão americana, que ela define como opressora ao tornar-se a língua oficial. Que tanto oral, como escrita aliena e limita as minorias, obrigando-os a abrirem mão da sua própria linguagem para aderirem a uma linguagem que “bebe sangue, que se sobrepõe às vulnerabilidades, que mete suas botas fascistas sob crinolinas de respeitabilidade e patriotismo, rumando incansavelmente para o fundo do poço” (Morrison, 2020, p. 143).

A língua inglesa está conectada com a era escravocrata, pois era imposto aos escravizados que aprendessem a língua nativa na era colonial, de modo que facilitasse a comercialização destes. Por esse motivo, Toni Morrison, em suas obras, faz uso da ab-rogação que, segundo Thomas Bonnici (1998, p. 15), é “a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras”.

Em face dessa realidade, promove-se a descolonização do idioma. A escritora, além de proporcionar espaços para os personagens de sua obra, que fazem parte do que a sociedade chama de minoria, composta por mulheres, homens e crianças negras, também abre espaço para que possam romper com as posições estéticas e culturais do ocidente. Para a escritora, a linguagem tem um papel fundamental na vida das pessoas, pois tem o poder de desvalidar o conhecimento e crescimento pessoal que estão submetidos, além da habilidade de elucidar as vivências concretas e fictícias tanto dos falantes quanto dos leitores e escritores.

Morrison (2020) enfatiza, ainda, que a linguagem adquirida pela América é uma linguagem racista, sexista e preconceituosa, típica da sociedade eurocêntrica que invalida outras línguas e ideias por serem tidas como inferiores. Conforme afirma a crítica literária, a

qualidade da escrita das obras de Toni Morrison marcou de forma inextinguível o cenário da literatura afro-americana na contemporaneidade, servindo de modelo e inspiração para outros escritores e escritoras.

Harold Bloom (2005), um renomado crítico literário, ao organizar uma coletânea de artigos sobre Toni Morrison, intitulado “O cânone ocidental”, exalta e tece elogios à escritora no que tange às tradições da ficção narrativa americana: “como uma líder da cultura literária afro-americana, Morrison é particularmente enfática ao questionar caracterizações críticas as quais ela acredita que representem mal suas próprias lealdades, suas fidelidades políticas e sociais à complexa causa de seu povo” (Bloom, 2005, p. 3 tradução nossa)<sup>5</sup>. Com isso, Bloom (2005) destaca o comprometimento da escritora ao dar espaço e voz em sua ficção a um pequeno fragmento da população americana que foi silenciada, subalternizada, mas que ganha espaço e direito de fala nas suas narrativas.

São inúmeros os intelectuais que veem a literatura de Toni Morrison como engajada e que contém elementos que vão além das questões raciais. Um deles é Thomas B. Hove, que, na obra *Postmodernism: The Key Figures* (2002), evidencia que Morrison é um dos grandes nomes do movimento pós-modernista, ficando ao lado de escritores importantes como Mikhail Bakhtin, Roland Barthes e Jean Baudrillard. Ele elucida que “as obras de ficção de Morrison repetidamente desafiam tradições culturais definidas por padrões patriarcais, assimilacionistas e totalizantes [...]. [Morrison] enfatiza a centralidade da linguagem não só como repositório de cultura, mas como o principal meio de interação social<sup>6</sup>” (Hove, 2002, p. 254, tradução nossa). É notório o engajamento social de Morrison e sua grandiosa contribuição com a literatura afro-americana. Ela se rebela contra os padrões e faz uma literatura escrita e alicerçada nas experiências das pessoas negras.

Além de levantar discussões relacionadas às questões raciais nos Estados Unidos, Morrison tem como principal foco em suas narrativas as mulheres negras e as questões relacionadas a gênero, raça, classe, violência, memória e traumas, pois sua finalidade é expor a realidade machista e racista na qual essas mulheres estavam inseridas.

Roland Walter, em seu artigo “Literatura, História e Memória no Contexto Pós-Colonial” (2010), declara que os romances de Toni Morrison retratam os efeitos “tanto da

---

<sup>5</sup> “Like any potentially strong novelist, battles against being subsumed by the traditions of narrative fiction. As a leader of African-American literary culture, Morrison is particularly intense in resisting critical characterizations that she believes misrepresent her own loyalties, her social and political fealties to the complex cause of her people”

<sup>6</sup> Morrison’s fictions repeatedly challenge cultural traditions defined by patriarchal, assimilationist and totalizing standards [...]. [Morrison] emphasizes the centrality of language not only as repository of culture but as the primary medium of social interaction.”

escravização quanto das diversas formas de discriminação pós-abolição na psique dos africanos, afrodescendentes e brancos. Neste processo, ela não justifica ou absolve as atitudes e comportamentos de suas personagens, mas humaniza-os” (Walter, 2010, p. 06).

Com isso, percebemos o quanto a literatura produzida por Toni Morrison é atual e contemporânea, pois as temáticas problematizadas em suas narrativas são perceptíveis em nossa sociedade. Mesmo que retratem o contexto americano, são problemáticas que emergem as vivências de todas as pessoas pretas, principalmente nós mulheres, que, até os dias atuais, fomos sendo silenciadas, excluídas, oprimidas, mas que lutamos diariamente contra o patriarcalismo, o sexismo e o racismo, pois, infelizmente, ainda “carregamos o antigo status de escravizados” (Morrison, 2020, p. 107).

Sendo nossos corpos negros ainda violados e “[...] transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas (Morrison, 2020, p. 107), os espaços adquiridos por Morrison e tantas outras escritoras negras na literatura contemporânea, não foram conquistados com facilidade, elas tiveram que rompê-los para que pudessem narrar suas histórias e encorajar outras mulheres a fazerem o mesmo.

Em se tratando de Toni Morrison, suas obras surgem com o intuito de tirar os leitores da sua zona de conforto ao desmascarar a dura realidade das pessoas negras na diáspora americana, seus sofrimentos e medos, para que esses leitores, independentes da raça, possam conhecer as vivências dessa população e conheçam as atrocidades geradas pela escravidão nas vidas das pessoas negras, que, mesmo depois da abolição, ainda são desumanizados.

Morrison produziu uma literatura sem vitimismo, pelo contrário, produziu uma escrita de resistência, ela lutou dia a dia por liberdade com o intuito de transformar o mundo para as futuras gerações. Para ela, “enquanto escritores o que fazemos é lembrar. E lembrar este mundo é criá-lo. A responsabilidade do escritor ou da escritora (qualquer que seja seu tempo) é mudar o mundo – melhorar sua época” (Morrison, 2020, p. 348). E ela conseguiu ressignificar a história da República Americana, que fora construída sob a perspectiva e visão ocidental que anulou os corpos negros, criando, assim, uma história única sobre a nação. Porém, Morrison, por intermédio da sua literatura, nos fez (re)pensar e definir essa história pelo viés dos colonizados.

Com a ajuda da literatura contemporânea da diáspora, podemos visitar os séculos anteriores que têm sido bem explorados por escritoras como Toni Morrison. Isso nos possibilita conhecer realidades sociais e históricas inexistentes no cânone, mas que vem sendo discutidas e postas em destaque na contemporaneidade, e a ficção morrisoniana é uma das responsáveis por esse avanço, por isso tem ganhado mais visibilidade nos dias atuais.



Em uma entrevista concedida por Toni Morrison para *O Globo*, no Brasil, sobre a obra *Amada* (2007), ela destaca que Brasil e os Estados Unidos têm uma forte e infeliz herança em comum que é a escravidão. Morrison, na entrevista, diz como é destacada em suas narrativas as temáticas voltadas para o gênero e sobre os conflitos e opressões existentes na vida das afro-americanas em solo estadunidense. A escritora enfatiza:

[...] meu romance ainda tem muito a dizer para as mulheres, sobre o modo como elas se posicionam nessa sociedade, perguntando-lhes se a voz feminina se faz ouvir ou não. Até aqui, a História de um modo geral – e também a história da escravidão – tem sido uma história masculina. Meu livro fala da escravidão feminina, que é uma escravidão dupla. E questiona o sentimento maternal, discutindo eticamente que mundo é esse no qual queremos que nossos filhos vivam. Será que eles poderão ser felizes? Será que eles terão o direito e a liberdade para isso? O que o Brasil de hoje oferece como futuro para uma criança negra? (*O Globo*, 2007, p. 1)<sup>7</sup>

Podemos observar que Morrison faz inferência sobre a dupla escravidão da mulher negra estadunidense, no qual ela nomeia como dupla colonização, pois, além de sofrerem com o colonialismo, as mulheres negras ainda enfrentam o peso do patriarcalismo. Para a teórica indiana Gayatri Spivak (2010), as mulheres de cor (mulheres negras) vivem uma tripla colonização, ao experienciarem conjuntamente o colonialismo, racismo e patriarcalismo, que se interseccionam. Daí, surge a urgência dessas temáticas serem debatidas na literatura para que, assim, as mordanças colocadas na era colonial, nas bocas das mulheres negras para silenciarem, não sejam colocadas novamente na atualidade, mas que elas sejam livres para ecoarem suas vozes e lutarem por espaço e por terem seus direitos assegurados.

Toni Morrison faleceu em 05 de agosto de 2019, aos oitenta e oito anos, e deixou um grande legado que vai perpetuar por várias gerações, tanto pela qualidade de suas obras como pelo jeito único de causar questionamentos e reflexões em seus leitores, pois sua escrita discute e apresenta vivências e sofrimentos reais de mulheres e homens afro-americanos. Através da literatura, Morrison contribuiu para a construção de uma sociedade antirracista e antissexista.

### 2.3 A FONTE DE AUTOESTIMA: ERGUER A VOZ COM O FEMINISMO NEGRO

O feminismo negro é o termo utilizado para designar o movimento teórico, político, social e prático protagonizado por mulheres negras e tem como objetivo promover e trazer

---

<sup>7</sup> O Globo, Segundo Caderno, p.1, edição de 11 de setembro de 2007. <http://letraspedacos.blogspot.com/2010/08/toni-morrison-entrevista.html>

visibilidade às pautas dessas mulheres, além de reivindicar seus direitos na luta contra a opressão de gênero e o lugar de subordinação que a hegemonia com suas ideologias destinou a mulheres negras. Ele surge com o intuito de se desvencilhar das sombras nas quais a sociedade inseria as mulheres negras, tornando-as invisíveis enquanto sujeito feminino.

De acordo com Patrícia Collins (2019), uma das importantes teóricas do feminismo negro americano, a invisibilidade das mulheres negras “e de suas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisivo para a manutenção de desigualdades sociais” (Collins, 2019, p. 33). Na cultura americana, as ideologias sexistas e racistas existem desde a era colonial e são o grande reflexo da realidade presente na estrutura social americana, sendo compreendidas pela sociedade hegemônica com naturalidade e como algo inevitável que coloca as mulheres negras à margem da sociedade.

Desde a era escravocrata, os estereótipos negativos que inferiorizam e desumanizam as mulheres negras são existentes na cultura americana contemporânea, interferindo na formação de sua identidade e na forma como se autodefinem. Em relação ao contexto de vida das mulheres negras norte-americanas, Collins enfatiza que:

Como grupo historicamente oprimido, as estadunidenses negras produziram um pensamento social concebido para se opor à opressão. A forma assumida por esse pensamento não apenas diverge da teoria acadêmica padrão – pode tomar a forma de poesia, música, ensaios etc. –, mas o *propósito* do pensamento coletivo das mulheres negras é distintamente diferente. As teorias sociais que surgem de e/ou em nome das estadunidenses negras e de outros grupos historicamente oprimidos visam encontrar maneiras de escapar da sobreviver na e/ou se opor à injustiça social e econômica prevalecente. Nos Estados Unidos, por exemplo, o pensamento social e político afro-americano analisa o racismo institucionalizado não para ajudá-lo a funcionar de maneira mais eficiente, mas para resistir a ele (Collins, 2019, p. 42-43).

As críticas levantadas pelo feminismo negro em relação ao feminismo ocidental surgiram em vários locais da diáspora africana e essa crítica epistemológica teve sustentabilidade em vários países como Estados Unidos e Brasil. O objetivo era combater esses estereótipos e a invisibilidade, na qual o feminismo ocidental destinava às mulheres negras, pois as pautas levantadas pelas feministas brancas dentro do movimento eram adversas às pautas das mulheres negras, de modo que o feminismo ocidental definiu um padrão do que é “ser” mulher embasado apenas em suas experiências.

Com isso, elas priorizavam no movimento apenas as questões relacionadas ao gênero e viam as questões relacionadas à raça e à classe como questões separadas. Além disso, “tinham tendência de romantizar a experiência da mulher negra” (hooks, 2019, p. 25). As mulheres

negras lutavam para serem vistas pela sociedade como seres humanos, pois, como evidencia hooks (2019), não existia nenhum grupo como o das mulheres negras que tivesse sua identidade ocultada pela sociedade americana.

Entre 1960 e 1970, surge o feminismo negro, movimento social e político criado com o intuito de se opor as opressões interseccionais de gênero, raça e classe que são visíveis em todas as esferas sociais e econômicas, adquirindo uma maior visibilidade na década de 1980. Através do feminismo negro, as mulheres negras passam a relatar suas vivências e trazer visibilidade para as problemáticas do que era ser mulher negra nos Estados Unidos. Em relação a isso, Grada Kilomba (2019) destaca que as mulheres negras, na sociedade patriarcal de supremacia branca, são tratadas como objetos de exploração por serem vistas como o “Outro”, isso porque, segundo ela, as:

Mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser a/o “*Outra/o*” e nunca o eu (Kilomba, 2019, p. 190).

Como declarado por Kilomba (2019), a posição da mulher negra na sociedade supremacista branca é um lugar de silenciamento, sendo excluídas dos direitos básicos enquanto seres humanos por não serem nem brancas e nem homens, o que gerou nas mulheres negras uma rejeição. Collins (2016) salienta que foi negado às mulheres negras a oportunidade de se desvencilhar dessa posição de outridade, daí surge um modelo que “definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos” (Collins, 2016, p. 105) e também da mulher branca.

Por conta dessa imagem que a sociedade criou das mulheres negras, elas mesmas passaram a negar a sua identidade e a se odiarem por não se verem representadas. Tudo isso ocasionado pela discriminação, segregação racial e opressão da sociedade hegemonicamente branca e machista que as excluía e tratavam com diferença, pois, em decorrência da escravidão, o modelo estético de ser mulher era em detrimento da mulher branca, negando a sua subjetividade e feminilidade.

Essa conjuntura reforça a política de dominação que corroborou com a escravidão, colonialismo, neocolonialismo, objetificando as mulheres negras, destinando a elas a parte inferior da hierarquia social. Segundo Kilomba (2019, p. 97), essas mulheres são o grupo que mais sofre com a opressão e desigualdade, ocupando o “terceiro espaço”, um espaço “que se sobrepõe às margens de “raça” e de gênero”.

Com isso, a mulher negra visa resistir a essas opressões, injustiças sociais e empoderar as mulheres negras. Entendido como uma teoria social e crítica, isso porque teoriza o social em defesa da justiça econômica e social, que trata especificamente sobre as experiências vivenciadas por essas mulheres, para que possam, enquanto um grupo desenvolver mecanismos de resistência e enfrentamento das opressões, com o intuito de gerar mudanças e oportunidades de ascensão social das mulheres negras.

Fica muito evidente as características do feminismo negro através das personagens Sula Peace, Nela Wright, Cláudia MacTeer, Frieda, Pecolla Breedlove, Pauline Breedlove Bride, Mel, Amada, Sethe, Florens e todas as outras mulheres negras que compõem as narrativas de Toni Morrison. Essas mulheres, ao viverem a realidade dos Estados Unidos, passam a ter que resistir às opressões interseccionais de gênero, raça, classe e sexualidade. Ao relatar, mesmo que em períodos diferentes, as dolorosas experiências enfrentadas por essas mulheres negras se inter cruzam. A intenção de Morrison não é apenas recontar a história colonial e mostrar as consequências causadas por esse passado, que ainda é presente na vida das mulheres negras, mas debater essas questões e como ela mesma afirma “buscar clarificá-la” (Morrison, 2020, p. 345).

A identidade do feminismo enquanto uma teoria social e crítica consiste em “seu compromisso com a justiça tanto para as estadunidenses negras como coletividade tanto para outros grupos oprimidos” (Collins, 2019, p. 43), ou seja, não é um movimento fechado como o feminismo ocidental, pois, mesmo sabendo do grau de importância em ter as mulheres negras na liderança do feminismo negro, outros movimentos podem participar. O feminismo negro se conecta com outros sujeitos que são vistos pela sociedade como a minoria e precisam resistir ao tratamento e imposições que essa sociedade lhe destina.

O reconhecimento da mulher negra como sujeito está no cerne do pensamento feminista negro, que traz à tona a realidade diária dessas mulheres, baseado nas suas subjetividades e ponto de vista, tendo um importante papel na desconstrução da visão negativa que o sistema colonial criou para a mulher negra, possuindo um papel muito significativo para a autoafirmação dessas mulheres. Para a filósofa brasileira Djamila Ribeiro:

Pensar o feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e resistindo (Ribeiro, 2017, p. 14)

Essa cisão mencionada acima por Ribeiro (2017) percorre a nossa história e nos distingue a partir da cor da pele e do gênero no campo do acesso às políticas públicas e aos poderes, nos privando da garantia de direitos básicos e humanos. *Deus ajude essa criança* dialoga com o feminismo negro à medida que leva para o centro da narrativa a subjetividade da protagonista Bride, uma mulher negra que narra as opressões interseccionais que vivencia no cotidiano desde a infância juntamente com as dificuldades em se autoafirmar enquanto mulher negra, os estereótipos, preconceitos e limitações que lhe são impostos pela sociedade americana.

O ponto central do feminismo negro é permitir que mulheres negras possam se autodefinir e autoavaliarem, sendo esta “uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação branco” (Collins, 2016, p. 105), o que, de acordo com a teórica, torna a autodefinição e autoavaliação pontos importantes do pensamento feminista negro. O feminismo negro é baseado na interseccionalidade, pois as opressões padecidas pelas mulheres negras são consequência da intersecção de gênero, raça e classe que colocam essas mulheres à margem do poder e da representação, negando sua existência em diferentes contextos.

Mesmo antes de surgir o termo interseccionalidade, as feministas negras Sojourner Truth e Nancy White, estando na condição de mulheres, negras e pobres, observavam o elo das múltiplas intersecções e já relatavam em seus discursos as dolorosas opressões que cotidianamente vivenciavam. Mas o termo interseccionalidade veio a ser cunhado em 1989 pela jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw, tornando-se, de acordo com Collins (2016), uma das contribuições ideológicas mais essenciais para o feminismo negro. Segundo Kimberlé Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002, p. 177).

A interseccionalidade analisa como as relações interseccionais de poder atuam nas relações sociais desde a era colonial. Crenshaw (2002) confronta os diferentes eixos de poder a “avenidas que estruturam terrenos sociais, políticos e econômicos” (Crenshaw, 2002, p.177). Com isso, a interseccionalidade exprime que o sistema de opressão que abrange raça, classe e gênero não atua de forma separada, mas se inter-relacionam, gerando um

“cruzamento” de múltiplas formas de discriminação que acarretam em danos ao convívio social em todos os seus ângulos, até porque, quando pensamos no termo interseccionalidade, devemos lembrar que há uma pluralidade de identidades existentes em nossa sociedade e que as mulheres negras não podem ser “interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade” (Akotirene, 2019, p. 30).

De acordo com Collins (2021), os movimentos sociais da época davam destaque para uma categoria de análise e excluía outra, como o “feminismo radical, por exemplo, raça no movimento em favor dos direitos civis; gênero no movimento feminista; classe no movimento sindical” (Collins, 2021, p. 17). Em oposição a isso é que a interseccionalidade surge com o intuito de mostrar o que uma opressão pode dizer, informar e se relacionar com outras formas de opressão.

Por conta disso, a interseccionalidade tem sido debatida em diversas esferas e ganhado muitos estudos na academia nos últimos anos por meio das teóricas e pesquisadoras, tendo forte projeção também na literatura, principalmente na literatura produzida pelos grupos minoritários (mulheres, pessoas negras e homossexuais). Podemos tomar como exemplo as obras de Toni Morrison, que leva para o ponto central das suas ficções os papéis sociais das mulheres negras norte-americanas, tanto na era colonial como pós-colonial, mostrando, através das suas narrativas, o quanto as mulheres negras sofrem com as múltiplas opressões, dominação e discriminação.

Toni Morrison evidencia as opressões sofridas por Bride e Mel na narrativa de *Deus ajude essa criança* (2018), que aborda sobre a vida conturbada da mãe solo Mel e sua filha Bride. O romance relata o sofrimento delas com opressões de gênero, por serem mulheres; de classe, por serem de família humilde; de raça, por serem negras; e de sexualidade, por seus corpos ainda serem tratados hipersexualmente. Essas opressões definem a forma como elas são vistas e tratadas pela sociedade americana, além de criarem barreiras para elas conseguirem se autoaceitarem e ascender socialmente. Com isso, Morrison descreve as desigualdades que permeiam essa sociedade.

Toni Morrison, na obra *O olho mais azul*, de (2019), aborda a história de Pecola, uma criança negra que, logo na infância, sofre com as opressões por ser mulher e negra. Ao abordar temáticas tão presentes no cotidiano dessas mulheres, como racismo, incesto, estupro, abuso infantil e discriminação, a escritora destaca que a personagem, por ser diferente do padrão, é discriminada e apagada da sociedade norte-americana. Por conta disso, Pecola

"passava longas horas sentada diante do espelho, tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a fazia ignorada ou desprezada" (Morrison, 2019, p. 49).

Pecola acaba internalizando as imagens negativas destinadas a ela, com isso deseja mais que tudo na vida ter olhos azuis para se aproximar da estética branca considerada padrão e também para, segundo ela, amenizar sua feiura e sentir-se bonita. Por isso, diariamente, Pecola rezava pedindo olhos azuis: "Toda noite, sem falta ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança" (Morrison, 2019, p. 51).

Além de Pecola, a obra também retrata a condição de vida de outras crianças, como Cláudia, e mulheres negras, como Pauline Breedlove, em fases distintas de aceitação ou negação de sua condição enquanto negras na sociedade americana. Além de descrever o sofrimento delas com as a intersecção, narram as desastrosas consequências que o racismo e a discriminação geraram nelas.

As opressões interseccionais existentes na contemporaneidade surgem com uma nova roupagem, mas com justificativas ideológicas poderosas. As mulheres negras têm sido vistas e retratadas através de estereótipos e imagens negativas, algumas oriundas da era escravocrata e outras atualizadas, como é o caso das imagens de controle que tem o intuito de subjugar e dominá-las.

De acordo com Collins (2019), “essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social se façam presentes de forma quase “natural” no cotidiano social, praticamente inevitáveis e certamente normalizadas” (Collins, 2019, p. 136). A grande maioria das imagens de controle tem como base o conceito de “Outro” e do *status* de *outsider*, que consiste na ideia do pensamento binário que classifica coisas, ideias e pessoas baseados nas “diferenças” humanas existentes entre elas.

O pensamento binário caracteriza pessoas, coisas e ideias segundo as diferenças que existem entre elas, distinção que é definida em termos opostos. É o que acontece com as mulheres negras, pois são, de acordo com Collins (2019, p. 137), “objetos a serem manipulado e controlado”, sendo afastada da posição de sujeito.

As imagens de controle destinadas às mulheres negras dos EUA são: *mammy* “a serviçal fiel e obediente. Criada para justificar a explorações econômicas das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico” (Collins, 2019, p. 140). *Mammy* também é a expressão dada para “mãe negra/preta” tida como “mãe boa”. Mesmo ela sendo “querida” pela família e filhos dos

patrões brancos, ela sabe qual o seu “lugar” nessa família e ocupam o lugar de “serviçal obediente. Ela aceita a sua subordinação” (Collins, 2019, p. 141).

As mulheres negras abdicam suas vidas para viver em função dos filhos e das famílias brancas, sendo extremamente exploradas e tidas como mão de obra barata. Essas mulheres renunciam suas vidas e, até mesmo, suas famílias para viver em função dos filhos e das famílias brancas. Isso interfere de forma precisa em seu papel de mãe e acabam “transmitindo aos seus filhos o tipo de deferência que costumam ser obrigadas a demonstrar em seus trabalhos *mammificados*, elas passam a ensinar as crianças negras seu lugar na estrutura branca de poder” (Collins, 2019, p. 141). Através de tais atitudes internalizadas nas mulheres negras, ao aceitarem a imagem de *Mammy*, acabam reproduzindo a opressão de raça, fazendo com que, desde bem novas, as crianças negras vejam-se, por conta da sua raça, como inferiores.

Toni Morrison retrata essa imagem de controle atrelada à personagem Pauline Breedlove, a mãe de Pecolla da narrativa de *O olho mais azul* (2019). Pauline, por trabalhar na casa de uma família branca e cuidar das filhas do seu chefe, representa a imagem de *mammy*. A personagem cuida com mais afeto das filhas dos seus patrões, pois se sente melhor ao tocar e cuidar delas do que das próprias filhas biológicas. Ela amava mais a casa dos patrões brancos do que a sua, sendo assim: “[...] olhava para suas casas, cheirava o linho, tocava roupas de seda e amava a tudo isso. [...] Ela se tornou o que é conhecido como a serva ideal, pois essa posição saciava todos os seus desejos” (Morrison, 2019, p. 125).

Na atualidade, a imagem da *mammy* continua existindo e reforçando a exploração econômica referente à classe social das mulheres negras, que, mesmo adquirindo outras funções e cargos trabalhistas na sociedade, ainda “persiste o modelo de exploração econômica em que as mulheres negras estadunidenses ganham menos pelo mesmo trabalho ou trabalham duas vezes mais por uma remuneração equivalente” (Collins, 2019, p. 143).

*Matriarca* é outra imagem de controle que representa a figura da mãe nas famílias negras, que, para a sociedade norte-americana, representa como a “mãe negra má”. Por passarem muito tempo longe de casa, as mães que trabalhavam fora não conseguiam supervisionar adequadamente as filhas e os filhos” (Collins, 2019, p. 145). As mulheres negras, tidas como matriarcas, eram mães solteiras, extremamente pobres e precisavam deixar seus filhos em casa para irem trabalhar, com isso, passavam muitas horas longe deles, por isso a razão do rótulo pela sociedade de mães “más”, porque, de acordo com a sociedade americana, não cumpriam com seus “deveres “femininos” e contribuíam para os problemas sociais dos Estados Unidos” (Collins, 2019, p. 145).



Tal estereótipo se dá porque as mulheres negras, por serem independentes e mantedoras dos seus lares, desafiam o poder patriarcal de dominação masculina. Elas também eram vistas como mulheres extremamente agressivas e sem feminilidade, sendo descritas com uma imagem pejorativa e negativa, isso porque algumas delas, após o ativismo negro, não aceitaram a imagem que a sociedade lhe dava ao tratá-las como serviçais submissas que deviam aceitar, sem reclamar, todas as condições desumanas às quais as *mammies* sofriam nas casas dos seus senhores.

Uma outra imagem de controle referente à condição das femininas negras é a imagem da - mãe dependente do Estado (*Welfare Mother*): “constituída como uma imagem com o viés de classe com um viés de desenvolvida para mulheres negras pobres de classe trabalhadora que fazem uso dos benefícios sociais a quem tem direito por lei” (Collins, 2019, p. 149).

As mulheres negras que dependem do Estado são estereotipadas pela sociedade como preguiçosas, acomodadas, que não gostam de trabalhar e preferem ser sustentadas pelos auxílios oferecidos pelo governo. Essas mães dependentes do estado são mães solas que não dispõem de ajuda de nenhum homem. Através disso, elas transgridem um preceito indispensável da ideologia masculina e branca.

Mel, mãe de Bride, uma das personagens principais de *Deus ajude essa criança*, era vista pela sociedade estadunidense como preguiçosa e acomodada, isso porque, após seu marido ter saído de casa, ela passa a cuidar sozinha da filha por depender do auxílio do estado, ela declara que era vista como acomodada. Declara, ainda, como era tratada pelos funcionários da assistência social: “[..] eles tratavam a gente como mendigo” (Morrison, 2018, p. 14).

Podemos citar também como imagem de controle a expressão *Jezebel*: “As Jezabéis do passado e as *hoochies* contemporâneas representam uma forma desviante da sexualidade feminina. Jezabel se remete a era da escravidão, relegando as mulheres à categoria de mulheres sexualmente agressivas” (Collins, 2019, p. 155). Mesmo que Jezebel se remeta à era escravocrata, essa imagem de controle ainda é utilizada na atualidade atrelada à imagem de *hoochies*, tida como uma forma contemporânea de Jezebel, mas com um significado diferente.

A mulher negra atrelada à imagem de *hoochies* é “construída como uma mulher cujo apetite sexual é, na melhor das hipóteses, inadequado e, na pior, insaciável, basta um pequeno passo para que ela seja imaginada como uma aberração (Collins, 2019, 157). Tanto Jezébel quanto *hoochies* são imagens de controle que hipersexualizam as mulheres negras e acabam tendo ligação com todas as outras imagens de controle que a sociedade supremacista branca criou para as mulheres negras como matriz de dominação nos Estados Unidos.

Essa normatização das imagens de controle que rotulam as mulheres negras é bem evidente na obra analisada nesse *corpus*. São atreladas imagens de controle da personagem Bride, sendo vista como *hoochies* e Jezébel, e, por ter um corpo exuberante, sente-se livre para se relacionar sexualmente com os rapazes que ela quer, fazendo com que ela seja vista como vulgar, inadequada para o casamento, sendo útil apenas para o ato sexual, pois é rotulada de ser exótico.

Isso fica evidente quando Bride descreve como eram suas relações amorosas. Ela afirma que todos os namorados que tivera nunca estavam interessados em algo sério com ela, não eram generosos ou atenciosos. Ela destaca: “[...] os meus namorados estavam em busca da minha xoxota ou do meu talão de cheques como mesada; outros já tendo conseguido, me tratavam como uma medalha, uma prova calada e brilhante da potência deles. (Morrison, 2018, p. 40)

Infelizmente, essas imagens estão presentes no cotidiano das mulheres negras desde a sua infância. Na contemporaneidade, essas imagens ainda são propagadas com muita frequência. Mesmo com o ativismo do feminismo negro e as mudanças ocasionadas por intermédio das lutas do movimento, essas imagens permanecem sendo reproduzidas nas universidades, agências governamentais e também nas mídias. Quanto a isso, Collins destaca que:

A crescente influência de televisão, rádio, cinema, vídeos, CDs e internet, constitui novas maneiras de fazer circular as imagens de controle. A cultura popular se tornou cada vez mais importante na promoção dessas imagens principalmente com as novas tecnologias globais, que permitem que a cultura popular dos Estados Unidos seja exportada para todo o mundo (Collins, 2019, p. 160).

A influência desses meios de comunicação dá origem a novas maneiras de circulação das imagens de controle, pois são elementos culturais com tamanha força, estando presentes nas relações sociais, o que dá mais força e surgimento de outras imagens, fazendo com que elas sejam reproduzidas em grande escala, não apenas nos Estados Unidos, mas também são exportadas para o mundo inteiro, graças às novas tecnologias globais.

Sendo assim, essas imagens são baseadas em padrões criados socialmente, pois as mulheres sendo o “outro” na sociedade eurocêntrica que define um padrão, tornam-se “diferentes”, ou seja, elas têm suas identidades anuladas, ocupando a base da pirâmide social em relação à desigualdade. Essas desigualdades são construídas baseadas nas relações culturais entre gênero, raça e classe.

Nesse contexto, a italiana Teresa de Lauretis, no artigo “A tecnologia de Gênero” (2019), afirma que o sistema de gênero e raça é tanto “uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade” (Lauretis, 2019, p. 126). Nesse sentido, podemos perceber que a ideologia da dominação é uma característica das opressões interseccionais ainda presentes em nossa sociedade.

Diariamente, nós, mulheres negras, esbarramos nessas ideologias que nos caracterizam como incapazes e inferiores às pessoas brancas, passando a praticarem a autonegação. Mesmo com a difusão dessas imagens de controle, dentro da coletividade feminina negra, as norte-americanas têm desenvolvido diversas estratégias de resistência contra opressões ideológicas, sendo essa função extremamente relevante para o pensamento feminista negro.

Através de suas obras literárias, as escritoras afro-americanas vêm contribuindo para uma visão ampla das lutas das mulheres negras de todos os contextos sociais com a finalidade de dar formas positivas à autodefinição delas para se libertarem das imagens depreciadas das quais são tachadas pela sociedade.

Podemos citar, como exemplo, a obra *Sula* (2021), segundo romance de Toni Morrison. Nela, a escritora faz uso de diversas ferramentas de desarticulação das imagens de controle. A narrativa conta a história de três gerações de mulheres negras da família da personagem principal, Sula, que residiam no vilarejo de Medallion Ohaio, no período de 1919 a 1965. Seu contexto histórico é marcado pela segregação racial, expondo sobre os efeitos da interseção de gênero e raça, e como as imagens de controle (matriarca, prostituta, bruxa, etc.), criadas pela sociedade hegemônica e também reproduzidas por homens negros influenciam na construção da identidade das personagens negras.

O romance descreve a vida de Sula desde a infância e como ela resiste a essas imagens, conseguindo construir sua identidade baseada na relação que ela tem com outras mulheres negras e na autodefinição da personagem que se torna livre e empoderada. Com isso, recusa esse controle e os ideais da sociedade hegemônica, porém é confrontada pela comunidade negra e estigmatizada por não aceitar ser dominada por um homem.

Além da literatura, as mulheres negras têm usado as mídias para promover a valorização e uma visão positiva a seu respeito com o intuito não apenas de combater o racismo, mas também de fazer com que as mulheres negras que rejeitam sua identidade possam se ver com outros olhos e amarem sua negritude, evidenciando essa autodefinição oposta a objetificação. Por isso, a autodefinição propõe que seja desafiado o “processo de

validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana, [...] substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras” (Collins, 2016, p. 102). Logo, o processo de autodefinição é uma forma significativa de resistir aos processos de desumanização primordiais aos sistemas de dominação.

Ao mostrar a construção baseada no eu da mulher negra, tendo em vista que a identidade é o ponto inicial da autodefinição, essas mulheres, ao terem consciência que as opressões não podem definir quem elas são de verdade, passam a reconhecer o seu eu interior com suas particularidades, pois, de acordo com Lorde:

Conforme passamos a reconhecer nossos sentimentos mais profundos, é inevitável que passemos também a não mais nos satisfazer com o sofrimento e a autonegação, e com o torpor que frequentemente faz parecer que essas são as únicas alternativas na nossa sociedade. Nossos atos contra a opressão se tornam parte integral do nosso ser, motivado e empoderado desde dentro (Lorde, 2020, p. 73).

As mulheres negras, ao lançarem mão dos sofrimentos causados pela autonegação provenientes das imagens de controle cravadas em seu interior, conseguem se reconhecer enquanto sujeito e esse reconhecimento produzido através da autodefinição passa a ter um significado político. A autodefinição é um processo de dentro pra fora e também de fora pra dentro. É um mecanismo coletivo de recuperação de autoestima, autoamor e autovalor a nível pessoal, sendo também visto como um mecanismo de ação, pois, por intermédio dela, nós, mulheres negras, passamos a enxergar como as opressões interseccionais operam em nossas vidas. Por fim, concordamos com a afirmação da estudiosa brasileira Joice Berth ao declarar que a “aplicação da autodefinição, [...] pode mudar de maneira decisiva a autoimagem de toda a população negra.” (Berth, 2019, p. 119).

Por meio disso, elas passaram a desenvolver mecanismos ativistas para a sua atuação e reconstrução da sua identidade e autodefinição através do empoderamento, buscando melhores condições de vida para se tornarem protagonistas de suas trajetórias e histórias. Collins (2019) destaca a importância do feminismo negro dar ênfase à autodefinição de mulheres negras. Para a teórica:

A ênfase na autodefinição das mulheres negras reformula todo o diálogo: de um diálogo de protestos contra a precisão técnica de uma imagem – ou seja, que refuta a tese do matriarcado negro – para um diálogo que enfatiza a dinâmica de poder subjacente ao próprio processo de definição. Ao enfatizar a autodefinição, as mulheres negras questionam não apenas o que já foi dito sobre as afro-americanas, mas a credibilidade e a intenções daqueles que têm o poder de definir. Quando nós, mulheres negras nos autodefinimos, rejeitamos claramente o pressuposto de que

aqueles em posição de autoridade para interpretar nossa realidade têm o direito de fazê-lo. Independentemente do conteúdo real das autodefinições das mulheres negras, o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeito humano (Collins, 2019, p. 206).

A autodefinição desenvolve na mulher negra uma autovalorização da sua subjetividade e identidade que desafiam as ideias de dominação, pois substitui as imagens controladoras extremamente definidas por imagens autênticas. A autodefinição faz com que nós, mulheres negras, possamos adquirir uma consciência transformadora que nos ajuda a enxergar as circunstâncias que modelam as opressões de gênero, raça e classe, podendo ser considerado um despertar de consciência que pode ser acionado para a estruturação de estratégias de enfrentamento dessas opressões e esse despertar pode acontecer de diversas formas, sendo, na maioria das vezes, impulsionado por estímulos externas.

O processo de autodefinição é vivenciado por mulheres negras, de acordo com Collins (2019), através de alguns passos: o primeiro deles, de acordo com a autora, consiste na aquisição de uma consciência crítica a acerca da realidade a partir da qual são reconhecidas as forças sistêmicas e suas opressões; o segundo passo equivale ao ato de contestar e rejeitar essas imagens estereotipadas; o terceiro é apontado por Collins (2019) como ‘autovalorização’ e através dela se “ênfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras” (Collins, 2016, p.102). Autodefinir-se consiste em um exercício gradativo, inacabado e contínuo de intensa reflexão a respeito dos diversos aspectos que descrevem as experiências e vivências de ser mulher negra.

### 3. “ELA ERA TÃO PRETA QUE ME ASSUSTOU”: RAÇA, RACISMO, COLORISMO E IDENTIDADE(S)

Ser mulher neste lugar é ser uma ferida que nunca fecha. Mesmo que forme cicatriz, o abcesso continua sempre por baixo.

(Toni Morrison)

De acordo com Toni Morrison (2019, p. 24), “a raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle”. Por isso, raça, gênero e classe são marcadores de identidade que não podem ser pensados e discutidos separadamente, pois, como enfatiza a filósofa brasileira Djamila Ribeiro (2019, p. 71), ambos “agem de forma combinada, destinando as mulheres negras o lugar de maior vulnerabilidade”.

Morrison, em suas obras, descreve como as mulheres afro-americanas sofrem desde o nascimento por não terem a cor considerada a “certa” pela supremacia branca. Através de suas obras, ela retrata as dores, traumas e lutas dessas mulheres em busca de autorreconhecimento e espaço na sociedade estadunidense, pois, segundo ela, “o racismo faz diferença. Ser um outro neste país faz diferença, e a verdade desanimadora é que provavelmente continuará a fazer” (Morrison, 2019, p. 16).

Partindo para o detalhamento do romance em análise, *Deus ajude essa criança* foi escrito em 2012, mas publicado apenas em 2015 nos Estados Unidos, porém, antes do seu lançamento em formato de romance, foi publicado em forma de conto no *The New York*<sup>8</sup> em fevereiro do mesmo ano, o que entendeu-se ser uma *short story*. O conto recebeu o título de “Sweetness” e retrata o que sucederia ser os três capítulos do romance que correspondem à fala da mãe Sweetness - nome original dado à personagem Mel (na tradução brasileira), mãe da protagonista da trama. Na versão final do romance, outras personagens ganham vozes na obra para compartilharem suas histórias e vivências.

A obra é ambientada em sua maior parte na Califórnia, mais especificamente nos anos noventa, quando nasce a protagonista Bride. A narrativa é ambientada no século XX, retratando os aspectos sociopolíticos dos Estados Unidos, além dos conflitos e vivências das mulheres afro-americanas em seus processos identitários. Morrison utiliza o recurso da

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2015/02/09/sweetness-2>. Acesso em: 08 mai. 2022.

rememoração para desenvolver o enredo do romance para compartilhar os acontecimentos passados e que ocorrem na trama através de *flashbacks*. A memória, no processo criativo de Toni Morrison, tem grande importância, já que ela afirma depender bastante da memória em seu processo de escrita, admitindo que a memória funciona como uma astúcia do escritor criativo, dando duas razões para isso: “[...] Uma, porque ela acende algum processo de invenção, e outra, porque eu não posso confiar na literatura e na sociologia alheias para me ajudar a conhecer a verdade sobre minhas próprias fontes culturais.” (Morrison, 2020, p. 419).

O romance *Deus ajude essa criança* (2018) levanta questões sobre a construção da identidade feminina negra em face do trauma de infância flexionado através das lentes da raça e do racismo, dando destaque para o colorismo e o quanto a cor da pele é crucial na sociedade supremacista branca. A obra também retrata sobre as temáticas relacionadas à pedofilia e abuso sexual infantil.

A respeito da estrutura narrativa do romance *Deus ajude essa criança*, Toni Morrison inova ao levar para a narrativa seis narradoras, a escritora oportuniza espaços de escuta para que cada uma das narradoras possa contar suas vivências, as suas experiências e também a de seus pares: Mel, Bride (a filha preta Sudão, severamente rejeitada pela mãe por ter a pele escura), Brooklyn (colega de trabalho de Bride), Sofia (professora acusada injustamente e presa), Rain (uma criança molestada ainda na infância), existe também na narrativa uma narradora que não é nomeada, mas que tudo sabe, vê e comenta, ela, assim, assume a narração do romance em quatro momentos.

A obra é dividida em quatro partes e, cada capítulo leva o nome de cada uma das narradoras, evidenciando, assim, quem toma a palavra no desenrolar da trama, com exceção dos capítulos narrados pela narradora onisciente, que tem acesso aos sentimentos e emoções da protagonista Bride e compartilha com os leitores. Em uma parte do romance, essa narradora onisciente também compartilha as memórias do seu namorado e o assassinato cruel do irmão dele. À medida que essas narradoras vão surgindo no romance, conhecemos suas vivências no presente e no passado, os traumas da infância e como esses traumas afetaram todos os aspectos de suas vidas adultas.

A obra centraliza-se na história da protagonista Lula Ann Bridewell, uma mulher negra de pele retinta que narra suas vivências e sua luta pelo branqueamento atreladas às marcas dos traumas e dores da sua infância difícil ao lado de sua mãe Mel, que negava qualquer tipo de contato e afeto com ela. Tudo isso porque, segundo Mel, a cor de Lula Ann era um retrocesso para sua família, que há séculos lutava pelo branqueamento e o tinha conquistado, mas o perde com a chegada da filha.

O romance é iniciado por Mel, uma mulher negra de pele clara que a própria personagem descreve como pele “oliva”, pois lhe garantia passabilidade e alguns benefícios na sociedade. Ela se orgulha por ter escapado do ônus do ódio racial. Isso se deu porque sua avó passou por branca (abandonando sua família preta retinta durante esse processo). Mel destaca alguns privilégios adquiridos por seus pais por terem a cor clara, privilégios esses que não se destinam às pessoas pretas, de pele retinta, nos Estados Unidos.

Mel descreve o momento do parto e o quanto ficou desesperada ao ver sua filha “preta meia-noite” (Morrison, 2018, p. 11), ao ponto de ficar extremamente assustada, pois seu marido tinha a pele clara assim como ela e sua família, que há séculos, vinha lutando pelo tão sonhado branqueamento e o tinha conquistado. Ter uma filha com a pele escura seria um grande retrocesso para eles. A repulsa de Mel pela cor da sua filha leva a tentar sufocá-la, mas, de imediato, ela se vê incapaz, “[...] uma vez – só por uns segundos – botei um cobertor na cara dela e apertei. Mas não consegui fazer aquilo” (Morrison, 2018, p. 12). Por conta da cor de Lula Ann, Mel cria afetos opostos ao esperado, como não querer amamentar a filha, por exemplo.

À medida que a menina foi crescendo, sua pele ficava ainda mais escura, levando Mel ao desespero. Com isso, ela passa a ter vergonha e aversão à própria filha, distancia-se fisicamente e emocionalmente de Lula Ann. Mel não permite que ela a chame de mamãe, mas pelo nome, criando rejeição pela filha devido à aparência física e à tonalidade da pele da menina Lula Ann.

Mel tenta justificar suas ações com a filha como mecanismo de proteção, como se estivesse preparando a filha para conviver com a repulsa da sociedade americana, mas fica evidente seu desgosto e rejeição com a pele escura de Lula Ann, mesmo Mel não sendo branca, constrói sua identidade a partir da negação de si mesma e de sua identidade enquanto mulher negra, repudiando as pessoas de igual cor, mesmo ela e sua família sendo composta por pessoas negras. A personagem introjetou em seu imaginário uma identidade sobre si que não condiz com suas características corporais e propriedades biológicas.

O pai de Lula Ann, Louise, também tem repulsa à filha por conta da sua cor. “[...] ele tratava Lula Ann como se ela fosse uma estranha – mais que isso, uma inimiga. Não tocava nela nunca” (Morrison, 2018, p. 13), pois achava que sua esposa havia o traído. Depois do nascimento de Lula Ann, ele transformou-se, e também não demonstrava afeto pela menina. Não aguentando viver com dúvidas, se separou, de modo que Mel passou a criar Lula Ann como mãe solo.



Mel recusava qualquer tipo de conexão com a filha e não havia nem mesmo o toque físico, criando, assim, rejeição materna. Lula Ann, quando criança, ansiava por afeto e, muitas vezes, rezava para apanhar para que pudesse ser tocada pela mãe. Por isso, cria uma mentira sobre sua professora e, por intermédio da mãe, chega a ir ao tribunal junto com outras crianças testemunhar contra a professora. A falsa acusação acarreta para a educadora passar longos anos presa, mas a intenção de Bride era, pela primeira vez, deixar sua mãe orgulhosa dela, mesmo que de maneira errônea, e conseguiu, pois, após a resolução do caso, pela primeira e única vez, Mel pega no braço da filha.

Ao reviver os traumas e dificuldades por ser uma criança negra e retinta nos Estados Unidos, Lula Ann vivencia uma jornada muito difícil que se inicia ainda na infância, pois a sua mãe, os colegas da escola, bem como a sua comunidade a rejeitavam e excluía, além disso mostraram-na que a cor de sua pele era algo anormal, feio, até mesmo, monstruoso. Constantemente, caçoavam e debochavam dela em razão de sua cor e características negroides, olhavam-na com inferioridade e desprezo.

Já na juventude, Lula Ann não conseguia trabalho com facilidade e os que conseguiu foi com muita dificuldade e longe dos olhos do público, pois, segundo seus chefes, não seria agradável para os clientes por conta da sua aparência e tonalidade de pele. Tais situações configuram-se em racismo e fizeram com que a personagem, estando na fase de desenvolvimento pessoal e descoberta, desenvolvesse bloqueios e autoaversão à sua identidade enquanto sujeito negro, o que tornou sua cor, cabelo e fenótipos tidos como um fardo para ela, ao ponto de abalar a percepção de sua identidade.

Assim, Lula Ann decide distanciar-se de tudo que pudesse lembrá-la da infância. Com isso, abandona o nome próprio e passa a se chamar apenas por Bride a fim de se desvencilhar de qualquer ligação familiar e geográfica, por isso resolve mudar-se para Los Angeles. Ao mudar de nome, Bride também muda sua postura, condição social, pois torna-se uma grande executiva do ramo da beleza. A partir disso, com o intuito de mudar sua imagem, procura um “designer de pessoa total” (Morrison, 2019, p. 37) e se reinventa como a antítese do que ela teria sido anteriormente.

Bride passa a se questionar sobre quem ela é, afastando-se das identidades múltiplas que ela possa constituir enquanto mulher negra, haja vista que não existe um único padrão de identidade negra. Isso se dá porque vivemos em uma sociedade racista, que desumaniza a pessoa negra como se não pertencesse a nenhum lugar. Collins (2016) enfatiza que os negros são vistos como um *outsider within*, alguém deslocado que não faz parte da coletividade, e são ignorados por toda uma estrutura social.

Com o intuito de se encaixar na sociedade e ser “aceita”, Bride transformou-se em uma mulher linda, que usufruiu de sua aparência, chamada pelas pessoas de “exótica”. Isso até parece um elogio, mas é uma expressão racista e preconceituosa. Ela, então, passou a “se vestir de branco”, literalmente e figurativamente, pois só usa roupa branca e personifica uma outra mulher, bem resolvida, rica e, aparentemente, segura de si. Bride cobriu o corpo de branco não por acidente, mas como uma estratégia dela para o embranquecimento. Com isso, ela tentou se encaixar em um modelo de vida branco, odiando tudo o que remete às suas origens e cultura negra. Frantz Fanon (2008, p. 32) diz, quanto a isso, que a pessoa negra “tão mais branca será quanto mais rejeitar a sua escuridão”.

Sua condição financeira e alto cargo público lhe garantiu transitar por vários espaços e conquistar muitos olhares positivos, além de uma identidade que buscava condizer com a norma padrão imposta pela sociedade americana. Bride passa a se comportar de acordo com o estereótipo de mulher negra atraente, bonita, que é hipersexualizada, independente, seguindo de forma exata a imagem que a sociedade espera das mulheres negras. Todavia, existia algo que Bride não conseguia mudar na sua estética: a sua cor. Mesmo com muito dinheiro, sua raça continuava lá, então, ela levava dentro de si um sentimento racializado de abjeção que, de maneira contínua, ela passava a rejeitar.

Bride se envolveu em vários relacionamentos amorosos, mas nunca se aprofunda em nenhum deles por odiar mostrar suas vulnerabilidades e suas lembranças da infância. Apenas no seu relacionamento com Booker é que ela se permite abrir suas emoções, então: “[...] abri meu coração para ele; ele não me contou nada dele.” (Morrison, 2018, p. 63), mas ele acaba terminando com ela, pois afirmava que Bride não era a mulher que ele queria. Isso acontece porque Booker não entende o fato de Bride querer ajudar uma detenta que foi condenada por pedofilia. ela, então, se questiona sobre o abandono do namorado, com as inseguranças da infância que voltam à tona, juntamente com o desejo de sanar, de alguma forma, o mal que fez à professora.

Ao ir à prisão esperar pela saída da professora e lhe oferecer dinheiro para recomeçar a vida, a indignação da professora por ter sido acusada injustamente a leva a encher Bride de socos e murros. As dores físicas fizeram com que as dores internas e os traumas da infância de Bride se desencadeassem e tomassem conta dela, a partir daí, ela passa a lembrar suas dores e sente seu corpo regredindo à forma da infância. A partir disso, ela se desmonta e revela suas vulnerabilidades e narra todo o seu processo de redescoberta, que culmina na sua jornada de cura e renascimento. Sua construção identitária perpassa pelo processo de negação, aceitação e afirmação da sua identidade.

### 3.1 QUESTÃO DE RAÇA: TRAUMAS, DORES E O RACISMO COTIDIANO

Quando abordamos sobre o racismo, conseqüentemente, também estamos tratando a respeito de raça, que não é um termo fixo, estático. Conforme enunciado pelo filósofo brasileiro Sílvia Almeida (2019, p. 24), “seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico”.

A classificação humana baseada na raça criada pelos colonizadores tem, segundo Morrison (2019, p. 16), “a urgência em distinguir entre quem pertence à raça humana e quem decididamente não é humano. [...], A desumanização racista não é apenas simbólica; ela delimita as fronteiras do poder, através disso, deram origem a supremacia branca”. É fato que todos somos racializados, o que nos divide são as características fenotípicas e a cor das pessoas, que acaba categorizando-as como alguém pertencente e não pertencente a uma raça, o que, infelizmente, acaba dividindo a sociedade.

De acordo com Almeida (2019), isso é oriundo da construção histórica, política e econômica da sociedade: “[...] o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (Almeida, 2019, p. 31); isso deu existência ao preconceito e racismo.

A fundação da modernidade vem “embutida” com a criação do conceito de raça no século XVI e seus significados são múltiplos. A questão da raça é um dos grandes elementos identitários, se não o maior, sendo, assim, não deve ser ignorada, pois a diferença racial vai comprovar os privilégios existentes no interior das estruturas sociais, como ocorre na sociedade americana.

De acordo com Stuart Hall (2020, p. 42), “a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica”, mas, ainda assim, é utilizada para distinguir as pessoas. Na contemporaneidade, o termo não é mais utilizado para distinguir quem é superior ou inferior, como no colonialismo, que definia e classificava os brancos como superiores e as pessoas de cor como inferiores.

Então, raça ganha um novo viés e torna-se, de acordo com o antropólogo Kebengele Munanga (2004, p. 23), “como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão”. Enquanto isso, a ativista e professora Nilma Lino Gomes (2020) enfatiza que a raça se estabelece no contexto

da cultura. Ela infere que foi por intermédio da cultura que a sociedade foi instruída a observar negros e brancos de maneiras diferentes, colocando um em sobreposição ao outro.

Isso acontece por intercorrência da relação de dominação e subordinação proveniente do colonialismo que ainda interfere nos dias atuais, na vida das pessoas negras, ao ponto que as induzem a se afastarem da sua imagem e características negroides e partirem em busca de se identificarem com as imagens tidas como sublime, imagens essas ideológicas, criadas pelo colonizador, que condecora os traços físicos da raça caucasiana.

Frantz Fanon (2008, p. 26) atesta que “[...] o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco”. Por ter sua existência negada pela civilização branca e, também, pela cultura supremacista branca, proporciona meios para a detenção da raça negra, e isso faz com que a pessoa negra procure meios de incorporar, seja por intermédio da estética ou cultura europeia, formas de se parecer com o padrão colonizador tido como universal. Assim, faz com que crie ódio e deseje cada vez mais se afastar das suas negritudes.

O racismo vem de uma forte herança cultural, oriunda dos colonizadores europeus nos Estados Unidos da América, tornando-se algo estável em toda a história norte-americana. Após a abolição do regime escravista nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, as leis de segregação racial se iniciaram no país com o objetivo de fazer discriminação racial pautadas na violência e exclusão de pessoas de cor, dando origem ao racismo que fora criado pela sociedade supremacista branca e sustentado até os dias atuais. Sílvia de Almeida (2021), em sua obra *Racismo estrutural*, explica que o racismo será sempre estrutural, pois:

É um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (Almeida, 2021, p. 20-21).

O racismo na contemporaneidade ainda é visto como algo do passado, mas ele é um fator determinante das relações sociais e, infelizmente, ainda é presente no cotidiano das pessoas pretas. Não é apenas um evento isolado que acontece de forma individual no cotidiano dessas pessoas, vai além disso, pois está enraizado na política e na economia social que desenvolve as múltiplas violências de desigualdades sociais, nas quais o grupo que detém o poder, no caso a supremacia branca, tem o controle sobre outros grupos, como os negros,

além de ter mais privilégios em uma sociedade que “se organiza baseando-se em normas e padrões prejudiciais à população negra” (Almeida, 2021, p. 46).

Por não se sentir pertencente e inclusa na sociedade, a pessoa negra acaba direta ou indiretamente tornando-se refém do indivíduo branco. Por isso, sobre o fato de não ser branca, acaba nascendo nela, desde a infância, o desejo de assemelhar-se à branquitude através do branqueamento. Com isso, a pessoa negra acaba se autorrejeitando, como sublinha Fanon na obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008).

Começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja mais um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco (Fanon, 2008, p. 94).

Nessa perspectiva, a sociedade supremacista branca e racista é altamente discriminatória e preconceituosa com as pessoas negras e tais ações causam reações irreparáveis nesses sujeitos que, ainda na infância, questionam-se por não terem nascido brancos e passam a depreciar a sua imagem, odiar a si mesmo, pois o sentimento de inferioridade cria na pessoa negra, como destaca Fanon, “[...] uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável” (Fanon, 2008, p. 59).

Bride, desde a infância, internalizou esse sentimento de inferioridade, algo que ela herdou da mãe que também tinha tal sentimento e mostrava para a filha que, por serem negras, sempre teriam que se sujeitar as pessoas brancas e que deveriam passar despercebidas para não sofrerem tanto com o racismo. Por isso, Mel acreditava que precisava ter muito cuidado com a criação da Bride, pois a mãe precisava preparar a filha para ser passiva ao racismo e ao preconceito que vivenciaria: “Eu tinha que tomar muito cuidado no jeito de criar a menina. Ela (Bride) precisava aprender a se comportar, a baixar a cabeça e não criar problema” (Morrison, 2018, p. 15). Com isso, Bride tornou-se uma adulta com traumas e estigmas internalizados.

O racismo cotidiano cria vários traumas na pessoa negra, gerando vários impactos corporais, pois, como sublinha Kilomba,

No racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter. Tal separação é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo com sua própria conexão com a sociedade inconscientemente pensada como branca. Esse é o trauma do sujeito negro (Kilomba, 2019, p. 39-40).

A forma violenta que as atitudes, falas e gestos ocasionados pelo racismo criam traumas no sujeito negro é preocupante, pois já está fixado no imaginário da sociedade hegemônica uma fantasia sobre o que as mulheres negras representam. Elas não conseguem se veem providas de beleza. A diferença física entre elas e as mulheres brancas são impregnadas pela branquitude como feio, exótico, motivo de chacota e exclusão da sua identidade negra, produzindo na mente da mulher negra que há algo de errado nela por ser negra e se distanciar fenotipicamente do ideal branco de beleza e aceitação. De acordo com a psicanalista brasileira Isildinha Baptista Nogueira (2021), o racismo cria traumas psicossociais e seus efeitos acabam por moldar a nossa conduta enquanto pessoas negras e também o modo como pensamos, produzimos e sentimos. Kilomba (2019) argumenta que:

[...] o trauma de pessoas negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, que é a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como o/a “Outra/o”, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum. (Kilomba, 2019, p. 40)

Essa caracterização do racismo como traumático, que coloca sempre a pessoa negra no lugar de “Outro/a”, invade suas subjetividades, enclausurando-as nas representações coloniais e nas diversidades de estereótipos reprimidos da supremacia branca. Esses traumas não são ocasionados apenas por parte da sociedade, mas, muitas vezes, também da base familiar da comunidade negra, principalmente das famílias que são compostas por negros de tonalidades de peles mais claras, que se sentem em uma posição mais elevada se comparados aos negros de pele escura.

O racismo vivenciado por *Bride* deixou muitas marcas psíquicas na personagem e essas marcas fizeram com que ela, desde a infância, se distanciasse da percepção de si e interiorizou a objetificação dada a ela, que deixou marcas indizíveis em seu imaginário, sendo o racismo uma herança deixada pela escravidão. De acordo com Morrison, em seu ensaio “O corpo escravizado e o corpo negro” (2020):

O que é “peculiar” na escravidão do Novo Mundo não é sua existência, mas sua conversão à tenacidade do racismo. A desonra associada a ter sido escravizado não condena inevitavelmente os herdeiros de alguém à vilificação, à demonização ou ao suplício. O que sustenta isso é o racismo. Grande parte do que tornou excepcional a escravidão no Novo Mundo foram os traços raciais nitidamente identificáveis de sua população em que a cor da pele — antes de tudo, mas não de modo exclusivo — interferia na habilidade de gerações subsequentes se mesclarem com a população não escravizada. Não havia chance de esconder, disfarçar ou ofuscar o antigo status de escravizado, pois uma visibilidade bem marcada forçava a divisão entre antigos

escravizados e não escravizados (embora a história desafie essa distinção), sustentando uma hierarquia racial (Morrison, 2020, p. 107).

Como bem enfatiza Morrison, o racismo cria na pessoa negra uma imagem profundamente negativa do que é ser negro e isso afeta a psique desse indivíduo. Durante toda a narrativa, Bride vai descrevendo os episódios racistas vivenciados dentro de casa, na escola e em todos os lugares. Desse modo, percebemos que o racismo sofrido por ela gerou grandes impactos que afetaram seu psicológico e, conseqüentemente, toda a sua vida. Bride, através da recapitulação do passado por meio de *flashbacks*, rememora sua dura infância e adolescência ao lado de sua mãe, por isso seu passado tem efeitos significativos sobre o seu presente.

Em um dado momento da narrativa, aos prantos e com raiva, Bride relembra quando tinha oito anos, na época em que ela e mais quatro crianças foram testemunhas de um suposto abuso sexual realizado por uma professora de sua escola. Ela descreve a triste lembrança de quando saiu do tribunal e “A assistente social e psicóloga que orientavam a gente abraçaram todas elas (crianças), sussurrando ‘Tudo bem. Você foi muito bem’. Nenhuma me abraçou, mas sorriram pra mim”. (Morrison, 2018, p. 35). Esse fato fez Bride fazer a si mesma vários questionamentos que a fizeram acreditar que teria algum problema ou defeito em si para tal ação da assistente e psicóloga.

Para Kilomba (2019), o que converte o racismo em um evento traumatizante é a constância com que ele acontece na vida das pessoas negras. Segundo ela:

O racismo cotidiano não é um evento violento na biografia individual, como se acredita – algo que “poderia ter acontecido uma ou duas vezes” –, mas sim o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial (Kilomba, 2019, p. 78).

Como afirma Kilomba (2019), o racismo não acontece como um fato isolado, ele é o resultado do acúmulo de eventos violentos que, segundo a autora, “refere-se a todos os discursos, gestos, ações e olhares que colocam a pessoa negra como outro/a e também como “Outridade” (Kilomba, 2019, p. 98). Em todo o enredo, Bride relata as experiências nas quais ela sofre repressão da sociedade que lhe trata com inferioridade, insultos e violência, causando nela inúmeras inseguranças, mágoas e o sentimento de que ela sempre será insignificante para as pessoas.

Bride, quando adulta, relata as dolorosas lembranças ao lado da mãe, que lhe tratava como uma criança estranha e um ser de outro mundo, sendo altamente racista com a filha. Mel reproduz na filha o que a sociedade reproduziu nela, não apenas a sociedade, mas

também o que sua avó reproduziu com as filhas, pois não falava e nem tocava nelas. Sendo uma mulher negra de pele clara, negava a existência de suas filhas: “ela (avó) se passava por branca e nunca trocou nem uma palavra com filho nenhum” (Morrison, 2018, p. 11). Então, se dá a isso a “naturalização”, por parte de Mel, da forma como tratava e cuidava da filha.

Mel nega filiação a Bride e tratava a filha como uma estranha, naturalizando isso, mas esquecendo-se que a filha era uma pessoa que necessitava de vínculo e afeto. Bride tinha consciência do desafeto da mãe e o quanto Mel não gostava nem ao menos de tocar na menina.

Eu sabia que ela não gostava de tocar em mim, eu percebia a repulsa aparecia na cara dela quando eu era pequena e ela tinha que me dar banho. Enxaguar, na verdade, depois de uma esfregadela de qualquer jeito com uma toalha ensaboada. [...] Eu rezava para ela me dar uma bofetada ou uma surra, só pra sentir o seu toque (Morrison, 2018, p. 36).

A necessidade de receber afeto materno, para Bride, faz com que ela desejasse, de qualquer forma, ser tocada pela mãe, mesmo que esse toque viesse em forma de violência, pois ela só queria sentir a pele de sua mãe tocando à sua. Isso gera em Bride vários traumas, que, mesmo depois de adulta, não consegue esquecer. A filha sabia que a objeção de sua mãe era por conta da sua cor e isso gera uma ferida nela que o tempo não foi capaz de apagar. Através dessas experiências tão dolorosas, podemos inferir que o colonialismo, como declara Kilomba (2019), é real e as pessoas negras o sentem cotidianamente. Segundo ela:

[...] se torna presente e o presente passado é característica do trauma. Experimenta-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) remontando cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado (Kilomba, 2019, p. 158).

O passado colonial ainda pesa na atualidade e age e de forma perceptível para as pessoas negras, sendo vivenciado não como algo passado ou distante, mas como algo real, que gera sentimentos dolorosos e vergonhosos. De acordo com Kilomba (2019), isso faz com que o racismo cotidiano se apresente como uma experiência traumática. Ela enfatiza que:

A necessidade de transferir a experiência psicológica do racismo para o corpo expressa a ideia de trauma na experiência indizível, um evento desumanizante, para o qual não se tem palavras adequadas ou símbolos que correspondam (Kilomba, 2019, p. 161).



Esse era o caso de Bride. Ela não conseguiu verbalizar seus traumas de infância, vivenciados em decorrência do preconceito e discriminação por conta da sua cor. Bride mantinha isso escondido de todos, até dela mesma. Passa a lembrar tais vivências a partir da dor física sofrida após ter sido espancada cruelmente pela ex-professora, Sofia Huxley, sobre quem ela havia testemunhado falsamente contra ela na infância. Tal acusação acarreta a Sofia longos anos de prisão.

A personagem, por ser ainda muito criança, não tinha noção de que estava incriminando alguém, já que sua intenção com tal feito era ser vista pela mãe com bons olhos e afeto. Quando estava no tribunal, assim que concluiu o testemunho, Bride olha para a mãe: “[...] Ela (Mel) estava sorrindo como eu nunca tinha visto ela sorrir – com a boca e com os olhos. Fora do tribunal, todas as mães sorriam para mim e duas chegaram a me tocar e abraçar. [...] Depois do julgamento a Mel ficou maternal” (Morrison, 2018, p. 36).

Com isso, mesmo que por apenas alguns minutos, Bride se sentiu notada, especial e importante para sua mãe. Quando adulta, ao lembrar e conversar sobre o fato com seu namorado Booker, única pessoa que ela sente confiança para abrir seu coração e seu passado, relata a injustiça e mentiras ditas contra a professora. Na ocasião, ele a questiona para tentar entender o porquê de Bride ter cometido tal ato. Ela então, justifica dizendo que mentiu “pra minha mãe segurar na minha mão! E olhar pra mim com orgulho pela primeira vez.” (Morrison, 2018, p. 144). Bride mentiu para conseguir um pouco de amor e atenção da sua mãe na infância, mas o que não imaginava era que carregaria dentro de si a culpa por ter incriminado uma pessoa inocente, mesmo que ela não tivesse essa intenção.

Mel acreditava que a cor (preta retinta) de Bride lhe causaria muitos problemas na sociedade americana do século XX, mesmo depois da existência da lei que proibia a discriminação racial nos Estados Unidos, que, na realidade, nunca, de fato, foi cumprida. Por isso, Mel reproduzia cotidianamente, na infância e adolescência de Bride, atitudes racistas e discriminatórias que, segundo ela, era uma forma de preparar a filha para conseguir conviver com tais discriminações por parte da sociedade. Podemos inferir que Mel reproduziu na filha o que a sociedade mostrava para ela.

Recorremos a Kilomba (2019) para tratarmos dessas experiências do racismo como algo traumático presente na obra, pois, segundo ela:

A escravidão, o colonialismo e o racismo cotidiano necessariamente contêm o trauma de um evento de vida intenso e violento. [...] A escravidão, o colonialismo e o racismo cotidiano contêm uma imprevisibilidade que leva a efeitos prejudiciais[...] (Kilomba, 2019, p. 214).

Pode se dizer que o racismo tenha marcado a vida de Bride por inúmeras vivências racistas. Além de sua mãe, a sociedade também não a via como pessoa normal, negando seu acesso às estruturas e espaços na sociedade, por isso, logo quando a viam, observavam apenas a sua cor e logo a repudiavam. Kilomba (2019, p. 174) destaca que uma pessoa negra “[...] é vista apenas como uma raça, porque no racismo nega-se, para negras e negros, o direito a subjetividade”.

Desde os primórdios das grandes colonizações até os dias atuais, os detentores da supremacia branca cravaram no imaginário coletivo a desvalorização do povo negro, passando a ideia que, nós, negros, somos naturalmente inferiores e que apenas através do branqueamento podemos ser considerados “menos feios”. Assim, o racismo introjetou isso na mente da pessoa negra, interferindo no seu modo de ser e viver no mundo, causando vários atos de autodepreciação do negro.

Isso é tido de forma tão natural na sociedade que ser negro e ter as características negroides é sinônimo de ‘feio’, assim como ser o “irracional, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico” (Souza, 2021, p. 57). Neuza Souza chama isso de mito negro, pois essas expressões são “portadoras de uma mensagem ideologia que busca afirmar a linearidade da “natureza negra” (Souza, 2021, p. 57), ao ponto dessas expressões e muitas outras existentes serem tidas pela sociedade racista como sinônimo de pessoa negra.

Por isso, Toni Morrison acentua que o racismo faz diferença entre os seres humanos tanto na forma de viver quanto na forma de se comportar, pois “ser um Outro nesse país (Estados Unidos) faz diferença, e a verdade desanimadora é que provavelmente continuará a fazer” (Morrison, 2019, p. 17). O racismo, em decorrência da cor da pele e de características fenotípicas, será a principal marca para justificar o tratamento diferenciado para as pessoas que possuem o fenótipo da raça negra, algo perceptível na narrativa de *Deus ajude essa criança*, sendo uma característica que a escritora coloca em questão através das personagens femininas.

O preconceito racial é uma atitude desumana atribuída às pessoas negras e, de certa forma, contribui para promover estigmas também arrastados para o contexto identitário, seja devido à cor da pele, à aparência, seja devido à toda ou parte da ascendência étnica, pois, ainda na contemporaneidade, o negro é visto como diferente. Morrison (2019) vai afirmar que essas “descrições de diferenças culturais, raciais e físicas denotam “Outremização” (Morrison, 2019, p. 23), ou seja, para a supremacia branca, o negro continua sendo visto e tratado como o “Outro”.

Isso sustenta o poder da supremacia branca que insiste em dominar os sujeitos negros, pois, infelizmente, ainda “[...] é uma tendência dos humanos de separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser controlados” (Morrison, 2019, p. 24), que, infelizmente, ainda imperam na sociedade. Percebemos durante toda a narrativa essa “outremização” dos sujeitos negros, Mel mesmo tendo a cor da pele negra mais clara, é vista e tratada como diferente.

Ela descreve o quão difícil era a vida de uma mulher negra, mesmo que de pele clara, e mais rejeitada ainda por ser mãe solo: “então era só nós duas durante muito tempo e nem preciso dizer o quanto difícil” (Morrison, 2018, p. 14) por ser negra, mesmo com a proibição de discriminação para quem alugava casas, “[...] nem todo proprietário obedecia. Inventavam razões para te evitar” (Morrison, 2018, p. 13).

Para ela, era difícil conseguir uma casa sendo negra, ainda mais tendo uma filha de pele retinta. A mãe não ousava levar Bride quando ia procurar casas, pois sabia que a sociedade estadunidense, por ser preconceituosa, ao ver a filha, não lhe alugariam: “Eu sabia que não podia levar a menina quando ia falar com os donos das casas, então deixava ela com uma prima adolescente para tomar de conta” (Morrison, 2018, p. 13). Era notório para Mel o quanto ela e a filha eram vistas e tratadas como ‘diferentes’. Kilomba (2019) destaca que “no racismo não há lugar para a ‘diferença’. Aqueles e aquelas que são “diferentes permanecem perpetuamente incompatíveis com a nação” (Kilomba, 2019, p. 113).

Ela ainda sublinha que nós, negros, somos tidos como diferentes porque se ‘diferem’ do que é denominado como norma branca, isso porque “são um grupo que tem o poder de se definir como norma. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferentes” (Kilomba, 2019, p. 75), ou seja, a branquitude é tida como base e padrão para as outras raças, tornando-se “superior” a todas elas, ao passo que os indivíduos não brancos são discriminados por se diferir da norma.

As lembranças dolorosas promovidas pelo racismo pairavam a mente de Bride, como podemos perceber em como ela relembra em uma cena na qual os vizinhos caçoavam dela e a magoavam: “Ela é meio bonitinha debaixo daquele pretume todo. Os vizinhos e as filhas concordavam” (Morrison, 2018, p. 39). A pele escura de Bride, por estar fora da esfera estética do belo, jamais seria aceita pela sociedade, pois não apresentava elementos que compõem o padrão, e pessoas pretas, como Bride, estarão na escala de beleza sempre entre bonitinhas e feias, portanto, sabemos que isso é reflexo do racismo. Além disso, a personagem ainda destaca que foi uma luta conseguir seu primeiro emprego por ser negra meia-noite, como ela mesma se define, e não condizer com o ideal de beleza desejado.

A personagem declara que “depois de não sei quantas recusas, finalmente consegui um trabalho em estoque – nunca vendas onde os clientes me veriam. Eu queria o balcão de cosméticos, mas não coragem de pedir” (Morrison, 2018, p. 40). Isso porque não queriam que Bride fosse vista transitando dentro da loja, nem que atendesse os clientes. O único lugar destinado a ela era o estoque, por estar nos fundos, isso porque queriam torná-la invisível e na posição de inferior. No momento em que Bride é impedida de trabalhar diretamente com o público na empresa na qual contratada, isso é experimentado como um choque, “[...] privando alguém de sua própria ligação com a sociedade. Esse choque violento é o primeiro elemento do trauma” (Kilomba 2019, p. 157).

Dessa forma, nós, mulheres negras, encontramos muitas dificuldades de ascender socialmente e, quando conseguimos, ocupamos cargos inferiores, mesmo tendo qualificação para tal cargo, além dos baixos salários, e, em tempos de crise, somos as primeiras a serem demitidas. Kilomba (2019) salienta que o racismo cotidiano tem grandes similaridades com o colonialismo, sendo, então, o seu sucessor.

A ideia de descolonização pode ser facilmente aplicada ao contexto do racismo, porque o racismo cotidiano estabelece uma dinâmica semelhante ao próprio colonialismo: uma pessoa é olhada, lhe é dirigida a palavra, ela é agredida, ferida e finalmente encarcerada em fantasias *brancas* do que ela deveria ser. Para traduzir esses cinco momentos em linguagem colonialista militarista: a pessoa é descoberta, invadida, atacada, subjugada e ocupada. Ser “olhada” torna-se análogo a ser “descoberta” etc. Assim, em questão de segundos, uma manobra colonial é realizada sobre o *sujeito negro*, que simbolicamente se torna colonizado. De fato, gosto da metáfora do racismo cotidiano como um ato de colonização, porque o colonialismo jaz exatamente na extensão da soberania de uma nação sobre um território além de suas fronteiras – e é essa também a experiência do racismo cotidiano (Kilomba, 2019, p. 224-225, grifos da autora).

Como podemos perceber acima, Kilomba (2019) traz discussões acerca do colonialismo que subjuga os corpos negros e como ele ainda é tão presente na sociedade contemporânea e se revela de diversas formas, oprimindo os sujeitos negros e criando neles uma fantasia branca, determinando como eles deveriam ser. Dessa forma, a pessoa negra sente-se deslocado e se vê como um problema, pois nunca consegue se encaixar na sociedade por ser “diferente”. Isso faz com que o sujeito branco se torne um modelo ideal, no qual a pessoa negra se espelha e deseja se constituir.

Neuza Souza (2021) chama esse modelo de ideal do ego, que, segundo ela, “é a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à lei e a ordem. É o lugar do discurso. [...] é a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normatividade libidinal com a

cultura” (Souza, 2021, p. 64). O sujeito exige que seja efetivado o ideal do ego, mas é algo inalcançável. Neuzza faz tal relação para explicar que o ideal do ego do indivíduo negro:

É aquele cujo ideal do ego é branco. O negro que tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido, e que endossa a luta para realizar esse modelo. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstâncias, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se (Souza, 2021, p. 65).

Dessa forma, a primeira ação do sujeito negro é a negação de si mesmo, pois ele interioriza os preceitos e imposições do branco para tentar, pelo menos, se aproximar, tanto fisicamente como mentalmente, do que é considerado norma, que é constituir-se como branco, rejeitando sua cor, cabelo, nariz, boca, causando, assim, um desespero anormal fazendo com que o sujeito negro “violente seu corpo físico” (Souza, 2021, p. 66).

Por isso, desde a infância, pessoas negras, mais especificamente nós, mulheres negras, somos bombardeados por imagens extremamente pejorativas ao nosso respeito. A falta de representatividade faz com que, ainda na infância, pessoas negras queiram se identificar com as pessoas nas quais elas mais veem nas mídias, nos mais altos cargos e nos mais diversos lugares da sociedade. Quanto a isso, Kilomba (2019), ao fazer menção aos estudos do psicanalista Fanon, afirma:

Antes mesmo de uma criança negra ter colocado os olhos em uma pessoa branca, ela foi bombardeada com mensagens de que branquitude é normativa e superior, diz Fanon. Revistas em quadrinhos, filmes e televisão forçam a criança Negra a se identificar com outros brancos, mas não com si mesmo (Kilomba, 2019, p. 97).

Ao não se ver representada nos veículos de comunicação, na escola e na sociedade, a criança negra desenvolve uma imagem ruim de si ao constatar a aversão à sua etnia, assim como a exclusão e a discriminação, e isso produz grandes impactos no início da construção de sua identidade. Através disso, a sociedade reforça o ideal do ego, do qual as pessoas negras devem buscar, assim, ao ser bombardeado em todas as esferas por imagens de pessoas brancas enaltecidas e prestigiadas, intensifica dentro do sujeito negro “A eficácia de modelo ideal branco” (Souza, 2021, p. 68), pois é o modelo dominante da estrutura social, fazendo com que o sujeito branco ocupe um lugar de privilégios na sociedade.

Kilomba (2019) ressalta que os corpos negros, além de “inferiores” para a sociedade eurocêntrica branca, também são vistos como não pertencentes a nenhum lugar, sendo “deslocados”. Ela aponta que:

No racismo, *corpos negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘*fora do lugar*’ e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia (Kilomba, 2019, p. 56, grifos da autora).

É exatamente assim que Bride se sente durante toda a narrativa, como uma pessoa “fora do lugar”, sem nenhuma possibilidade de pertencimento. O oposto acontece com os corpos brancos, que são tidos como norma cultural e que “pertencem” a todos os espaços, tendo, assim, a liberdade de moverem-se à vontade por todos eles. É nas situações cotidianas de Bride que o racismo foi se revelando, criando situações constrangedoras, nas quais a personagem se sentia imersa por uma onda de palavras negativas, violência e depreciação do seu corpo negro. Podemos observar essa situação na cena abaixo, na qual Bride relata uma infeliz lembrança do racismo que vivenciava diariamente na escola.

[...] Como na escola, mais tarde, quando gritavam pra mim ou cochichavam outros xingamentos - com definições misteriosas, mas sentidos claros, corvo, tição, cabelo duro, zamba, uga, uga. Sons de macaco, gesto de coçar as costelas, imitando os macacos do zoológico (Morrison, 2018, p. 57).

As ofensas a Bride saem de algo físico e material como corvo, tição, cabelo duro, até chegarem em algo abstrato e onomatopeico (uga-uga). Essa é a demonstração explícita do racismo em operação na vida de pessoas negras. Ele perpassa entre o espaço físico e mental, pois é cruel e excruciante, causa grandes impactos na vida em sociedade e na psique das crianças negras por não serem aceitas com suas características fenotípicas e por não serem acolhidas e respeitadas. O espaço escolar é um dos ambientes no qual a criança negra mais sofre com o racismo, que, muitas vezes, é omitido pela escola e visto como uma brincadeira pelos colegas, mas que, para as crianças negras, é um ato de humilhação que causa dor, sofrimento e revolta, além de influenciar no tipo de adulto que elas se tornarão no futuro. Por isso, é tão importante que seja promovido nas escolas a educação antirracista com o intuito de anular as sutilezas do racismo.

Para Kilomba (2019, p. 130), “o racismo, não é biológico, mas discursivo, ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens”. Morrison (2018) mostra, através das vivências de Bride, as dificuldades em ser uma mulher negra em uma sociedade racista e preconceituosa. Ela acentua que as dificuldades causam nessas mulheres repulsa a si e à sua cor, passando a associá-la como um fardo, como podemos

perceber na fala da personagem Mel sobre a cor da sua filha Bride: “a cor dela é uma cruz que ela vai carregar para sempre” (Morrison, 2018, p. 14).

Com isso, percebemos que Mel rejeita a tonalidade de pele escura de sua filha. Logo em seu nascimento, ela declara que “[...] dar de mamar pra ela era como botar uma macaquinha chupando minha teta, passei pra mamadeira assim que cheguei em casa” (Morrison, 2018, p. 13). Com isso, Bride cresce impedida de experienciar o afeto e cuidados proporcionados pela relação de amor e cuidado entre mãe e filha.

Bride, em um dos seus relatos a respeito da sua infância e dos episódios traumáticos e intensos do racismo que a rodeava, declara que não tinha uma vida normal como as outras crianças da sua idade, pois sua mãe não era como as outras. Por isso, algumas vezes, ela “[...] fazia uns errinhos de propósito, mas Mel achava jeitos de me castigar sem ter que tocar a pele que ela odiava – ir dormir sem jantar, me trancar no quarto – o pior era quando ela gritava comigo” (Morrison, 2018, p. 36).

Bride tinha consciência que o ódio de sua mãe por ela era por conta da cor de sua pele. Ter ciência disso causava muita dor na menina e sua cor, então, passa a ser um suplício e um fantasma que a persegue diariamente por meio do racismo. Kilomba (2019, p. 219) infere que “o racismo torna um fantasma que assombra dia e noite. [...] Vivê-lo é tão excessivo e intolerável para a organização psíquica, que a violência do racismo assombra o sujeito negro de maneira que outros eventos não o fazem”. Bride declara, ainda, que, por ser tão violentada através do racismo, na sua infância, ela vivia cercada de medo e nunca reagia ao racismo: “quando impera o medo, obedecer é a única opção de sobrevivência. [...] nunca reagia” (Morrison, 2018, p. 36). Ela foi moldada por sua mãe para a subserviência, para aceitar as opressões e humilhações da sociedade, por sua mãe lhe fazer acreditar que ela era inferior por ser preta.

Mel sonhava em ser mãe, mas idealizava uma filha de pele clara e cabelos ondulados, no entanto, se frustra por não ter seu ideal de filha “perfeita” realizado, pois Bride é o oposto do que ela esperava, por isso a mãe rejeitou a filha e não conseguiu ter afeto pela menina e nem ser maternal. Em relação a isso, Gomes (2020, p. 40) aponta que “a rejeição do corpo negro pelo negro condiciona até mesmo a esfera da afetividade. Toca em questões existenciais profundas: a escolha da parceira, a aparência dos filhos que se deseja ter”. Essa é uma realidade presente no contexto familiar de muitas pessoas negras que buscam o branqueamento da família, muitas vezes, não apenas porque não gostam da sua cor ou etnia, mas porque não querem que os filhos sofram como elas sofrem com as pressões estéticas,

racismo, discriminação e porque vivenciam na pele as lutas e dificuldades que enfrentam por serem negros, por não terem oportunidades e nem seus direitos garantidos.

A dolorosa experiência com o racismo surge para pessoas negras de maneira clara e/ou camuflada, mas é percebida por eles. Almeida (2021, p. 38) elucida que “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”.

A pessoa negra jamais vivencia o racismo como algo natural e comum. Mesmo que diariamente sofrendo ataques racistas, sua reação sempre será como um choque. Quando mulheres negras são depreciadas, insultadas e envergonhadas, é como se, através do racismo cotidiano, voltassem a viver e serem vistas como no passado colonial. Nesse sentido, Kilomba destaca que “toda performance do racismo cotidiano pode ser vista como uma reatualização da história” (Kilomba, 2019, p. 158), na qual todos os episódios racistas colocam as personagens negras da narrativa de “volta a um passado colonial, onde experiência desonra e vergonha (Kilomba, 2019, p. 158).

Como podemos perceber na cena abaixo, Mel relembra o racismo traumático vivenciado por seus pais quando foram se casar e tinha uma Bíblia apenas para pessoas negras tocarem, mas eram os negros que eram tidos como empregados dos brancos, que cozinhavam e esfregavam as costas deles, só não podiam tocar na mesma Bíblia que os patrões. Mel descreve como tão contraditórias são tais atitudes que remetem à era colonial, na qual os negros eram vistos apenas como mulas e serviçais, sendo desprovidos de direitos e de humanidade.

Quando ela e meu pai foram casar no fórum, tinha duas Bíblias e eles tiveram que pôr as mãos na que era reservada pra negro, a outra era para mão de branco. A Bíblia! Da pra ser pior? A minha mãe era empregada de um casal rico. Eles comiam toda a comida que ela fazia, insistiam para ela esfregar as costas deles quando estavam dentro da banheira e Deus sabe quantas coisas íntimas além disso obrigavam ela a fazer, mas não podia tocar a mesma bíblia (Morrison, 2018, p. 12).

Tais atitudes da sociedade supremacista branca mostram para as mulheres negras, bem como toda a comunidade negra, que o colonialismo é algo real, vivenciado no presente, e não é mais algo apenas do passado, pois os negros o vivenciam no presente: “as cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente), e por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado)” (Kilomba, 2019,



p. 225). Isso resulta em feridas e traumas no sujeito negro através da forte ligação entre o passado colonial e o presente.

Bride, da infância até a juventude, internaliza um complexo de inferioridade frente às pessoas de pele clara. Já na fase adulta dá início ao processo de autoilusão e muda seu jeito de ser, falar, vestir, pensar, se comportar, seu poder aquisitivo e lugares que frequenta, pois seu maior intuito é não ser mais assombrada pelos traumas do racismo vivenciado na infância. Ela, então, segue o conselho de “[...] usar sempre branco. [...] só branco e tudo branco o tempo inteiro. (Morrison, 2018, p. 40). Os conselhos fizeram com que Bride mudasse drasticamente sua aparência. Mesmo assim, os olhares racistas ainda permaneciam, mesmo que disfarçados de elogios, aliás, ele está enraizado na estrutura social, pois “aonde quer que vá, o preto permanece um preto” (Fanon, 2008, p. 149).

Apesar do racismo e das limitações enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade, elas têm reconstruído sua identidade baseada na autodefinição e autoaceitação. Mesmo sendo um processo difícil, longo e apesar do bombardeio e das diferenças, nas quais a estrutura social as tem predestinado, essas mulheres têm resistido e buscado um lugar de protagonismo, tornando-se sujeito, não deixando mais que as diferenças raciais as definam e as enclausurem.

### 3.2 “QUANTO MAIS CLARA, MELHOR”: COLORISMO E O PRECONCEITO DE COR

De acordo com a historiadora Giovana Xavier (2021), nos Estados Unidos, para uma pessoa ser considerado preta, basta que se tenha “um indivíduo filho ou neto de *black*, considerado como o sistema *One drop rule*, a Regra de uma Gota de Sangue *black* passaria a ser considerada um africano puro” (Xavier, 2021, p. 41), ou seja, é necessário apenas uma gota de sangue negro para um indivíduo ser considerado negro nos EUA, dando origem ao preconceito racial de origem.

Nos séculos XIX e XX, a partir das leis segregacionistas que ficaram conhecidas como as *Leis Jim Crow*, configura-se a discriminação racial, na qual discrimina as pessoas pretas e os excluía de todos os direitos sociais. Com as leis segregacionistas, as pessoas pretas não poderiam ocupar os mesmos locais, espaços e empregos que as pessoas brancas.

Essa lei também proibia o casamento entre pessoas brancas e pretas, gerando uma divisão legal da população em dois grupos: de um lado, ficavam as pessoas brancas e, do outro, as pessoas não brancas (mulatos e pretos). De acordo com o sociólogo Demétrio Magnoli (2009, p. 121): “as leis segregacionistas abrangiam o casamento e as relações sexuais, os transportes públicos, os banheiros, as escolas, os hospitais, os hotéis e

restaurantes, os reformatórios penais, os teatros, as bibliotecas, os equipamentos esportivos e de lazer”.

Durante a narrativa de *Deus ajude essa criança*, Morrison (2018) descreve a luta da população negra nos Estados Unidos por igualdade e espaço na sociedade americana. A personagem Mel, durante a trama, levanta alguns questionamentos a respeito da Regra da Gota de Sangue: “[...]já imaginaram quantos que dizem ser brancos tem sangue negro correndo escondido em suas veias? Adivinha. Vinte por cento, me disseram” (Morrison, 2018, p. 12). Com isso, a escritora traz para debate, por meio da ficção, as questões referentes ao fenômeno do *passing* que, segundo Magnoli:

É uma estratégia de reinvenção identitária pela qual um indivíduo se “faz passar” por integrante de grupo social no qual não seria normalmente admitido como regra, no *passing* um mestiço, socialmente classificado como negro, refaz sua identidade como branco” (Magnoli, 2009, p. 153).

O *passing*, então, significa a passabilidade de um indivíduo ser lido socialmente como integrante de um grupo identitário que se difere do grupo no qual ele realmente pertence. Isto é a forma que uma pessoa negra de pele clara encontra para se passar por branca. Na vida real, assim como na ficção, várias pessoas pretas de pele clara se “passaram” por brancas nos Estados Unidos, essa era uma forma de sobreviver em uma sociedade extremamente racista e misógina que imperava a segregação. Então, o *passing* seria a única forma da pessoa negra de pele clara ser aceita pela sociedade dominante, ter oportunidades, poder frequentar ambientes, oportunidade de ascensão social e ter privilégios que eram negados as pessoas negras por considerá-las como inferiores frente as pessoas brancas por pertencerem a uma categoria de superioridade e poder.

O *passing* foi debate em muitas obras afro-americanas e teve sua explosão entre os séculos XIX e XX, A exemplo da obra *Passing*, de Nella Larsen, publicado em 1929. Larsen é uma das grandes escritoras do movimento *Harlem Renaissance*. A narrativa conta a história de Irene e Clare, duas mulheres negras de pele clara que vivem no início do século XX nos Estados Unidos. Irene e Clare são duas amigas de infância que, por um fatídico acontecimento na vida de Clare, se separam e passam a morar distantes uma da outra. Quando adultas, elas usam o privilégio de terem a pele negra clara para se passarem por brancas em New York, no período que imperava a segregação racial.

Irene se casa com um médico branco e tem dois filhos negros, é uma mulher consciente da sua raça e não sente vergonha por ser negra, mas faz uso do privilégio da cor

clara para “se passar” por branca e poder frequentar alguns lugares como hotéis, restaurantes e bares segregados. Em uma das suas idas a esses lugares sofisticados que proibiam a entrada de negros, por estar em vigência as leis de *Jim Crow*, ela e a amiga Clare se reencontram ocasionalmente, vale destacar que ambas se passavam por mulheres brancas para poderem frequentar esse espaço e se esquivar do preconceito e discriminação.

Com a morte do seu pai, ainda na sua infância, Clare foi morar com duas tias brancas e elas impuseram a Clare que esquecesse seu passado e sua ancestralidade. As tias fizeram com que Clare esquecesse sua identidade negra e adotasse, desde então, a identidade de uma mulher branca e passasse a viver como tal. Ela, já adulta, se casa com um homem branco, rico e muito racista que não sabe da verdadeira identidade de sua esposa. Eles têm uma filha que, para a “sorte” de Clare, nasce branca como o pai. Mesmo já tendo uma filha, ela morre de medo de engravidar novamente e nascer uma criança negra, pois, segundo ela, se isso acontecesse, seria descoberta pelo marido e teria sua vida arruinada.

Ainda que estivesse se distanciando da sua identidade enquanto mulher negra, Clare, ao se reencontrar com a amiga Irene, a convida para visitar sua casa. Irene se surpreende ao saber que o marido de Clare não sabe sobre o seu passado e mostra-se altamente preconceituoso e racista, isso fica perceptível em suas falas e deixa Irene constrangida, mesmo que as falas racistas dele não tenham sido pra ela, pois ele não a reconhecia como negra. Esse encontro com o esposo de Clare deixou Irene muito incomodada, com isso, ela decide nunca mais falar com a amiga, mas acaba não conseguindo ignorá-la. A curiosidade de Clare e o desejo de se aproximar da sua cultura faz com que ela insista para que a amiga a permita participar de inúmeros eventos nos quais a comunidade negra era majoritária.

Irene mostra-se aflita com os perigos que sua amiga corria com a vida dupla que levava. A narrativa termina com o fatídico acidente que leva à morte de Clare. A autora deixa em aberto a causa do acidente, que pode ter ocorrido pela queda de Clare da janela de um apartamento ou talvez tenha sido empurrada por seu esposo ou sua amiga Irene.

Assim como na narrativa de *Passing*, Toni Morrison, através da obra *Deus ajude essa criança*, logo no início da narrativa, suscita discussões sobre o *passing* e como ele afetou a construção identitária de várias famílias negras nos Estados Unidos. Percebemos, através da narrativa, que Mel e sua família tentam construir sua identidade no *passing*.

Ao tentarem “passar” por pessoas brancas, utilizam desse privilégio com o intuito de conseguirem se desvencilhar da armadilha social. Para as pessoas negras de pele clara, há a possibilidade de reconstruir sua identidade enquanto branco através do alisamento dos cabelos, clareamento da pele, lábios finos e nariz afilado, que o faz mais parecido com o branco do que

com o negro, conseguindo, assim, mais privilégios e oportunidades se compararmos as pessoas de pele negra escura.

Por conta da tonalidade da pele clara e traços finos, muitas mulheres negras encontram, desde a infância, dificuldades em se verem como negras e se autoafirmarem. Isso é o que acontece com a personagem Mel, que, por ter a tonalidade de pele negra, só que mais clara, descreve os privilégios que a cerca por ser “quase branca” (termo utilizado para descrever pessoas negras que tem traços finos que às tornam mais próxima da estética branca). Com isso, a escritora faz um paralelo entre a cor de Mel, mulher negra de pele clara, como ela mesma declara - “eu tenho a pele clara, o que chamam de pele oliva” (Morrison, 2018, p. 11) -, e a cor de Bride, que é preta de pele retinta e características fenotípicas africana.

Bride é descrita por sua mãe como “preto meia-noite, preto Sudão” (Morrison, 2018, p. 11). Por ser preta retinta, ela sofre severamente com o racismo e discriminação que se inicia no convívio familiar. A inconformidade de sua mãe, que não aceitava a cor da pele da filha faz Mel declarar que “não tem ninguém na minha família com uma cor daquela. Alcatrão é o que chega mais perto” (Morrison, 2018, p. 11). Ao descrever Bride como alcatrão, que é uma substância preta, de forte odor, que deriva do carvão que é altamente tóxico, percebemos o quanto Mel depreciava a pele retinta da filha, pois, desde a era colonial, foi imposto pelos colonizadores que ter a pele preta é sinônimo de sujeira.

Tal descrição que a mãe faz da filha nos causa espanto por ser emitida por uma mãe, mas vale destacar que Mel reproduz na filha o que aprendeu com a sua família, que veem na cor de suas peles uma superioridade racial frente aos de pele retinta, que são vistos como seres desprezíveis. Isso provocou vários danos na vida da menina e um deles foi a autodepreciação racial, pois sua cor era um grande marcador de diferenciação e discriminação no seu lar e também na sociedade. Isso faz com que Bride recuse sua própria imagem e se veja sempre como inferior frente às pessoas de pele clara. Com isso, ela sofre com a exclusão, discriminação e maus-tratos por parte de toda a sociedade estadunidense.

O que Mel faz com sua filha é reproduzir as falas, gestos e tratamento dado pela sociedade supremacista branca ao indivíduo negro de pele retinta, não só ela faz isso, mas toda a sua família, pois, por terem a pele negra clara, não se perceberem como negros. Assim, obtiveram alguns benefícios ao abraçarem a brancura, coisa que pessoas de pele retinta, como Bride, jamais conseguiriam fazer.

Em dado momento no romance, Mel destaca que seus pais podiam forjar sua identificação racial na vigência do *one drop rule*, que era predominante nos Estados Unidos

no século XX. Eles podiam se passarem por brancos, como muitas pessoas negras de pele clara faziam, porém, sua mãe, Lula Mãe, achou melhor não, mesmo eles não se reconhecendo enquanto negros: “Lula Mãe, podia passar fácil, mas achou melhor não. Ela me contou o preço que pagou por essa decisão” (Morrison, 2018, p. 12).

Como eles vivenciaram a segregação racial, Mel destaca que “nenhum dos dois (seus pais) aceitavam beber em um bebedouro “só para negros” nem que estivessem morrendo de sede” (Morrison, 2018, p. 12), ou seja, desprezar sua própria cor e raça parece algo comum no seio familiar de Mel, por isso, ela despreza e discrimina sua filha pelo fato dela ter a pele escura e por saber dos vários impedimentos e limitações que sofreria na sociedade por ter uma filha da cor escura. Em paralelo, Bride sofria pelo peso de ser preta em uma sociedade estruturada pelo racismo.

As tonalidades de pele negra tornam-se um diferencial para a forma como as pessoas negras são vistas e tratadas pela sociedade. Com isso, a narrativa de *Deus ajude essa criança* traz um debate acerca do colorismo. Nos seu livro de ensaios “A origem dos outros” (2019), Morrison afirma que, ao escrever *Deus ajude essa criança*, “mais uma vez me debrucei sobre o triunfalismo e o engodo promovido pelo colorismo, escrevi sobre suas falhas, sua arrogância e sua eventual autodestruição” (Morrison, 2019, p. 37).

Xavier (2021) destaca que o colorismo nos EUA é praticado desde o século XVII: “essa ideologia racial baseou-se nas diferenciações internas entre negros claros e escuros (Xavier, 2021, p. 100). Através do romance e das pautas levantadas em relação ao colorismo, por meio da personagem Bride, percebemos que o objetivo da escritora era mostrar, através da ficção, que a cor da pele ainda dita como as pessoas negras serão vistas e tratadas em seu seio familiar e na sociedade estadunidense. De acordo com a brasileira Alessandra Devulsky (2021), o colorismo é caracterizado como um braço articulado do racismo e surge como um tipo de discriminação baseado na cor da pele em que quanto mais clara for a tonalidade da pele de uma pessoa e quanto mais traços fenotipicamente europeus tiver, mais será “tolerada” pela sociedade. O oposto acontece quando uma pessoa tem a tonalidade de pele mais escura, tornando, assim, maiores as suas chances de sofrer com a exclusão e o racismo.

O colorismo tende a elaborar e definir alguém pela própria cor da pele, ou seja, a tonalidade da cor da pele de uma pessoa será fundamental para o tratamento que receberá pela sociedade, independentemente da sua origem racial. Isso fica evidente em várias partes do romance: “por causa da cor da pele mais clara de minha mãe, não proibiam que ela experimentasse chapéu na loja de departamento nem que usasse o banheiro das mulheres. E o meu pai podia experimentar sapatos na parte de frente da loja, não na sala dos fundos”

(Morrison, 2018, p. 12). Isso só era permitido porque ambos tinham uma tonalidade de pele negra, só que mais clara, caso contrário, jamais conseguiriam tais benefícios.

As pessoas negras de pele escura, também conhecidos como negros retintos, nos Estados Unidos, como declara Magnoli (2009), não têm o direito de existir e nem ocupar os mesmos espaços que os brancos, pois, de acordo com Gomes (2020, p. 23), “No pensamento dos racistas, a cor preta é tida como uma essência que escurece, tingindo negativamente a mente, o espírito, as qualidades morais, intelectuais e estética da população não-branca, em especial as negras”.

Isso se dá porque, desde a construção do racismo, a cor branca é a maior representação da beleza humana, na qual ocupa um lugar de superioridade na estética humana e inferioriza os corpos e a estética negra. Nesse sentido, criou-se um padrão hegemônico de beleza baseado na Europa, fazendo com que as pessoas negras interiorizem como feiura a cor de sua pele, seu cabelo crespo, lábios grossos e nariz arredondado.

A obra *Em busca dos jardins de nossas mães* (2021), de Alice Walker, foi a pioneira no Ocidente a dar origem ao termo colorismo como um conceito que consiste no tratamento diferenciado dado à mulher negra de pele clara ou escura. Por meio dessa obra, Walker conta a história de várias mulheres com diferentes tonalidades de pele negra e como elas viviam em um mundo organizado para perscrutar seu corpo e sua identidade. Walker (2021) define o colorismo como: “Um tratamento preconceituoso ou preferencial de pessoas da mesma raça com base apenas na cor de sua pele” (Walker, 2021, p. 259).

De acordo com ela, esse tratamento pode ser favorável ou danoso. Walker (2021) também apresenta sua preocupação em relação ao ódio destinado às mulheres de pele negra mais escura (retinta).

[...] Estou constantemente preocupada com o ódio que a mulher negra encontra na sociedade [...] pra mim, a mulher negra é nossa mãe essencial – quanto mais negra ela é, mais nós ela é -, e ver o ódio que se dirige a ela é suficiente para que eu me desespere, quase inteiramente, em relação ao nosso futuro como povo (Walker, 2021, p. 260).

Esse ódio descrito por Walker (2021) é perceptível na sociedade americana, pois as mulheres negras de pele mais escura são as que mais sofrem com os estereótipos, racismo e sexismo. Essas questões são bem evidentes na vida de Bride, que vivencia, desde o seu nascimento, o preconceito de cor. Por ter a pele mais escura que a do seus pais e familiares, acaba sendo rejeitada por eles, que, por séculos, lutaram pelo embranquecimento da família.

Em decorrência da cor muito escura de sua pele, seus familiares tinham muita vergonha da menina, principalmente, a sua mãe, que alega:

Detesto dizer isso, mas desde o comecinho, no berçário, a bebê, a Lula Ann, me dava vergonha, a pele de nascença dela era clara como a de todo bebê, mesmo os africanos, mas mudou depressa, eu quase fiquei louca enquanto ela ia ficando preta-azulada bem na minha frente”. [...] “dá pra pensar que a cor dela é uma regressão, mas regressão pra quê? (Morrison, 2018, p. 12-13).

No nascimento de Bride, Mel achava que a pele da filha seria como a dela e do seu marido, mas a menina, mesmo tendo nascido com a pele clara, logo foi escurecendo, causando desespero e aflição em sua mãe. Para Mel, a cor escura da filha seria o retorno de sua família às origens africanas, origem essa que eles haviam negado e se distanciado há mais de cem anos, pois sua família havia passado por um clareamento gradual da cor.

Tais práticas eram bem comuns nos Estados Unidos, pois os africanos imigrantes que chegavam no país “[...] se quisessem se tornar americanos “de verdade”, precisavam romper, ou pelo menos minimizar muito os vínculos com seu país natal, para assim abraçar a branquidão (Morrison, 2019, p. 40). A repugnância de Mel em relação a cor da filha é em decorrência não apenas do seu preconceito e distanciamento das suas origens africanas, mas também porque ela sabia como era difícil ser mulher e ser preta, ou seja, a vida de uma mulher de cor nos Estados Unidos. Essa dificuldade se intensifica ainda mais quando essa mulher é preta, pois as pessoas ainda são tratadas e classificadas pela cor da pele e a sociedade tem uma visão negativa da cor retinta.

Essa visão não parte somente das pessoas brancas em relação às pessoas pretas, mas também das pessoas negras de pele clara, como é o caso de Mel, que reproduz isso para a filha através de falas e ações que derivam na interferência da forma como Bride se enxergou na fase adulta. Quanto a isso, Nogueira (2021, p. 66, 67) declara que a pessoa negra “vive cotidianamente a experiência de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade. [...] O negro recusa própria imagem e permanece cativo do fantasma da inferioridade, de que seu corpo é socialmente, a marca”. Isso traz consequências trágicas, como acontece com Bride, que cresce odiando a si mesma por conta da sua cor, e esse auto-ódio só é amenizado quando ela decide embranquecer-se.

Isso se dá porque as meninas pretas que se distanciam do padrão de beleza dominante sofrem por serem atribuídas a elas todas as características negativas que são opostas às que descreve as pessoas brancas. Essa visão negativa parte não apenas das pessoas brancas, mas

também de outras pessoas negras, especificamente mulheres pretas de pele clara que se sentem superiores às de pele retinta, mesmo elas não sendo brancas.

O racismo institucionalizado presente na sociedade estadunidense cria uma hierarquia de cor entre as mulheres, nas quais as mulheres negras são as mais afetadas por serem vistas e tratadas de forma discriminatória frente às mulheres brancas, indígenas, latinas e asiáticas-americanas. Para Collins (2019), mulheres negras são “as mais homoganeamente prejudicadas pelo colorismo, que é um subproduto do racismo no país” (Collins, 2019, p. 168) que afeta drasticamente a vida cotidiana dessas mulheres e que criam nelas vários conflitos referentes à cor de sua pele e sua estética.

De acordo com Collins (2019), o colorismo tem ganhado cada vez mais força no Estados Unidos por estar enraizado, assim como o racismo, constituídos nas diferenças criadas pela oposição entre pessoas pretas e brancas. Essas diferenças e hierarquias também são perceptíveis entre as mulheres afro-americanas, que se fundamenta na proximidade entre suas características fenotípicas e tonalidade de pele com a brancura. Isso divide as mulheres negras, de acordo com Collins (2019), em duas categorias: “mais claras” e os “negros escuros”. De acordo com a teórica, isso:

[...] Afeta as mulheres de pele escura e de pele clara de maneira diferente. As mulheres mais escuras enfrentam situações em que são julgadas como inferiores. [...] Instituições controladas por brancos demonstram evidente preferência por negros de pele mais clara, discriminando os mais escuros ou qualquer pessoa afro-americana que pareça rejeitar referências brancas de beleza (Collins, 2019, p. 169).

Essa divisão das pessoas afro-americanas em relação às tonalidades de suas peles é bem visível no romance *Deus ajude essa criança*. Podemos inferir que Bride, por ter a pele escura, é vista por sua mãe como “negra inferior”, enquanto ela, por pertencer ao grupo dos “mais claros”, se vê como superior frente à sua filha. Isso causou, além dos traumas, a falta de afeto na relação entre mãe e filha, pois a mãe de Bride, Mel, se recusa, juntamente com o pai de Bride, a aceitar a tonalidade de pele mais escura da filha.

Por conta disso, tratavam-na, desde o seu nascimento, com indiferença e falta de amor: “Ele (Louis) tratava Lula Ann como se ela fosse uma estranha – mais que isso, uma inimiga. Ele não tocava nela nunca” (Morrison, 2018, p. 13). A pele escura de Bride, em comparação à pele mais clara dos seus pais, resultou no fim do casamento deles, pois Louis achava que teria sido traído por sua esposa. Sobre isso, Mel declara: “foi isso que provocou tudo – que provocou as brigas entre eu e ele. Acabou com o nosso casamento. Tentei convencer meu marido que eu nunca, nunca tinha andado com outro homem. Ele tinha toda a certeza que eu



estava mentindo (Morrison, 2018, p. 13). Após o divórcio, Mel passa a criar Bride sozinha, destilando ódio à filha não apenas por conta da sua cor, mas também pelo término do seu casamento.

Ainda na contemporaneidade, a hierarquia da cor é um grande marcador de distinção e inferiorização das pessoas negras, não apenas no contexto americano, mas também brasileiro, e, até mesmo, mundial, não apenas entre os negros de pele clara ou escura, mas, principalmente, entre os brancos que brutalmente discriminam as pessoas mais escuras que tendem a se distanciarem fenotipicamente dos padrões de beleza branco que define o que é aceito e não aceito.

Com isso, desvaloriza a estética negra, fazendo com que os negros, em especial as mulheres negras, odeiem sua imagem e aparência ao ponto de passarem a supervalorizar a estética branca e tê-la como ideal de perfeição a ser alcançado, pois elas “convivem com um olhar social, construído historicamente, que os compara com o padrão estético do branco, ainda considerado ideal. [...] Construindo uma hierarquia em termos éticos e estéticos, minimizando e desprezando os negros” (Gomes, 2020, p. 141). Por isso, muitas meninas e mulheres negras de pele retinta estadunidenses ou brasileiras introjetaram a dolorosa consciência de que a única maneira de se tornar verdadeiramente bonita era tornando-se branca, pois nossas feições africanas, por muito tempo foram universalmente desvaloriza.

Para Walker (2021), as mulheres negras de pele mais clara conseguem na estrutura social mais oportunidade, ascensão social e um tratamento diferenciado na sociedade frente às mulheres negras de pele escura, mas isso não quer dizer que também não sofrerão discriminação. A respeito disso, na narrativa, Mel sempre descreve as vantagens e benefícios que os negros de pele mais claras têm em relação aos negros de pele retinta nos EUA e afirma que quanto mais clara a pele negra melhor seja, mas que, mesmo tendo alguns favorecimentos, também sofrem com o racismo.

Alguns de vocês podem achar que é um coisa ruim a gente se agrupar de acordo com a cor da pele - quanto mais clara, melhor - em clubes, bairros, igrejas, repúblicas, até escolas negras. Mas de que outro jeito a gente pode ter um mínimo de dignidade? De que outro jeito a gente evita levar uma cuspidinha numa lanchonete, cotoveladas em um ponto de ônibus, andar na sarjeta para deixar a calçada inteira para os brancos (Morrison, 2018, p. 12).

A pessoa negra de pele clara sempre será vista pela sociedade supracista branca europeia como negra, mesmo que o indivíduo tenha traços finos, fenótipos que as fazem parecer mais com os brancos do que os negros. Essa pessoa será um pouco “mais tolerada”

pela sociedade racista, mas nunca será aceita, mesmo não tendo a pele tão escura. Porém, terá alguns privilégios frente aos negros de pele escura, mas esses privilégios não as esquivam de experimentar a discriminação, como foi o caso da personagem.

Mel destaca no romance que ouviu vários insultos por parte da sociedade, mesmo tendo uma tonalidade mais clara de pele negra: “Sem falar nos nomes todos que chamavam a gente. Eu ouvia isso e muito mais” (Morrison, 2018, p. 12). De acordo com Djok (2015):

O colorismo funciona como um sistema de favores, no qual a branquitude permite a presença de sujeitos negros com identificação maior de traços físicos mais próximos do europeu, mas não os eleva ao mesmo patamar dos brancos, ela tolera esses “intrusos”, nos quais ela pode reconhecer-se em parte, e em cujo ato de imitar ela pode também reconhecer o domínio do seu ideal de humano no outro (Djok, 2015, s/p).

O colorismo é mais uma das características cruéis da discriminação racial sofrida pelas pessoas negras. A elaboração da casta de cor criada pela supremacia branca, na qual as mulheres negras de pele mais claras eram valorizadas em comparação às de peles escuras, foi uma criação da sociedade supremacista branca. bell hooks ressalta que a casta de cor, “combinando atitudes racistas e sexistas, individualmente os homens brancos, mostraram-se favoráveis à pele clara e à raça de negros que surgiu como resultado de sua agressão sexual aos corpos de mulheres negras” (Hooks, 2019, p. 247).

A casta de cores faz com que os corpos de mulheres negras de pele clara sejam os mais atraentes e desejados, sendo hipersexualizados, pois, para eles, é o que mais se assemelha à branquitude, sendo os corpos das mulheres negras de pele escura depreciados. Isso se dá também em relação aos homens negros que, em sua maioria, quando não conseguem se relacionar com mulheres brancas, buscam as negras de pele mais clara por serem mais atraentes e mais “parecidas” com o ideal de mulher que todos os homens desejavam se relacionar.

De acordo com Devulskuy, “o colorismo não se restringe apenas ao aspecto físico, à geometria de traços; ele reflete o que há de mais pernicioso no racismo: a introdução de uma hierarquia racial que corresponde a um projeto político” (Devulsky, 2021, p. 126). Ao relatar as experiências sofridas por Mel e Bride, Morrison (2018) objetiva mostrar que o colorismo determina como corpos negros serão tratados, sendo “as mulheres negras que vivenciam o colorismo e o racismo com mais força isso tanto na esfera pública quanto privada” (Devulsky, 2021, p. 54).

O colorismo faz com que as mulheres negras de pele clara tenham dificuldades em se aceitarem e se identificarem enquanto negras, pois, mesmo não sendo brancas, a cor delas cria, como cita Devulsky (2021), uma ultradiferenciação entre mulheres negras e também homens negros que, mesmo sendo “oposição a branquitude, pode ser associada a ela de alguma medida” (Devulsky, 2021, p. 115), isso na visão da pessoa negra de pele clara. Por isso, o colorismo propaga, de acordo com a autora:

[...] Uma ordem de fatores de identificação e associação de qualidades que atendem a fluidez de identidades. Sem fazer com que a ideia de superioridade racial se perca na medida em que dá voz ao racismo, mantendo suas hierarquias identitárias, o colorismo permite que o discurso racista se sofisticue diante da existência cada vez maior dos signos raciais considerados regra e exceção, normal e exótico, civilizado e selvagem, bom e ruim etc. (Devulsky, 2021, p. 116).

De forma cruel, o colorismo, em conformidade com o racismo, transforma o modo como as mulheres negras se percebem e se definem, fazendo com que as mulheres negras de pele clara possam forjar uma identidade subjetiva que, na hierarquia social, não existe, pois, mesmo que a tonalidade da mulher negra seja clara e não se identifique como negra, para a sociedade supremacista branca, os traços e a cor da sua pele já a caracteriza como negra, isso desde a colonização.

Nos Estados Unidos, para uma pessoa ser considerada branca, existem vários critérios. Precisa ter, além da cor branca, o cabelo liso e as características fenotipicamente europeias. Para uma pessoa sofrer com a racialização e discriminação no contexto estadunidense, basta não ser branco. A visão de “quase” brancas, projetado no interior das mulheres negras de pele clara, é introjetado desde a infância, muitas vezes no seio familiar, dificultando seu reconhecimento com sua identidade, ancestralidade e negritude, pois, para não sofrer com tanta invisibilidade, crueldade, bem como a falta de oportunidade, ascensão, desumanização e violência, é fundamental ter a cor ‘certa’, pois o racismo “[c]oloca-nos fora da Humanidade”. Kilomba (2019, p. 19).

Para nos autoafirmarmos enquanto negras, precisamos desenvolver o protagonismo do “orgulho negro” (Devulsky, 2021, p.162), que acontece através do nosso pertencimento político e racial ao passo que resgatamos o eu e nós, reconectando com nossa ancestralidade e identidade negra que é construída na subjetividade e na luta coletiva por políticas públicas voltadas para a toda comunidade negra.

### 3. 3. IDENTIDADE E AUTORRECONHECIMENTO DA MULHER NEGRA

Com a globalização e o descentramento das identidades pós-modernas, surgiu uma ruptura e enfraquecimento das identidades tidas como únicas, ao ponto que outras identidades passam a serem evidenciadas. Stuart Hall (2020), na obra *a Identidade cultural na pós-modernidade*, declara que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 2020, p. 11).

Em decorrência disso, o sujeito pós-moderno surge com o intuito de descentralizar o eu do sujeito, tanto em relação à sua posição no mundo social quanto cultural. Isso possibilita uma quebra do sujeito do Iluminismo ao permitir que uma única pessoa possa ter várias identidades, ou seja, “assumir identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (Hall, 2020, p. 13). Significa dizer que, dentro de cada pessoa, existem identidades divergentes que os levam a trilhar caminhos diferentes, resultando em identificações que estão constantemente sendo deslocadas.

Fica evidente que não nascemos com a identidade construída, ou seja, ela é criada socialmente. A identidade está relacionada à nossa maneira de ser e estar no mundo. De acordo com Hall, na modernidade tardia:

As identidades não são unificadas: Elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2000, p. 108).

As identidades não são únicas, mas plurais, uma vez que interiorizamos discursos, práticas e normas sociais que se transformam de acordo com nossas vivências. Elas são, hoje, percebidas em constante mudança, como afirma Ana Carolina Escosteguy (2001, p. 142): “a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento”.

Este constante movimento nos assegura dizer que a identidade é algo em processo, permanentemente inacabada, e que se manifesta através da consciência da diferença em contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade. Desse modo, a identidade é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros, no qual o indivíduo se constrói e pode modificar-se de acordo com o meio social em que está

inserido. Segundo Hall (2020), o sujeito permanece sempre buscando a identidade, mesmo que de forma inconsciente. O teórico declara que:

Ela (a identidade) permanece sempre incompleta, está sempre “em processo” sempre “sendo formada”. [...] Assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas pelas quais nos imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2020, p. 24-25, grifos do autor).

A identidade individual está em constante construção. Sua origem não se dá apenas da subjetividade de cada pessoa, mas das relações sociais que temos com a sociedade e da forma como essa sociedade vê os indivíduos. Realidade acentuada para as mulheres negras, que tem sua identidade refletida no espelho, baseada na visão depreciativa do seu eu interior e exterior, que foram projetadas desde a era colonial, fazendo com que elas tenham uma identidade individual fundamentada na forma como são percebidas pela sociedade.

Infelizmente, isso acontece desde a infância das mulheres negras. Foi o que aconteceu com *Bride*, que, de forma desumana, foi fabricada para ela uma identidade estereotipada que se distancia do ideal identitário que, por muito tempo, a sociedade supremacista definiu como única. Sendo assim, tanto a mãe de *Bride* quanto a sociedade designaram para a menina uma identidade de não identificação, ou seja, uma identidade que os sujeitos não preferem se identificar, uma herança da era colonial, tida como uma aberração.

A identidade das mulheres afro-americanas é uma das grandes temáticas abordadas por Toni Morrison em suas narrativas. Ela descreve os fatídicos resultados do colonialismo na formação identitária dessas mulheres e, como isso, afeta cotidianamente a forma como elas são percebidas e estereotipadas pela sociedade americana, além de influenciar diretamente a forma como elas se autorreconhecem.

Morrison, no conto *Recitatif*, lançado na antologia “Confirmation: An Anthology of African American Women”, em 1983, conta a história de duas garotas, Twyla e Roberta. Na narrativa, as identidades étnicas e raciais das duas meninas são inexistentes. Com isso, Morrison (1983) evidencia, por meio da literatura, que a construção de uma raça se dá não biologicamente, mas culturalmente.

Morrison, em uma entrevista, ressalta que não revelou a identidade das personagens com o intuito de instigar seus leitores a se questionarem e a refletirem sobre os estereótipos e suposições existentes na estrutura social atrelados aos seus próprios estereótipos e deduções sobre raça e etnia. O conto é narrado de forma fragmentada e apresenta os cinco encontros

entre Roberta e Twyla, que vão desde a infância, quando elas se veem pela primeira vez em um orfanato, e depois quando adultas.

Durante toda a narrativa de *Recitatif*, o leitor não consegue identificar Twyla e Roberta como branca ou negra, pode até supor tal identificação, mas, à medida em que a trama vai acontecendo e elas vão se reencontrando novamente, a suposição perde força. Com isso, a autora nos faz refletir sobre os preconceitos que temos e sobre os estereótipos que especificamos a um determinado grupo de pessoas e os rotulamos corriqueiramente.

A não identificação das personagens em relação a suas identidades raciais gera grandes impactos no contexto estadunidense, talvez seja por isso que Morrison traz para o debate narrativo essas questões. No contexto do lançamento da obra e até nos dias atuais, ainda há a presença do binarismo branco/preto no contexto social da cultura estadunidense. Sendo assim, Toni Morrison desconstrói esse cenário através da ficção e mostra como os discursos sociais são fundamentados em códigos raciais, provando que eles são limitados.

Por conta dos estereótipos e exclusão, é extremamente difícil para pessoas negras formarem a sua identidade, como questiona Munanga (2004, p. 137): “Como formar uma identidade em torno da cor e da negritude não assumidas pela maioria cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento?”. A história da família de Mel, foi construída baseada na luta pelo branqueamento. Alguns de seus familiares até se passavam por brancos por terem a tonalidade de pele mais clara que outros, como foi o caso da avó de Mel, que rejeitava os demais familiares, inclusive os filhos, por terem a pele escura.

Tinham que ver minha avó; ela passava por branca e nunca trocou uma palavra com filho nenhum. Qualquer carta que recebia da minha mãe ou das minhas tias ela devolvia sem abrir. Quase todo mulato e quadrarão naquela época fazia isso, quer dizer se tivesse o cabelo certo (Morrison, 2018, p. 11-12).

A pessoa preta, seja ela americana, brasileira ou de qualquer nacionalidade, desde seu nascimento, vive submersa na ideologia imposta pela hegemonia branca como modelo ideal, no qual a pessoa negra deve seguir e se constituir. Nunca foi fácil a vida das pessoas pretas, pois, mesmo após a escravidão, o ponto de vista a seu respeito ainda é baseado na cor da sua pele e sua identidade, tidos como inferiores pela estrutura social. Por conta disso e do massacre da sua identidade, “o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “tornar-se gente” (Souza, 2021, p. 46).

Após o “clareamento” tão sonhado pelas famílias de Mel e Louis, eles nasceram com a tonalidade de pele clara, ainda assim preta, mas não se identificavam como pessoas pretas.

Para o desespero e sofrimento da família, Bride nasce com a pele bem escura. Por conta disso, desde quando ela era pequena, sua mãe, por ter vergonha dela, evitava circular com a menina em espaços públicos: “Eu não saia muito com ela porque, quando empurrava o carrinho de bebê, amigos e estranhos se abaixavam para espiar e dizer alguma coisa boa, mas aí se assustavam ou davam um pulo para trás, fechavam a cara” (Morrison, 2018, p. 13).

A discriminação e preconceito fizeram parte da realidade de Bride da infância à fase adulta e desencadearam na personagem muitos conflitos, autodepreciação e negação da sua identidade, sem conseguir reagir às opressões e ao racismo. Tudo isso por ser diferente do ideal branco. Quanto a isso, Kathryn Woodward expõe que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) e ao menos dois grupos opostos - nós/eles (por exemplo, servos e croatas); eu/outro (Woodward, 2020, p. 40).

A marcação de diferença, na qual a identidade é fabricada, exclui a mulher negra por conta dos padrões tradicionalistas das relações sociais, tendo a sua identidade como referência negativa. Por não se verem representadas, vivenciam um não pertencimento na sociedade, pois, como destaca Tomaz Tadeu da Silva (2000), a afirmação da identidade juntamente com a marcação de diferenças implica movimentos de inclusão e exclusão de identidades. Segundo ele:

[...] dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteira, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (Silva, 2000, p. 82).

A autorreferência “sou mulher”, “sou preta”, implica dizer que não “sou homem” e não “sou branca”. Esses são marcadores de diferença que classificam as identidades e atribuem valores distintos para as identidades que, segundo Silva (2000), não seguem o parâmetro ideal da identidade supremacista branca. Dotada de características positivas, tida como desejável e única identidade normal, “A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade” (Silva, 2000, p.

84), causando, assim, divisão e classificação social que beneficia e valoriza a identidade branca socialmente e culturalmente, atribuindo as identidades opostas a ela como anormais, inaceitáveis e ruins.

Bride, durante a trama, destaca as memórias infelizes que ela não conseguia esquecer, momentos em que “[...] caçoaram de mim e me magoaram muito” (Morrison, 2018, p. 39). Ela era caçoada pela sociedade por não ser branca e por seus traços negroides, em casa era maltratada e magoada pela mãe que nem sequer lhe dirigia a palavra, e raramente, quando a fazia, era para menosprezar e inferiorizar a garota. Mel justifica seus atos declarando que se sentia mal por não tratar bem a filha e não ter afeto materno por ela, mas, segundo Mel, agir de tais maneiras era a única forma de proteger a filha e prepará-la para enfrentar o mundo, como ela destaca:

Às vezes me sinto mal por causa do jeito que eu tratava a Lula Ann quando era pequena. Mas você tem que entender: eu tinha que proteger a minha filha. Ela não conhecia o mundo. Não valeria a pena ser dura e atrevida mesmo se estivesse com a razão. Não num mundo em que a pessoa podia ser mandada pro reformatório porque respondeu ou reagiu na escola, um mundo em que ela ia ser a última a ser contratada e a primeira a ser despedida. Ela não tinha como saber disso tudo ou saber como aquela pele negra ia assustar os brancos ou fazer darem risada e caçoarem dela (Morrison, 2018, p. 44).

Mel justifica a forma de tratar sua Bride como se estivesse treinando a filha para enfrentar o mundo. Ensinava ela a nunca questionar nada e ser submissa às pessoas na escola, principalmente às pessoas brancas, pois, por ser uma menina preta, essa era a única forma de sobrevivência. Mel sabia como a sociedade americana tratava e excluía a mulher de cor. Por ter a pele um pouco mais clara, ela recebia um tratamento “menos pior”, diferente da filha, que tinha a cor mais escura e recebia um tratamento “pior”. Com isso, Bride vivia em vulnerabilidade, era desvalorizada e coisificada em todos os níveis sociais.

Ser mulher e ter a tonalidade da pele escura são dois marcadores de inferioridade e diferença que justificam o não pertencimento de mulheres negras na sociedade. Elas são rejeitadas por serem mulheres e também por serem negras, criando nelas um doloroso processo de aceitação e rejeição, concebido historicamente e socialmente, que perdura na vida dessas mulheres em todos os seus ciclos de vida.

Com Bride não foi diferente, ela declara que seus colegas da escola a tratavam como “[...] um monstro, estranho, como um pingo de tinta que suja o papel branco” (Morrison, 2018, p. 57-58) e percebia que as pessoas a viam como menos humana ao se comparar com um pingo de tinta, Bride entende sua cor como uma sujeira que viola o mundo branco. A



menina aprende desde cedo que sua cor leva consigo o reconhecimento de um passado escravizado. Por serem vistas como diferentes, as mulheres negras anulam sua identidade e vão em busca da identidade “ideal”, anulando também a sua estética, fabricando sinais de branquitude com o intuito de serem aceitas pela sociedade dominante porque, segundo Fanon (2008, p. 93), “[...] para o negro a alteridade não é outro negro, é o branco”.

Por isso que Bride muda sua identidade, a começar pelo nome. Ainda na juventude, ela que se chamava Lula Ann Bridewell. A garota muda seu nome para Ann Bride, mas essa mudança só durou dois anos. Ao fazer uma entrevista de emprego, muda definitivamente o nome apenas para Bride, como ela enfatiza:

[...] Lula Ann era eu aos dezesseis anos quando joguei fora esse nome cafona, assim que saí do ensino médio. Eu fui Ann Bride durante dois anos, até fazer a entrevista para uma vaga de vendedora na Sylvia, Inc., e tive o palpite e abreviei meu nome pra Bride, sem nada que ninguém precise falar antes ou depois dessa palavra memorável (Morrison, 2018, p. 18-19).

Bride, desde a juventude, assume várias identidades ao longo da sua vida, a começar pelas mudanças em seu nome. Ela abreviou o sobrenome Bridewell para Bride com o intuito de se distanciar da sua antiga vida ao lado da mãe e se reconstruir a partir da mudança de nome e localidade. A palavra Bride era memorável para ela, talvez por remeter à pureza, brancura ou pelo seu significado semântico de mulher que mantém compromisso de casamento com uma pessoa; prometida; numa cerimônia de casamento, a mulher que se casa ou, ainda, mulher recém-casada, ou que está para se casar. Podemos inferir que, com a mudança de nome, Bride tenta “casar com a nova vida” com a intenção de se desvencilhar dos gatilhos da sua terrível infância.

A personagem constrói sua identidade diante da abjeção que experimentou em decorrência da percepção negativa que a sociedade tinha dela por ser uma mulher de pele retinta, sendo assim, ela renuncia à imagem autocriada de si mesma com objeto estético. Esse novo nome traz consigo uma nova estética para a personagem que, com a ajuda de um profissional, personifica o significado do seu nome nas roupas que veste e passa a usar apenas roupas brancas ao ter uma consultoria com o designer Jeri, que a instruiu dizendo:

Você devia usar sempre branco, Bride. Só branco e tudo branco o tempo inteiro”. O Jeri que se dizia designer de “pessoa total”, insistia. Quando me preparei pra segunda entrevista na Sylvia, Inc., fiz uma consulta com ele. ‘Não só por causa do seu nome’, ele disse, ‘mas por causa do efeito com a sua pele de alcaçuz’, ele disse. ‘E preto é o novo preto. Está entendendo? Olhe. Você é mais xarope da Hershey’s do que alcaçuz. Faz as pessoas pensarem em um chantili com suflê de chocolate cada vez que te veem’ (Morrison, 2018, p. 37-38).

Bride cobre seu corpo “preto sudão” com a brancura. O corpo que antes era repudiado e lhe causava dor tornou-se admirado. Sua cor, antes comparada com alcaçuz, uma planta medicinal, que tem aparência grossa e áspera, com a modernização e a nova visão de pessoas pretas vistas como um “produto” estará à venda. Em se tratando de corpos femininos negros, esses além de “produtos” são vistos como objetos sexuais considerados exóticos. A personagem passa a idealizar e amar as feições eurocêntricas que passa a seguir, após a consulta com Jeri, por ser o perfil que ainda define o padrão de beleza aceito pela sociedade e a única forma dela ser “aceita”, pois ter uma identidade que destoa dessa norma é rejeitada.

Bride passa a usar roupas brancas nas suas mais diversas tonalidades: “marfim, ostra, alabastro, branco-papel, neve, creme, cru, champanhe, fantasma, osso” (Morrison, 2018, p. 38), que passou a implicar diretamente com a sua autoestima. O branco das suas roupas tem vários significados, podendo representar o bem-sucedido, desejável, bonito e puro. Bride, então, parte em busca do embranquecimento através de práticas que escondam ou amenizem seus traços e passa a evidenciar as características brancas através das roupas, estilo de vida, lugares que frequenta.

A brancura, para Bride, tornou-se um fetiche. Ela transformou-se, então, escrava da sua própria aparência, definido por DuBois (2021) como “dupla consciência”. Essa foi a forma que encontrou para deixar sua vida um pouco “mais fácil”, sendo tomada pelo que Kilomba (2019) vai chamar de imagem racial repulsiva.

Bride, então, constrói uma identidade superficial e externa que gera na personagem uma obsessão pela beleza física e pela brancura. Ela interioriza o que Morrison chamou de uma das ideias mais danosas do mundo ocidental, que é a aparência externa e a norma branca de atratividade física. A personagem anula e esconde o que se passa em seu interior, em sua subjetividade, que foi construída através de sentimentos de inferioridade por conta da sua cor de pele. Essa diferença classifica e exclui a identidade das pessoas negras.

A protagonista, ilusoriamente, passa a achar que é aceita pela sociedade ao seguir os conselhos do designer de moda, que a instrui a embranquecer através da estética. E ela obtém muitos resultados através dessas mudanças: “Segui o conselho dele e funcionou. Aonde quer que eu fosse, ganhava sempre um segundo olhar, mas não como aqueles de ligeira aversão que recebia quando era criança, esses eram olhares de adoração surpresos, mas famintos” (Morrison, 2018, p. 38).

Os novos olhares que Bride passou a ganhar após seguir os conselhos de Jeri, em primeira estância, parecem causar espanto na personagem. Não eram como os olhares de

repulsa que recebia na infância e juventude, eram de veneração, desejo, admiração, o que, na verdade, era algo para disfarçar o racismo, pois sua imagem é reduzida à imagem de sexo e erotização do seu corpo, sendo disfarçado de elogios e prestígio. Infelizmente, isso não é perceptível pela pessoa preta, pois seu maior anseio é receber o mesmo tratamento dado às pessoas brancas, por isso interiorizam os modelos culturais da branquitude, sendo, para eles, a única forma de serem inseridos socialmente. Bride se vê como se estivesse na mesma posição das pessoas brancas, já que se enxerga pelas lentes e olhar deles.

Sendo assim, na sua luta por pertencimento na sociedade americana, adota padrões brancos de beleza para ser aceita socialmente. Logo no início da narrativa, achamos que ela conquista o “sonho americano” de aceitabilidade ao ascender socialmente, ao conseguir um bom emprego, estabilidade financeira, realização de carreira e também adulação e veneração de todas as pessoas à sua volta, bem como as que foi conhecendo nos lugares aos quais ela passou. Essa é a forma que ela encontrou para abandonar seu passado e mostrar sua identidade atual. Bride, por várias vezes, se pegava questionando sua antiga versão ao dizer: “que tal Lula Ann? Você algum dia imaginou que ia crescer e ficar bacana assim, ou ter tanto sucesso?” (Morrison, 2018, p. 18).

Para o entendimento das problemáticas envolvendo o sujeito negro, é muito importante conhecermos a forma como ele concebe sua identidade, especialmente em contextos sociais em que a pessoa negra sofre com o racismo, como acontece com Bride na narrativa, pois, para a mulher negra, torna-se ainda mais difícil. Como sujeitos identitários e políticos, elas são frutos de uma conexão de heterogeneidade, pois, além delas sofrerem com a discriminação e o racismo, sofrem também com o machismo e o sexismo, sendo, assim, despercebidas na estrutura social em que vivem.

Bride consegue dar a volta por cima e se torna uma grande empresária, mas, quando tem uma discussão com seu namorado, Booker, que decorre do inexplicado rompimento do relacionamento por parte dele, ela se sente mais uma vez abandonada e passa a revelar um lado frágil e doloroso que vinha escondendo desde quando mudou seu nome e adotou uma nova identidade, que poderíamos adjectivar de uma “falsa identidade”. Bride visualmente mudou bastante, mas essas mudanças são apenas externas. Ela, então, passa a viver cercada de indagações.

A minha vida está desmoronando. [...] O que está acontecendo? Eu sou jovem; sou bem-sucedida e bonita. Bonita de verdade, então! Mel! Então por que estou tão arrasada? Por que ele me deixou? Tenho o que eu trabalhei para conquistar e sou boa nisso. Tenho orgulho de mim mesma, tenho mesmo. [...] Eu me abri inteira com ele, contei tudo: cada medo, cada mágoa, cada conquista, por menor que fosse. Falando

com ele, algumas coisas que eu tinha enterrado vieram à tona tão novas como se eu visse aquilo pela primeira vez (Morrison, 2018, p. 55).

Bride se dá conta de que sua vida está desmoronando, mesmo após ascender socialmente, se tornar bonita, algo que, segundo ela, só era possível após introjetar a estética branca, considerada bela. A personagem remete à mãe ao afirmar que é bonita porque, na sua infância inteira, a mesma lhe mostrava através de falas e gestos que Bride era esquisita e desprovida de beleza.

A partir da desilusão amorosa, passa a desenterrar os traumas e dores do seu passado ao lado da sua mãe e de sua comunidade. A protagonista, então, descreve tudo o que tinha dito sobre sua vida ao namorado e suas vulnerabilidades após novamente se sentir sozinha, abandonada e insegura emocionalmente. Passa, então, a externar o que ocorre em seu íntimo.

Como ele teve coragem? Por que ele a deixaria desprovida de todo conforto, de segurança emocional? [...] Ele era parte da sua dor – não um salvador, absolutamente, e agora a vida dela estava destruída por causa dele. Os retalhos da vida que ela havia remendado: glamour pessoal, controle em uma profissão excitante, criativa, até liberdade sexual e, acima de tudo um escudo que a protegia de qualquer outro sentimento intenso demais, fosse raiva, vergonha ou amor (Morrison, 2018, p. 79).

A versão adulta de Bride foi construída através da sua profissão de sucesso, roupas glamorosas, liberdade sexual, tudo isso, foi usado por ela para remendar a antiga vida quando era Lula Ann Bridewell, remendos esses que encobriam as dores e traumas deixados através da falta de afeto, racismo e rejeição que ela sofreu por parte da sociedade e de sua genitora. Após a desilusão amorosa, tudo que ela havia lutado para esconder em seu interior vem à tona. Bride consegue, com muita coragem, remendar os retalhos da sua vida ao vencer barreiras impostas pela sociedade, ter projeção no seu trabalho e uma vida sexual badalada, mas isso não preenchia o vazio que Bride carregava em sua alma.

Ao conseguir ascender socialmente, de acordo com Souza (2021, p. 51), contribui para “[...] ampliar o fosso que o separava de sua identidade enquanto indivíduo e enquanto grupo” e, no seu interior, permanecem as dores, angústias e questionamentos de quando ela era apenas a garotinha Lula Ann. As marcas deixadas pelo seu passado são quase que impossíveis de serem superadas ou esquecidas, tornando-se muito difícil ela se autodefinir como mulher negra.

Depois de findado o seu relacionamento com Booker, Bride fica obcecada pela espuma de barbear do ex-namorado; sempre cobria o rosto com a espuma de barbear. Percebemos que a repetição de tal ato pela personagem parte do seu desejo insciente de ter a

pele branca ou, pelo menos, clarear a sua pele retinta, por isso ela era “escrava” da própria aparência, tornando a brancura como um fetiche, pois está associada à aceitação, à afeição e ao amor, coisas que ela nunca teve.

Ao descrever um dos dias em que, cotidianamente, ela pegava a espuma de barbear, a personagem se questionar sobre o porquê de estar triste:

[...] então por que ainda está triste? Num impulso, abro o armário do banheiro e pego o pincel de barbear dele. [...] Preciso de espuma. Rasgo uma caixa elegante que contém um tudo de espuma corporal. [...] Espremo um pouco na saboneteira e molho o pincel. Ao espalhar a espuma no rosto fico sem ar. Ensaboo as bochechas, debaixo do nariz. Eu sei que é uma loucura, mas olho o meu rosto. Os meus olhos parecem maiores e brilhantes. O meu nariz está perfeito, e os meus lábios no meio da espuma branca parecem tão realmente beijáveis que todo neles com a ponta do dedo mínimo (Morrison, 2018, p. 38-39).

O fetiche de Bride pela brancura habita o seu inconsciente, mesmo que ela não externasse isso e parecesse uma mulher negra segura de si, sendo uma mulher negra que vende sua negritude a todos. Mas o que passa no seu inconsciente é o fetiche pela brancura e isso é resultado das vivências com sua mãe, da forma como a mãe a tratava em decorrência de sua cor escura, além de Bride sonhar em ter uma estética padrão, considerada aceitável e bela.

Por isso que, ao cobrir seu rosto com o branco da espuma de barbear, vê-se branca, olha para o espelho e nota suas características fenotípicas mais acentuadas e próximas do padrão eurocêntrico. Admirar o rosto embranquecido no espelho parece ser um refrigério para ela, que vai ainda mais longe quando admite:

[...] Além disso quando fico deprimida a cura está guardadinha num canto onde fica o equipamento de barbear dele. Enquanto faço espuma com água morna, mal posso esperar o pincel e depois a navalha, a combinação dos dois me excita e me acalma ao mesmo tempo. Me faz lembrar sem dor dos momentos em que caçoavam de mim e me magoaram. Deixava aqueles nomes e o bullying viajarem como vírus mortais pelas minhas veias sem nenhum antibiótico disponível”. (Morrison, 2018, p. 39).

Ao usar apenas roupas brancas, a personagem eleva sua autoestima, além de refletir na maneira como Bride se vê diante das pessoas à sua volta e a forma como quer ser vista por essas pessoas. É também por essa razão que ela usava a espuma de barbear como válvula de escape do mundo real. Bride, ao ensaboar o rosto, transcende para o mundo irreal desejado por ela, no qual sua pele é branca, suas cicatrizes e traumas gerados pelo racismo são curados, fazendo com que se lembrasse de todos os episódios de discriminação vivenciados, sem nenhum sofrimento ou dor, pois não mais sofreu com a negação das pessoas.

Nogueira (2021, p. 105) diz que isso acontece porque as pessoas negras tornam-se “[...] desejantes de características físicas que os aproximem “do branco”, que os

“humanizem”. Visto que o corpo da pessoa negra está em conexão a história dos negros, que não foram considerados humanos, por isso seu corpo [...] “é a negação daquilo que deseja, pois seu ideal de sujeito, sua identificação, é o inatingível – o branco” (Nogueira, 2021, p. 106).

Por isso, identidade é um conceito complexo desenvolvido por diversos teóricos. Manuel Castell (1999) destaca que, embora as identidades sejam formadas por meio das relações sociais, elas somente se admitem como tal a partir do momento em que são interiorizadas pelos sujeitos, processo esse que Castell chama de autoidentificação. Segundo Ricardo Ferreira (2000), a identidade, enquanto categoria, é pessoal, mas também social e política, pois é tida como uma referência porque através dela o sujeito se autorreconhece e consegue se constituir.

A identidade é extremamente importante para entendermos como uma pessoa se constitui, influenciando na sua forma de existir no mundo. Tendo em vista que as relações entre os seres humanos, inclusive as de ordem intersubjetiva, estão perpassadas por relações de poder e manutenção de interesses, podemos compreender o contexto das relações raciais em que se observa uma efetiva visão acerca da desigualdade entre a população negra e a branca, gerando preconceito, violência, discriminação e racismo.

#### **4 DEUS AJUDE ESSA CRIANÇA: AUTOACEITAÇÃO E INTERSECCIONALIDADE**

Agora as pessoas escolhem suas identidades.

Agora as pessoas escolhem ser negras.

(Toni Morrison)

Este capítulo foi desenvolvido em face das análises literárias, como o romance expressa, através das vivências das mulheres negras, a intersecção entre gênero, raça e sexualidade, e como as marcas profundas deixadas por ambos, causam traumas e dificuldades em se aceitarem enquanto negras, e de que forma o empoderamento corrobora para a autovalorização das personagens negras da narrativa.

As marcas deixadas na vida da pessoa negra em relação à sua não aceitação e identidade negra causam muitos traumas e o desejo dessas pessoas passa a ser o de transformar seus corpos, afastando-se cada vez mais de sua identidade e indo em busca de uma outra identidade. Esse fato aconteceu com Bride no decorrer da narrativa e percebemos o quanto ela se preocupa com seu corpo e sua aparência.

Por isso, fica perceptível que ela, desde a infância, carrega feridas, tristezas e dores que encobre para a sociedade, bem como para as pessoas à sua volta com seu trabalho empresarial no ramo dos cosméticos, que a torna reconhecida socialmente, tornando-se uma guru no ramo. O sucesso a levou, de forma irracional, a ser altamente consumista. Apesar da sua reinvenção, seu eu interior permanece continuamente traumatizado. Dinheiro ou fama não conseguiram mudá-la. Isso só acontece quando Bride parte em direção ao autorreconhecimento do seu eu e de sua identidade enquanto mulher negra.

De acordo com Collins (2021), as mulheres pretas precisam criar uma identidade autodefinida, pois pertencem ao grupo mais privado de direitos, daí a importância de construir sua identidade desvinculada do modelo de identidade da hegemonia branca. A respeito disso, a teórica relata que:

Muitas lutas lideradas por comunidades racializadas (negras, indígenas, de cor) apontam para a importância da identidade na construção de sujeitos políticos coletivos e para as possibilidades transformadoras que se abrem com as identidades politizadas formadas internamente e, em troca, dão forma a lutas sociais mais amplas. A política identitária repousa sobre uma relação recorrente entre indivíduos e as estruturas sociais, quando os primeiros criam um coletivo baseado em lugares sociais semelhantes em relações de poder. Uma vez uma identidade transformada pode ser transformadora e duradoura (Collins, 2021, p. 209-210).

As lutas que as mulheres negras enfrentaram para se autoaceitarem e se reconhecerem em sua identidade negra são internas e externas. Isso é muito significativo para o contexto social em que estamos vivendo, tendo grande influência para as mulheres pretas no coletivo ao romperem com as barreiras e conseguirem relatar as condições sociais em que estavam imersas, buscando inserir políticas públicas onde elas também sejam inseridas.

#### 4.1 CORPOS ESCRAVIZADOS E CORPOS NEGROS

Ao usarmos o termo “corpos escravizados” como diferente de “corpos negros”, pretendemos sublinhar o que Morrison (2020, p. 106) destaca como: “[...] o fato de que a escravidão e o racismo são dois fenômenos separados. As origens da escravidão não são necessariamente (ou mesmo em geral) racistas. Comprar e vender pessoas é comércio antigo”.

O tom de pele das pessoas negras na sociedade estadunidense sempre irá remeter ao status de pessoa escravizada, o que faz com que eles sejam tratados com inferioridade, dando origem a uma hierarquia racial. Assim, atribuindo poder à supremacia branca para que tornassem os corpos negros violáveis, sendo dominados e explorados. Infelizmente, isso ainda é impregnado no subconsciente da sociedade supremacista branca. Para Morrison, isso ocorre porque:

[...] A passagem, portanto, da desonra associada ao corpo escravizado para o desprezo pelo corpo negro se deu quase que de forma harmoniosa, pois os anos intermediários do Iluminismo assistiram ao casamento entre estética e ciência, bem como uma movimentação em direção a uma brancura transcendente. Nesse racismo, o corpo escravizado desaparece, mas o corpo negro permanece, transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas [...]” (Morrison, 2020, p. 107).

Após a escravatura, as pessoas escravizadas achavam que ganhariam espaço na sociedade e poderiam, de fato, viver em liberdade e poder ter seus direitos adquiridos como os outros, mas isso não aconteceu. Mesmo não tendo mais seus corpos reféns da escravidão, a cor de suas peles marcaria para sempre esse fatídico período na vida das pessoas negras, não lhes destinando o básico para sua sobrevivência em sociedade, sendo assim, passaram a pertencer à camada mais pobre da sociedade, sendo estereotipados, vistos como violentos, criminosos e incapazes, portanto, não dignos de possibilidades sociais igualitárias.

Em decorrência disso, Gomes (2020, p. 250) destaca que o corpo se localiza “em um terreno social e subjetivamente conflitivo. Ao longo da História, ele se tornou emblema ético,



e sua manipulação tornou-se característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes”.

Como estamos imersos na cultura branca e ocidental, que ainda é detentora do poder, sofremos com as diferenças corporais e estéticas. Bride, desde a infância, sente-se como um corpo estranho habitando na sociedade estadunidense em detrimento das hierarquias criadas pelo ocidente para os corpos que os classificam em: feio, bonito, nariz arredondado, nariz afilado, lábios grossos, lábios finos, cabelos crespos e cabelos lisos, que classifica o corpo de Bride e de todas as mulheres negras como um corpo estranho e disforme, desprovido de qualquer tipo de beleza, estando sempre em desvantagem se comparado ao corpo de mulheres brancas.

De acordo com Nogueira (2021, p. 65), o corpo, além do seu caráter biológico, é “afetado pela religião, grupo familiar, classe, cultura e outras intervenções sociais”. Sendo assim, ele também exerce uma função ideológica, ou seja, a aparência de uma pessoa, sua condição social, são parâmetros que medem a integridade de um indivíduo. Portanto, “o corpo funciona como marca de valores sociais; nele a sociedade fixa seus sentidos e valores. Socialmente, o corpo é um signo” (Nogueira, 2021, p. 65). Sendo assim, a função do corpo, tido como um grande sistema de expressão, não se finda.

A partir disso, algumas pessoas negras partiram em busca do branqueamento para conseguirem o mínimo de dignidade na sociedade, outras foram em busca do clareamento através dos relacionamentos e das mudanças em seu corpo, afastando-se dos seus traços originais. Nogueira (2021, p. 66) argumenta que “A rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro de autorrepresentação dos indivíduos”.

Os corpos das mulheres negras estadunidenses, de acordo com Collins (2019), foram controlados durante séculos pelo capitalismo, pois era fonte de renda para a sociedade capitalista dos Estados Unidos. De acordo com a teórica:

Controlar os corpos das mulheres negras foi especialmente importante para as relações de classe capitalistas nos Estados Unidos. Quando se trata das experiências das mulheres negras estadunidense, duas características do capitalismo são notáveis. A primeira é que o corpo das mulheres negras foi objetificado e transformado em mercadoria sob as relações de classe capitalista nos Estados Unidos. A objetificação das mulheres negras, são transformados em mercadoria estão intimamente ligadas – a objetificação do corpo das mulheres negras o transforma em mercadoria que pode ser vendida ou trocada no mercado. Corpos mercadolizados de todos os tipos se tornam marcadores de status nas hierarquias de classe estabelecida por raça e gênero (Collins, 2019, p. 230).

Sendo os corpos negros vistos como impróprios e insignificantes, os corpos femininos negros são vistos como exóticos e como mercadoria sexual, sendo objetificados. Bride, desde a infância, percebe-se como estranha e diferente das demais pessoas ao seu redor. Na juventude, isso fica ainda mais evidente, pois não conseguia se relacionar com as pessoas, nem mesmo com seus pares.

A personagem era vista pelos homens apenas como um corpo negro disponível, violável e, como declara Kilomba (2019, p. 142), “um corpo sexualizado desejável”, pois a imagem da mulher negra, construída na ótica do colonizador, transita entre a “mãe negra”, obediente, submissa e a mulher negra hipersexualizada, ao imperar o mito da mulher negra sempre disponível. Isso se dá porque, de acordo com Collins (2019, p. 227), “a hipersexualidade negra é conceituada como intergeracional e resistente à mudança”.

Bride, desde a juventude, é vista pelos homens à sua volta e, principalmente, pelo os quais ela se relacionava, apenas como um corpo sensual, no qual todos queriam “usá-lo”. “Os homens queriam pular em cima de mim”. (Morrison, 2018, p. 40). Ela nunca se sentiu amada ou que seus parceiros se importavam em conhecê-la para além do ato sexual. Após embranquecer e aproximar-se da estética branca e seu ideal, a personagem que, antes era despercebida pelos homens, passa a garantir vários olhares por onde quer que andasse. “Aonde quer que eu fosse, ganhava sempre um segundo olhar, [...] esses eram olhares de adoração surpresos, mas faminto”. (Morrison, 2018, p. 38). Esses eram olhares que geravam no imaginário social a visão de mulheres negras apenas como material de prazer, como um corpo exótico, explorável e dominável.

O design pessoal que Bride procurou para ajudá-la a mudar seu visual e imagem deixa evidente a ela o quanto a sua cor simbolizava algo desejável. Ele, então, afirma que a cor de Bride, ao vestir-se de branco, “faz as pessoas pensarem em chantili com suflê de chocolate toda vez que te veem” (Morrison, 2018, p. 39). Ele ainda afirma a Bride que “preto vende. É a commodity mais quente do mundo civilizado” (Morrison, 2018, p. 40). Ao se referir à cor preta como vendável, fica evidente que a negritude ainda continua sendo mercantilizada pela sociedade ocidental.

Ao ouvir isso do design e introjetar sua fala, Bride mudou sua aparência e, para além disso, refez seu modo de ser e estar na sociedade estadunidense:

Verdade ou não, isso me fez, me refez. Comecei a me mexer de outro jeito- não empertigada, sem aquela pressa da pelve de quem está fugindo -, mas um passo largo, lento, focado. Os homens pulavam em cima e eu deixava me pegarem. Por algum tempo, pelo menos, até minha vida sexual virar uma espécie de Diet Coke – engana que é doce, mas não alimenta.

Mais como um jogo de PlayStation imitando a alegria segura da violência virtual e tão breve quanto. Todos os meus namorados eram tipo: pretendente a ator, rappers, atletas profissionais, jogadores atrás da minha xoxota ou do meu talão de cheques como uma mesada; outros, já tendo conseguido, me tratavam como medalha, uma prova calada e brilhante da potência deles (Morrison, 2018, p. 40).

Percebemos que Bride compara sua vida sexual com um jogo de PlayStation, uma explícita redução do corpo feminino negro ao *status* de mercadoria e isso é uma herança colonial, na qual as mulheres negras eram mercadorias dos seus senhores, lhes garantindo muito retorno financeiro. As falas de Jeri mudaram a forma de Bride andar e se portar. Através dos conselhos e dicas, ela aprendeu a usar sua negritude para seu próprio benefício. Ao utilizar as estratégias dele, Bride começa a ser vista pelos homens, mas esse olhar não é de admiração, mas de desejo por seu corpo. Ela, então, passa a se relacionar com inúmeros homens que corriam atrás dela em busca de satisfação e, algumas vezes, até do seu dinheiro. Nenhum dos seus relacionamentos passavam disso, até porque a própria Bride se relacionava de forma superficial com eles.

As mulheres negras são objetificadas em vários binarismos. Essas diferenças, de acordo com Collins (2019), exercem, juntamente com a objetificação, grande poder nas opressões interseccionais. Desde a colonização, ao serem procriadoras, essas mulheres foram objetificadas como menos humanas: elas “[...] são objetificadas ao serem retratadas como pedaços de carne, como animais sexuais à espera de subjugação” (Collins, 2019, p. 235)

Bride destaca que em seus relacionamentos nunca se sentiu amada, bem tratada e cuidada. Ela, então, destaca que nenhum dos homens que já tinha se relacionado “era generoso, atencioso – nenhum interessado no que eu pensava, só na minha aparência” (Morrison, 2018, p. 40).

A personagem, então, descreve uma terrível experiência proporcionada por seu ex-namorado ao levá-la para conhecer sua família.

Me lembro bem de um certo encontro, um estudante de medicina que me convenceu a ir com ele visitar a ir com ele visitar a casa dos pais no Norte. Assim que ele me apresentou, ficou claro que ele queria assustar a família, um jeito de ameaçar aquele velho casal branco e bondoso.

“Ela não é linda!”, ele ficava repetindo. “Olhe só para ela! Mãe? Pai!” os olhos brilhando de malícia.

Mas eles tiveram muito mais classe do que ele, com o seu acolhimento – por mais falso que fosse – e gentileza. Óbvio que ele ficou decepcionado, a raiva mal reprimida. Os pais chegaram a me levar de carro até a estação do trem, provavelmente para eu não ter que aguentar a fracassada piada racista dele com os velhos. [...] Esse era o panorama quanto aos homens [...] (Morrison, 2018, p. 41).

Os homens com os quais Bride se envolvia queriam exibir sua beleza. Alguns, como o mencionado acima, submetia a personagem a situações de humilhação e desrespeito. Por saber que seus pais eram racistas e por querer confrontá-los, levou Bride para conhecê-los. Ela ficou extremamente desconfortável com tal feito e sentiu-se como cobaia de um rapaz racista que decidiu relacionar-se com Bride com o único intuito de confrontar seus pais. Assim, bell hooks (2019, p. 304-305) infere que “machismo e racismo trabalham juntos para garantir a opressão e exploração de mulheres negras”.

Bride luta para se desvencilhar da invisibilidade na qual ela era cercada na infância, sendo assim, não queria ser só mais uma mulher negra na sociedade estadunidense, queria ser notada, principalmente pelos homens. O racismo e preconceito vivenciado na infância criaram nela:

[...] uma imunidade tão forte que não ser uma “neguinha” era tudo que eu precisava para vencer. Me transformei em uma beldade de um negro profundo que não precisa de botox para ter lábios beijáveis, nem de spas de bronzamento para esconder uma palidez mortal. E não preciso de silicone na minha bunda. Eu vendia minha elegante negritude a todos aqueles fantasmas da infância e agora me pagavam por isso (Morrison, 2018, p. 58).

Bride faz uma crítica à estética branca, na qual as mulheres buscam, cada vez mais, seguir um ideal de beleza, o que as tornam reféns desses padrões a ponto de mudarem seus corpos e suas imagens. Bride não queria ser só mais uma mulher negra, queria visibilidade, aquela que não teve na infância. Então, usa seu corpo e sensualidade feminina para chamar a atenção das pessoas, mesmo que fosse uma atenção momentânea. A imagem que as pessoas, em especial, os homens, têm dela é de que é uma “gostosa”, sendo visto apenas o seu corpo, que é tido como liberável e disponível a qualquer momento para o sexo.

Ela, por ser uma grande empresária do ramo da beleza, sempre participava de vários eventos. Em um lançamento de um produto de sua marca, Bride destaca como os homens olhavam-na com desejo: “[...] constantemente elogiada na festa – que linda, que bonita, tão gostosa, tão graciosa, todo mundo diz” (Morrison, 2018, p. 53).

Fica evidente que a percepção das pessoas em relação a Bride se dá em face da sua estética corporal atrelada às roupas brancas, elegantes e caras que ela usava, pois não existe nenhum padrão estético que seja neutro. Desse modo, a identificação com o corpo negro é extremamente difícil. Em virtude disso, Bride anulou seu corpo e parte em busca do corpo branco. Sabemos que tal feito é impossível de acontecer, tendo em vista que a cor da pele e o seu corpo determinam o modo de estar na sociedade americana e no mundo. Isso ocorre

também em detrimento da violência racista de cor, que deu atributos negativos ao corpo da pessoa negra.

Bride se envolve durante a narrativa em vários relacionamentos, sem qualquer sentimento por parte dos rapazes que ela conhecia e até dela mesma. Percebemos que sua vontade era, na maioria das vezes, satisfazer seus desejos sexuais. Isso muda quando a personagem conhece o Booker, um rapaz negro. Bride se envolve com o rapaz e, logo de início, sente algo diferente, pois percebe que ele não era igual aos homens que ela tinha conhecido anteriormente, passando a se conectar com o rapaz.

Mas o relacionamento é rompido por causa de um conflito mal resolvido entre eles. Isso desencadeia vários gatilhos da infância de Bride ao se sentir, mais uma vez, abandonada. Ela, então, sente que sua vida está desmoronando: “eu estou indo pra cama com vários homens que nem sei como chamam e não lembro de nada” (Morrison, 2018, p. 55). Estando em um momento de vulnerabilidade, ela acabava se relacionando sexualmente com inúmeros homens e com isso, sentia-se ainda mais objetificada.

Ao partir em busca do seu ex-namorado para buscar justificativas para o término do relacionamento, Bride começa a procurar onde ele residia e acaba passando por uma situação com uma estranha que lhe destina ofensas racistas, como se ela fosse “[...] alguma coisa que o guaxinim encontrou e não quis comer” (Morrison, 2018, p. 136).

As falas ecoaram como um choque em Bride, que engoliu a seco, mas não recrutou, então, lembra que “durante os últimos três anos, ela só tinha ouvido que era exótica, deslumbrante – em toda parte, de quase todo mundo -, incrível, um sonho gostoso, nossa!” (Morrison, 2018, p. 136). Essas falas que, para Bride, soavam como elogios, na verdade, são falas racistas e de objetificação disfarçados pela sociedade eurocêntrica como elogios.

O corpo da mulher negra é forçado a servir a branquitude, sendo um ícone para a sexualidade negra em geral, o que na sociedade estadunidense fica muito evidente. Seu corpo só recebe atenção quando é sinônimo de “acessibilidade, disponibilidade, quando é sexualmente desviante” (hooks, 2019, p. 134).

A mulher negra aceitar seu corpo e suas características fenotípicas, que ainda é muito preterido pela sociedade sexista e racista do ocidente, é um ato de resistência. Essa transição do rejeitar para o aceitar-se também é considerado um ato político, assim, bell hooks destaca que:

Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos

corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração (Hooks, 2005, s/p).

Essa conexão entre a mulher negra, seu corpo e seus pares, ainda é muito complexa, mas, a partir do momento em que a pessoa negra, mais especificamente a mulher negra, se autorreconhece e aceita a sua identidade negra, seu interior e exterior são transformados. Ela passa a não seguir mais o que dita a branquitude, mas a valorizar, amar e enaltecer seu corpo e sua estética. Ela desenvolve um eu que se distancia do eurocentrismo e resiste à objetificação do seu corpo, passando a autovalorizar-se.

Audre Lorde (2021) diz que a autodefinição da mulher negra é extremamente importante, pois não causa apenas uma transformação individual, mas essas mulheres, a partir do momento que aceitam o que veem ao se olharem no espelho, partem em direção a outras mulheres para, assim, causarem mudanças sociais. Bride, após mudar seu corpo e sua estética em busca da aceitação e valorização da sociedade americana, ao longo da sua vida adulta, percebe que tais feitos não mudaram a forma como ela era vista e tratada por essa sociedade. Ascender socialmente não resolveria o problema do racismo e discriminação que ela vivenciava diariamente.

A partir do momento em que ela passa pelo processo de autodescoberta, sua transformação fica evidente através das suas atitudes, pensamentos e atos. A personagem, então, passa a empoderar-se ao ponto de passar a conhecer a si mesma, sem permitir as interferências externas. De acordo com Collins (2019, p. 211): “O empoderamento pessoal do autoconhecimento, mesmo em condições que limitem severamente a capacidade de agir, é essencial”. As mulheres negras passam a resistir cotidianamente às imagens de controle que as desumaniza juntamente com as ideologias dominantes e tais ações possuem importância política. Ao passo que as mulheres negras se identificam como negras, valorizam sua identidade, cultura e ancestralidade, desafiam a branquitude e legitimam seu poder como sujeito humano, além de passarem a reivindicar respeito e a lutar por espaço na sociedade.

#### *4.2 ADEUS A TUDO AQUILO: AUTOACEITAÇÃO, AUTOAFIRMAÇÃO E EMPODERAMENTO*

O preconceito e a discriminação condicionam e determinam como Bride se relaciona afetivamente com sua mãe, pai e toda a sociedade. Ela se afasta do seu corpo, identidade e de si mesma ao ponto de autonegar-se. Em um dado momento da narrativa, afirma não ser a pessoa que gostaria de ser. Quando seu namorado Booker enfatiza, ao terminar o

relacionamento, que ela não era a mulher que ele queria, então, ela rapidamente replica dizendo “nem eu”, (Morrison, 2018, p. 16), posteriormente, ela se questiona: “ainda não entendi porque eu disse aquilo. Simplesmente saiu da minha boca” (Morrison, 2018, p. 16).

O desejo de pertencimento causa em Bride aversão às suas características físicas, pois esse direito lhe é negado porque ela é preta. Ela pertence ao grupo dos não aceitos, que são inferiorizados. Isso faz com que ela sinta ódio de si mesma e veja sua estética como algo problemático. De acordo com Berth:

Temos então, nesse campo, um elemento importante nos processos de dominação de grupos historicamente oprimidos, pois uma vez que se cria padrões estéticos pautados pela hierarquização das raças ou do gênero, concomitantemente criamos dois grupos: o que é aceito e o que não é aceito e, portanto, deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejado (Berth, 2020, p. 113).

Através disso, a visão das mulheres negras em relação a elas mesmas passa a ser distorcida. Isso é fruto do colonialismo que manipulava e dominava essas mulheres, como aconteceu com Bride que se tornou refém do que a sociedade dizia sobre a sua aparência, por isso era tão obcecada por ela. Ao passo que mudar seus traço para se aproximar do que é considerado aceitável, que é o ideal branco, ela tenta clarear através das roupas brancas, cabelo liso e ascensão social, mas permanece frustrada e isso acaba afetando o seu consciente, pois sente auto-ódio.

Isso afeta a autoimagem da mulher negra e impede que ela possa se aceitar e se empoderar, dando margem para diversas insatisfações. Por isso, de acordo com Berth (2020, p. 97): “seguimos a partir daí e ao longo da história, em um mergulho profundo e quase irreversível em um estado de alienação a respeito de nós mesmos e de nossa autoimagem”.

Dessa forma, torna-se difícil para a pessoa preta se autoafirmar, pois, de acordo com Souza (2021), ser um uma mulher negra ou um homem negro tem se transformado numa constante construção, um eterno tornar-se. Para ela:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 2021, p. 77).

A pessoa negra, ao se autoaceitar, constrói identificações positivas sobre si, se distanciando do que a sociedade supremacista branca o identifica e busca resgatar a sua

história, ancestralidade e amor por sua cor, introjetando que ela é sinônimo de luta, resistência, força e conexão entre si mesma para se resgatar. Isso não acontece em um estalar de dedos, mas de forma gradativa. Berth (2020, p. 114) afirma que esse resgate “[..] é lento e gradual daquilo que fomos e que podemos retomar para continuar sendo”.

Ainda nessa ideia do constituir-se, Woodward (2000, p. 28) esclarece que: "ao ver a identidade como uma questão de "tornar-se" aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas herdadas de um suposto passado em comum”.

Bride, em meio aos vazios internos e falta de completude, parte rumo à jornada de autodescoberta, autodefinição e cura. A única maneira de redenção da personagem é voltar ao início, ou seja, voltar à infância figurativamente e literalmente. Para isso, não basta apenas revisitar seu passado, como ela fez no início da narrativa ao se relacionar com Booker.

As dolorosas lembranças de Bride assumem a forma de uma viagem física de volta ao corpo de infância, de quando ela era apenas a garotinha frágil e triste. Ela começa uma espécie de viagem mística que começa com alterações significativas em seu corpo. Primeiro, ela percebe que seus lóbulos estão novamente virgens, embora ela os tenha perfurado quando tinha oito anos; depois, perde altura e sente o corpo diminuir, logo em seguida, percebe que seus seios haviam sumido, depois, a menstruação atrasa “[...] ela estava perturbada pelo fato de não ter menstruação havia pelo menos dois meses, talvez três” (Morrison, 2018, p. 103).

Por fim, os pelos pubianos também desaparecem, e isso causou vários sentimentos e sensações em Bride. Fizeram a personagem compreender que “de peito chato, sem pelos pubianos ou debaixo dos braços, sem furos nas orelhas e com peso estável, ela tentou, mas não conseguiu esquecer o que acreditava ser sua louca transformação de volta de uma apavorada menininha negra” (Morrison, 2018, p. 134).

Com isso, podemos inferir que a transformação corporal de Bride aponta a necessidade que ela tem de confrontar os fantasmas do seu passado enquanto criança em seu presente, o maior deles é a sua relação com a sua cor de pele e estética, que foi inferiorizada e negada. Ela é obrigada a reabilitá-lo para se livrar da frustração e da dor que seu pequeno corpo negligenciado uma vez suportou.

Além das mudanças corporais que Bride é submetida, ela também embarca em uma viagem para encontrar o ex-namorado Booker e buscar justificativas pelo término. Ela sofre um acidente na estrada e é encontrada e acolhida por uma criança branca, que Bride define como “um rostinho branco como ossos” (Morrison, 2018, p. 89). A menina, então, foi buscar



ajuda para resgatá-la: “o homem que a resgatou levou Bride à sua casa improvisada e ao invés de estuprá-la ou torturá-la pediu que a esposa cuidasse dela” (Morrison, 2018, p. 84). A atitude foi inesperada por Bride, pois era comum os homens brancos associarem os corpos das mulheres negras como objetos de uso, podendo ser violado a qualquer momento, ainda mais nas circunstâncias nas quais ela se encontrava, perdida e machucada, em uma estrada escura.

Logo que isso acontece, Bride é acolhida na casa rural da família hippie branca e, por conta dos ferimentos, da perna machucada e seu carro ter quebrado, ela é forçada a viver com eles por seis semanas. Para Raisin, a criança branca que resgatou Bride, sua cor, causava nela questionamentos e ela pergunta à sua mãe, Evelyn: “Por que a pele dela é tão preta? Pela mesma razão que a sua é tão branca. Ah, igual o meu gatinho, é isso? Certo. Nasceu assim”. (Morrison, 2018, p. 84).

Ao ouvir a conversa entre elas, Bride achou a conversa fácil entre mãe e filha, sentiu-se bem cuidada, bem tratada pela primeira vez por pessoas brancas que não queriam nada em troca dela: “[...] ali estava entre pessoas que viviam a vida mais crua, disponíveis para ela, sem hesitação, sem pedir nada em troca” (Morrison, 2018, p. 88). O que diferenciava eles das outras pessoas que Bride já tinha encontrado pela vida a fora é que eles apenas a viam e tratavam-na como uma pessoa igual a eles, sem distinção ou preconceito por ela ser preta.

Bride passa a vivenciar uma vida simples, totalmente destoante do que ela vivia na Califórnia. Ao se distanciar do luxo e das atenções voltadas para ela em seu ambiente de trabalho e nos lugares os quais frequentava, ela sente-se totalmente desprotegida e necessitada de ajuda, transformando-se novamente na criança carente que ela era na infância. Ela vê-se obrigada a desnudar-se das roupas brancas e, conseqüentemente, do seu fetiche pela brancura, representada tanto pela sua estética, pelas roupas brancas, como do seu eu interior que havia embranquecido. Todo à volta de Bride reconheciam seu fetichismo pelo branco, até mesmo seu namorado: “ela sempre insistia em usar apenas roupas brancas” (Morrison, 2018, p. 127).

Ao se distanciar para um ambiente diferente do que vivia, faz com que ela se veja obrigada a não seguir mais o padrão branco de suas roupas, passando a usar camiseta e calça jeans, o mesmo estilo de quando era apenas a garotinha Lula Ann. Logo que se recupera do machucado na perna e seu carro sai do conserto, Bride pega a estrada novamente em busca do seu ex-namorado para, pela primeira vez em sua vida, conseguir confrontar alguém. Ele “[...] era a única pessoa que ela era capaz de confrontar – que era a mesma coisa de confrontar a si mesma” (Morrison, 2018, p. 95).

Bride “[...] sentia ser sido zombada e rejeitada por todo mundo a vida inteira. [...] ela não valia alguma coisa? Nada? Bride questiona o seu valor e o quando foi menosprezada por

todos a sua volta” (Morrison, 2018, p. 95). Ao ter chegado no “fundo do poço” do seu desamparo, ela passa a expor as suas vulnerabilidades. À medida em que ela revisita o seu corpo infantil, se reconecta consigo mesma, encontrando sua voz, por não se sentir pressionada a seguir um padrão e a estar sempre muito arrumada e bonita. Bride se desnuda fisicamente e mentalmente da capa branca que a encobria e busca criar uma identidade baseada no seu eu. Essa identidade, segundo Collins (2019), é o ponto de partida para a autoaceitação da pessoa negra.

A longa viagem em busca de Booker também é uma longa jornada na qual Bride relembra suas vivências da infância difícil ao lado da mãe e das conversas sobre essas lembranças com o ex-namorado, levando-a a uma jornada de autodescoberta. Bride tem a oportunidade de se autodefinir de forma positiva e se autoaceitar e mudar a sua autoimagem. Ao definir a si própria, ela “cria mecanismos de autoamor e autovalorização” (Berth, 2020, p. 121). Bride passa a se autodefinir e se empoderar, descolonizando o eu e a visão inferiorizada que lhe foi imposta. Esse processo é longo e essa desconstrução é permanente, pois, diariamente, as pessoas negras são vistas e tratadas no meio social como diferentes, sofrendo com o racismo, que é traumático.

Ela mostra no seu exterior ser uma mulher segura e empoderada, mas não conseguia manter essa pose o tempo inteiro: “De vez em quando ela abandonava a faixa de controle total da mulher moderna, profissional sensacionalmente bem-sucedida e confessava algum defeito ou lembrança dolorosa da infância” (Morrison, 2018, p. 127). Ela conseguia se desnudar da capa branca apenas quando estava com Booker, assim, revelando suas inseguranças e dores ao amado.

Apesar do racismo e das limitações enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade, elas têm reconstruído sua identidade baseada na autodefinição e autoaceitação, mesmo sendo um processo difícil, longo e, apesar do bombardeio e das diferenças que a estrutura social as tem predestinado, elas têm resistido e buscado um lugar de protagonismo, tornando-se sujeito, não deixando mais que as diferenças raciais as definam e as enclausurem.

Essas ações tornam-se uma resposta aos estereótipos ao responder ao racismo se autodefinindo e se aceitando, além de criar uma identidade politizada, não apenas como algo particular da mulher preta, mas algo que traz resultados significativos para elas no coletivo. Bride, mesmo com todas as pressões impostas pelo meio social e também familiar, consegue, ainda que na fase adulta, autoafirmar-se enquanto mulher negra.

Bride vivencia, assim como todos os negros, o conflito rejeição/aceitação, que não é atual, existente no contexto histórico estadunidense que foi marcado pela escravidão e legado

por muitos conflitos internos. De acordo com Gomes (2020, p. 138), o processo de rejeição/aceitação do ser negro é "construído social e historicamente e permeia a vida desse sujeito em todos os seus ciclos: infância, adolescência, juventude e vida adulta".

Ao rejeitar a sua identidade e, conseqüentemente, a si mesma, tais ações geram danos à subjetividade da pessoa negra e sua relação pessoal com outros sujeitos negros. Mel, ao negar sua identidade negra e rejeitar a filha por ser preta retinta, distancia-se dela afetivamente, causando danos emocionais não apenas em Bride, mas para ela também, pois passa a viver em um abrigo quando idosa.

É perceptível que ao não se aceitar e não aceitar a filha causa questionamentos em Mel quando já está idosa. Ela justifica tudo o que fez com a filha e sente remorso por isso: "por todas as pequenas coisas que eu não fiz ou que fiz errado" (Morrison, 2018, p. 164), mas não se arrepende e ainda declara que "[...] fiquei muito perturbada, senti até repulsa pela pele preta dela quando nasceu. [...] Lula Ann foi um fardo. Pesado. Mas eu suportei bem" (Morrison, 2018, p. 164). Mel preparou a filha para suportar o peso da discriminação e inferiorização de sua cor e identidade.

A mulher negra, ao aceitar sua cor, identidade e traços negroides, se autodefine e isso tem uma grande importância política, gerando uma tomada de consciência quanto à sua identidade. Com isso, Collins (2019, p. 205) fala que essa mulher parte rumo "A uma compreensão de que nossa vida pessoal foi fundamentalmente moldada por opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe". Elas passam a rejeitar o que a sociedade eurocêntrica diz a seu respeito e as imagens de controle que essa sociedade lhe rotula. Elas próprias passam a se autodefinirem. Tal ato as valida socialmente como seres humanos ao passo que se autovalorizam.

A autoaceitação e o empoderamento são pensados historicamente por intelectuais negras, então, esse conceito não é novo. As mulheres negras nunca foram totalmente desempoderadas. Angela Davis (2016) declara que o empoderamento nunca foi uma novidade para as mulheres negras afro-americanas, pois era uma das grandes estratégias utilizadas por elas, desde o século XIX, para sobreviverem e resistirem às opressões.

De acordo com Mel, as coisas mudaram um pouquinho na metade dos anos noventa ao saber da gravidez de Bride. Ela confirma isso e ainda enfatiza que, para a filha, não seria tão difícil ter um filho (a) preto retinto, difícil foi no início dos anos noventa, quando ela teve sua filha muito escura, destoante da sua cor e da cor do seu ex-esposo. Mel declara que a filha não teria o mesmo problema que ela: "[...] se ele (o pai do bebe) é tão preto como ela. Se for, ela

não vai precisar se preocupar como eu” (Morrison, 2018, p. 163). Ou seja, o pai da criança não iria lhe abandonar como o pai de Bride fez com ela e sua mãe.

Mel também destaca que as coisas melhoraram um pouco para as pessoas negras retintas, como Bride, e que, aos poucos, já conseguiam ascender socialmente, sendo vistos em alguns poucos lugares de destaques na sociedade estadunidense: “As coisas mudaram um pouquinho desde quando eu era moça. Tem preto azulado por aí, na televisão, em revista de moda, comercial, até trabalhando no cinema” (Morrison, 2018, p. 164).

Ao reencontrar o ex-namorado e fazerem as pazes, Bride também reencontra e se reconecta consigo mesma, conseguindo se desvencilhar dos traumas de sua infância. Ela mostra que “tendo confessado os pecados de Lula Ann, ela se sentia renascida. Não mais forçada a reviver, não, a superar o desdém de sua mãe ou o abandono do seu pai” (Morrison, 2018, p. 150).

Bride supera a necessidade de quando era a criança, Lula Ann, que lutava pela aceitação de sua mãe e, conseqüentemente, a aceitação de toda a sociedade. Quando adulta, consegue se curar das dores causadas pela rejeição, racismo e necessidade de ser aceita a qualquer custo. Ela, então, depois de uma jornada tenra, passa a aceitar a si mesma, fugindo da superficialidade de sua aparência e cor da sua pele.

Ela empodera-se ao passo que toma consciência e aceitação de sua corporeidade negra. Isso influencia na elevação de sua autoestima ao passar por uma ressignificação da sua autoimagem, afastando-se da imagem que a sociedade estadunidense tem dela enquanto mulher negra. Bride passa a não enxergar mais no reflexo do espelho o preconceito que tinham por sua corporeidade e fenótipo, pois, segundo Collins (2019, p. 281): “Quando as mulheres negras aprendem a sustentar novos “espelhos” umas para as outras, nos quais possamos nos ver e amar pelo que realmente somos, novas possibilidades de empoderamento por meio do amor profundo pode emergir”.

Para isso precisam se preparar constantemente para enfrentarem os entraves políticos que a cor escura de suas peles, cabelos e características fenotípicas impõem, e o quanto, ainda, de acordo com Berth (2020, p. 128):

[...] Terão de trabalhar interna e externamente para amadurecer as práticas intelectuais e psicológica – que levam ao empoderamento, que serão expressos por um verdadeiro amor a si mesmo, a sua aparência real de pessoa negra, e aos traços de ancestralidade que carregamos na raiz de nossa formação como indivíduo.

Há grandes limites e barreiras impostos pela supremacia branca que tenta impedir as mulheres pretas de se aceitarem e se autorreconhecerem enquanto mulheres negras. A rejeição

a elas, tanto em relação ao convívio social quanto em relação às relações afetivas, está presente desde a infância. A sociedade supremacista branca, a qualquer custo, tenta ridicularizá-las e inferiorizá-las através de atitudes racistas com o intuito de que rejeitem a si mesmas.

Mas essa realidade tem mudado significativamente. Por meio da literatura e dos movimentos sociais, muitas meninas e mulheres negras têm se autodescoberto e tido um novo olhar sobre sua identidade enquanto mulheres negras. Elas têm se autoafirmado e resistido ao sistema de dominação racista que tenta, a qualquer custo, enclausurá-las. Com a autoafirmação e restauração da sua identidade negra, “a recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (Munanga, 2019, p. 16).

O empoderamento não diz respeito apenas ao poder de autodefinir-se, amar a si própria ou lutar pelos direitos pessoais ou apenas pelos direitos de um determinado grupo. Berth (2020, p. 106) declara que precisamos “pensar o empoderamento em relação à transformação coletiva”. Precisamos pensar o empoderamento como ação, como práticas voltadas para o coletivo.

Collins (2019) destaca que precisamos refletir sobre o conceito de empoderamento. Ele não está relacionado apenas às subjetividades das mulheres negras, mas também pensá-lo de uma maneira mais abrangente, em conexão com as estratégias de luta política e, mais especificamente, em relação à interseccionalidade entre gênero, raça, classe e sexismo que as mulheres negras vivenciam cotidianamente. Para Berth, precisamos considerar o empoderamento:

Uma aliança entre conscientizar-se criticamente e o transformar na prática algo contestador e revolucionário em sua essência. Partirmos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si. O que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno do inimaginável: o empoderamento tem a contestação e o novo em seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvida, uma verdadeira ponte para o futuro (Berth, 2020, p. 153).

O empoderamento individual das mulheres é muito importante, mas também é de suma importância empoderarem umas às outras de forma coletiva para que haja conscientização e transformação social, pois o empoderamento é um trabalho político. É fato que o empoderamento perpassa pelo modelo de poder que abrangem esse processo, como declara Berth (2020, p. 153), pois nós podemos nos empoderar individualmente e

“ampararmos outros indivíduos em seus processos, consciente de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual pelo coletivo”.

A autoaceitação e o autorreconhecimento por parte de nós, mulheres negras, têm um poder transformador que cura as feridas geradas pela discriminação e racismo. Ao mudar a nossa consciência, valorizarmos nossa negritude, passamos a tê-la como responsabilidade e a mediar esse processo de autodescoberta e aceitação de outras meninas e mulheres negras que ainda se veem pelas lentes da supremacia branca. Porém, ao passo que passam pelo processo de autodescoberta, suas mentes, atitudes e vidas são descolonizadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, investigamos como são apresentados os processos da identidade e do colorismo da protagonista Bride e sua mãe Mel em *Deus ajude essa criança*. Compreendemos a forma como o cotidiano, vivenciado por elas no ambiente familiar e na sociedade estadunidense, que coloca as pessoas negras, mais especificamente as mulheres negras, em posição desprivilegiada influenciou na construção de suas identidades e autorreconhecimento enquanto mulheres negras. Observamos que a literatura afro-americana de autoria feminina ressignifica a linguagem que foi criada com o intuito de anulá-las. Elas passam a usá-la com o intuito de resgatar a si mesmas, não explanando palavras sem sentido, mas como lugar de luta e ativismo.

Também pudemos observar que, por intermédio de sua escrita, a mulher negra faz um processo de subversão a partir das suas personagens, dos espaços, dos contextos e das temáticas abordadas em suas obras. Elas se reinventam por meio da escrita e, através disso, “nomeiam uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (Kilomba, 2019, p. 28).

As mulheres negras, ao se transformarem em escritoras, se tornaram protagonistas dos seus próprios enredos, oportunizando o debate e análise na literatura sobre pautas relacionadas à sua exclusão, à desigualdade, às opressões interseccionais e aos papéis que lhes foram recusados pela sociedade, criando um espaço “onde o pessoal é político e, como tal, pode ser estendido a uma polarização do eu focado em fazer compreender as maneiras pelas quais sexo, raça e classe, juntos determinam nosso destino individual e nossa experiência coletiva” (hooks, 2019, p. 66-67).

Escritoras negras, como Toni Morrison, têm contribuído para a expansão do feminismo negro estadunidense. Esse movimento social e político se opõe a essas opressões que se interseccionam. O feminismo negro, como vimos, foi criado para oferecer subsídios para a mulher negra sobreviver e combater as injustiças econômicas e sociais no contexto estadunidense, além de elaborar estratégia para que elas resistam às imagens de controle que depreciam, objetificam e desumanizam nós, mulheres negras, através da ideologia dominante, que tem o intuito de manter-nos na condição de subordinadas.

Ao promover a autodefinição das mulheres negras afro-americanas, como observamos no romance, o feminismo negro combate essas imagens de controle ao ponto de nos emponderar para que possamos resistir à forma como somos tratadas pela branquitude a partir do momento em que apresentam as nossas vivências e experiências com o intuito de

modificar e/ou melhorar a nossa condição de vida, bem como a forma como nos enxergamos e nos compreendemos.

*Deus ajude essa criança*, última obra publicada por Toni Morrison antes do seu falecimento, é mais uma das obras da escritora que nos surpreende pela complexidade de temáticas abordadas em uma narrativa curta, mas potente. A obra delinea-se em volta do racismo vivenciado por todas as personagens negras do romance, com maior ênfase nas dolorosas marcas deixadas na vida de Bride.

Nesse sentido, estas marcas criam traumas profundos, mas, apesar disso, ela busca reconstruir sua identidade, tendo em vista que a identidade para nós, mulheres negras, não representa apenas o contato com nossas origens e ancestralidade, representa a busca do nosso eu para nos conectarmos, para reconhecermos a nossa grandeza, valor, coisas que na nossa subjetividade necessitam ser reafirmadas para nós mesmas constantemente.

O que Morrison traz de novo nessa narrativa é que a protagonista Bride, uma mulher negra que sofre com a falta de afeto materno, com os padrões estéticos, racismo, discriminação, preconceito, que busca a todo custo branquear-se, sofre com as imagens de controle, apesar de todas as feridas causadas, por ser vista e tratada na sociedade americana como a “Outra”. A protagonista passa por uma jornada de cura, autodescoberta, aceitação da sua identidade negra e empoderamento pessoal. Percebemos que esse processo não foi fácil para ela, mas, em nenhum momento, adquire uma identidade vitimizada, pelo contrário, a personagem passa por cima das barreiras e resiste a todas as atrocidades vivenciadas no seio familiar e na sociedade americana.

Bride torna-se, na narrativa, um diferencial em relação às outras mulheres. Mesmo com os obstáculos, rompe com o sistema que tenta moldá-la conforme o ideal branco, seus preceitos, e passa a construir seus próprios caminhos, tendo que enfrentar as marcas traumáticas deixadas pelo racismo e preconceito. Ao narrar o processo identitário de Bride, Morrison representa a mulher negra americana através da ficção, com a finalidade de denunciar o sistema colonial e o racismo que, por questões de gênero e política, domina e detém as mulheres segundo o patriarcalismo.

As vivências de Bride na ficção se assemelham muito com as vivências da maioria das mulheres negras retintas ao redor do mundo, mesmo com sua individualidade e particularidades, ao sentir na pele a dor da rejeição por parte dos seus pais e da sociedade. Essas dolorosas experiências se conectam de forma coletiva com as de outras mulheres negras no plano real. Isso se dá porque o passado colonial ainda é muito presente na sociedade contemporânea. Kilomba (2019, p. 213) diz que ele foi “memorizado” no sentido de que não



foi esquecido”, o que torna as experiências das pessoas negras com o racismo como algo traumático e impossível de ser esquecido.

Por isso, precisa existir a descolonização da sociedade. Assim, acontece de forma individual e interna, pois as pessoas negras necessitam desconectar o seu eu do “Outro” e conectar-se com seu eu e sua subjetividade. Nós, negros, mais especificamente nós, mulheres negras, não precisamos e não deixaremos mais que os Outros falem em nosso nome: “Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve e somos quem narra, somos autores e autoridade de nossa própria realidade. [...] tornamo-nos sujeito (Kilomba, 2019, p. 238).

É importante ressaltar que *Bride*, no romance analisado, conta a sua história através da sua própria perspectiva e experiências particulares ao viver na sociedade supremacista branca que a domina e a oprime enquanto mulher negra. Na narrativa, ela é livre para contar suas histórias, que passa através das dolorosas experiências com o machismo, racismo, colorismo, e parte em busca de cura e autodescoberta, ao passo que reconstrói o seu eu, baseado em sua subjetividade, passando a não permitir que as opressões a defina ou a controle.

*Bride*, em sua jornada de autoaceitação e construção de sua identidade negra, se opõe à desumanização. Isso foi imposto desde o seu nascimento, a começar dentro de casa através das falas e ações de sua própria mãe, uma mulher negra que não se via e nem se reconhecia enquanto negra por ter a pele negra clara.

Com isso, podemos inferir que as mulheres negras estadunidenses foram muito prejudicadas pelo colorismo se comparadas a outras mulheres ao redor do mundo, sendo interligado com o racismo e os padrões estéticos de beleza, influenciando na forma como essas mulheres serão tratadas cotidianamente pela supremacia branca. Elas vivem em constante dilema em relação às cores de suas peles, aos padrões de beleza e aos tipos de cabelos, que tendem a pressioná-las a branquearem-se para, enfim, se sentirem bonitas e seguirem um padrão.

Por isso, o processo de autorrecuperação e autoaceitação é tão importante para nós, mulheres negras, pois “permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação” (hooks, 2019, p. 78). Isso faz com que desenvolvamos o autoamor, amor por nossa ancestralidade e identidade, façamos as pazes com nós mesmas e com a imagem que vemos refletir frente ao espelho, fortalecendo nossa autoestima, aceitando a nossa negritude e resistindo aos estereótipos, nos valorizando, autodefinindo, validando o nosso poder enquanto sujeitos que não aceitam mais que amordacem nossas bocas para silenciarem nossas vozes. Passamos a erguê-las, não aceitamos que todos falem por nós e em nosso nome. Nós mesmas,

na posição de sujeito, somos protagonistas das nossas próprias histórias, partimos em busca de mudar o mundo para nós e para a futura geração de mulheres negras.

As obras de Toni Morrison provocam vários sentimentos e sensações em seus leitores com suas narrativas nada previsíveis e impactantes que descrevem, mesmo que de forma ficcional, a realidade diária das afro-americanas. De forma proposital, ela dá destaque em sua narrativa a protagonistas negros, em maior parte a mulheres negras. Através disso, Morrison objetiva dar visibilidade para que essas mulheres, sendo o outro do outro, de acordo com Kilomba (2019), hipersexualizadas e estereotipada em uma sociedade altamente racista, discriminatória e preconceituosa, possam, ao se conectar com o seu eu interior e se autorreconhecerem, resistirem à hegemonia.

Assim, através de sua escrita, Morrison cria espaços de resistência e potencializa a cultura e literatura negra afro-americana ao ponto que ela continua, mesmo após a sua morte, se expandindo e dando visibilidade às causas sociais das mulheres negras dos Estados Unidos.

Apesar das dores, traumas e feridas na alma de Bride, Morrison mostra que nós, enquanto mulheres negras, podemos nos curar e que o racismo e discriminação não definem, de fato, quem somos, ao nos ressignificarmos e transformarmos a visão errônea que a supremacia branca impôs a nós, mas caminhar “[...] em direção a uma visão libertadora que transforme nossas consciências, nosso próprio ser” (hooks, 2019, p. 74).

Ao final dessa pesquisa, aprimoramos nossos conhecimentos a respeito da crítica afro-americana, feminismo negro, processo identitário, colorismo e o racismo cotidiano que permeiam as vivências das mulheres afro-americanas. Durante o processo de escrita dessa dissertação, passei internamente pelo processo de autorrecuperação do meu eu e minha identidade, pois a escrita foi um ato de restauração, permitindo que reencontrasse o meu eu liberto da máscara branca e da mentalidade do colonizador. Esse processo, assim como o processo de escrita, não foi fácil, algumas vezes foi doloroso, mas, no final, desenvolvi uma identificação positiva com minha própria negritude, alcançando minha descolonização.

Estando na posição de pesquisadoras, mulheres e negras, estamos, como salienta Kilomba (2019), contribuindo com a descolonização do conhecimento acadêmico ao trazermos para o centro das nossas pesquisas o conhecimento da margem através da literatura produzida por mulheres negras que, por meio dos seus locais de escrita e fala, nomeiam suas realidades e vivências, dando visibilidade às opressões interseccionais e ao racismo que afetam tanto a vida cotidiana contemporânea da comunidade negra quanto as realidades intergeracionais.

Claramente, em um único estudo, não conseguiríamos abordar todas as temáticas existentes na narrativa, pois o romance *Deus ajude essa criança* aborda várias temáticas atuais e urgentes que precisam ser discutidas. Com nossos objetivos concretizados e, apesar de pouco estudo sobre esse romance no Brasil, esperamos que nosso estudo possa contribuir para pesquisas futuras. Acreditamos, assim como hooks (2019), que a escrita de mulheres negras não é sem sentido, mas estão em constante ação, pois também é lugar de luta e resistência.

## REFERÊNCIAS

ANGELOU, M. **Still I rise**. Tradução de Mauro Catopodis. (Fragmento). Disponível em: <[http://www.palavrarte.com/Poesia\\_Mundo\\_Trad/poepelomun\\_eua\\_maya\\_poemas.htm](http://www.palavrarte.com/Poesia_Mundo_Trad/poepelomun_eua_maya_poemas.htm)>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ADICHIE, C. N. **O perigo da história única**. Tradução: Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade** (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) - ed. Pólen: São Paulo.2019.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2021.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, UFSC, 2000.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2020.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLOOM, H. Introduction. In: BLOOM, H. **Modern Critical Views: Toni Morrison**. New York: Chelsea House, 1990. p. 1-5

BONNICI, T. **Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais**. Bauru: Mimesis, Vol. 19, N. 1, 1998, p. 7-23.

BRODEY, K. R.; MALGARETTI, F. G. **Focus on English and American Literature**. Milan: Modern Languages, 2002.

CARDOSO, C. D. **Outras falas: feminismo na perspectiva de mulher negras brasileiras**. Tese (doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 121. 2012.

CASTELLS, M. **O Poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York. Routledge, Chapman and Hall, 1990.

\_\_\_\_\_. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Soc. estado**. [online]. 2016, vol.31, n.1, p. 99-127. ISSN 0102-6992. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em 05 Mai. .2022.

\_\_\_\_\_. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política de empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2021

COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 15/04/2022.

CRUZ, V. S. **Me Gritaram Negra**. Disponível em: < <https://feminismo.org.br/megritaram-negra-poema-de-victoria-santa-cruz/18468/>> Acessado em: <11/06/2022>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEVULSKY, A. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Feminismos plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

DJOK, A. **Colorismo, o que é, como funciona**. Disponível em <http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC, 2000.

FEUSER, W. **Aspectos da literatura no mundo negro**. Salvador: CEAQ, 1969.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte. 2. ed. Autêntica, 2020.

GOMES, H. T. A literatura afro-americana: seus dilemas, suas realizações. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 19, p. 105-119, 1999.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, p. 223-244, 1984.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Editora Vozes. Petrópolis- RJ. 2000.

HILLSTROM, K. **Defining Moments: The Harlem Renaissance**. New York. Omnigraphics, Inc. 2008.

HOOKS, b. Alisando Nossos Cabelos. Tradução: Lia Maria dos Santos. **Geledés**. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 12/01/2023.

HOOKS, b. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, b. **Erguer a voz**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, b. **Intelectuais Negras**. Revista de Estudos Feministas, vol. 3, nº 2, Florianópolis, UFSC, 1995, p.464-478.

HOOKS, b. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOVE, T. B. Toni Morrison. In: BERTENS, J. W.; NATOLI, P. J. (orgs.), **Postmodernism: The Key Figures**. Oxford: Blackwell Publishers, 2002. p. 254-259.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARSEN, N. **Passing**. New York: Dover, 2004.

LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155.

LORDE, A. **Irmã Outsider: Ensaio e Conferências**. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LORDE, A. Uma ladainha por sobrevivência. In: The Collected Poetry of Audre Lorde. New York. Ed: W. W. Norton, 1997. Tradução: Tatiana Nascimento. Disponível em: <http://kk2011.confabulando.org/index.php/Main/AudreLorde> Acesso em: 07 fev. 2022.

MAGNOLI, D. **Uma gota de Sangue: histórias do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MORRISON, T. **Sula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

\_\_\_\_\_. **A fonte da autoestima: Ensaio, discursos e reflexões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019 (recurso digital).

\_\_\_\_\_. **O olho mais azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **Deus ajude essa criança**. Tradução José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination**. United States: Vintage Books, 1992.

\_\_\_\_\_. **Recitativ**. The Oxford Book of Women's Writing in the United States. WAGNER-MARTIN, Linda & DAVIDSON, Cathy (Eds.) Oxford, New York: Oxford University Press, 2016, p.159-175.

MUNANGA, K.. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NIGRO, C. M. C. Identidades e exclusão: As personagens femininas de Toni Morrison e Maya Angelou. *In*: LOPES, L. P. da M.; BASTOS, L. C. (orgs.). **Para além da identidade: fluxo, movimento e trânsitos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 151-166.

NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PEREIRA, M. I. **As identidades, as relações com os sujeitos e suas práticas sociais**. Diaphonia, e- ISSN, v.2, n.11. 2016.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Universidade Feevale – Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em:  
<<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em 20 mai. 2021.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento:2017. (Feminismos plurais).

SALGUEIRO, M. A. A. **Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas: Estados Unidos e Brasil**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SANTOS, D. B. **Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2019.

SILVA, T. T. A Produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TYLER, B. M. **From Harlem to Hollywood: The Struggle for Racial and Cultural Democracy – 1920-1943**. New York: Garland, 1992.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Tradução por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WALKER, A. **Em busca dos jardins de nossas mães**: prosa mulherista. Tradução Stephanie Borges. 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

WALTER, R. Literatura, História e Memória no Contexto Pós-colonial. **Revista Etomia**, v.01, n.3, p.1-11, julho. 2010.

WOODWARD, K. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

XAVIER, G. **História Social da Beleza Negra**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.